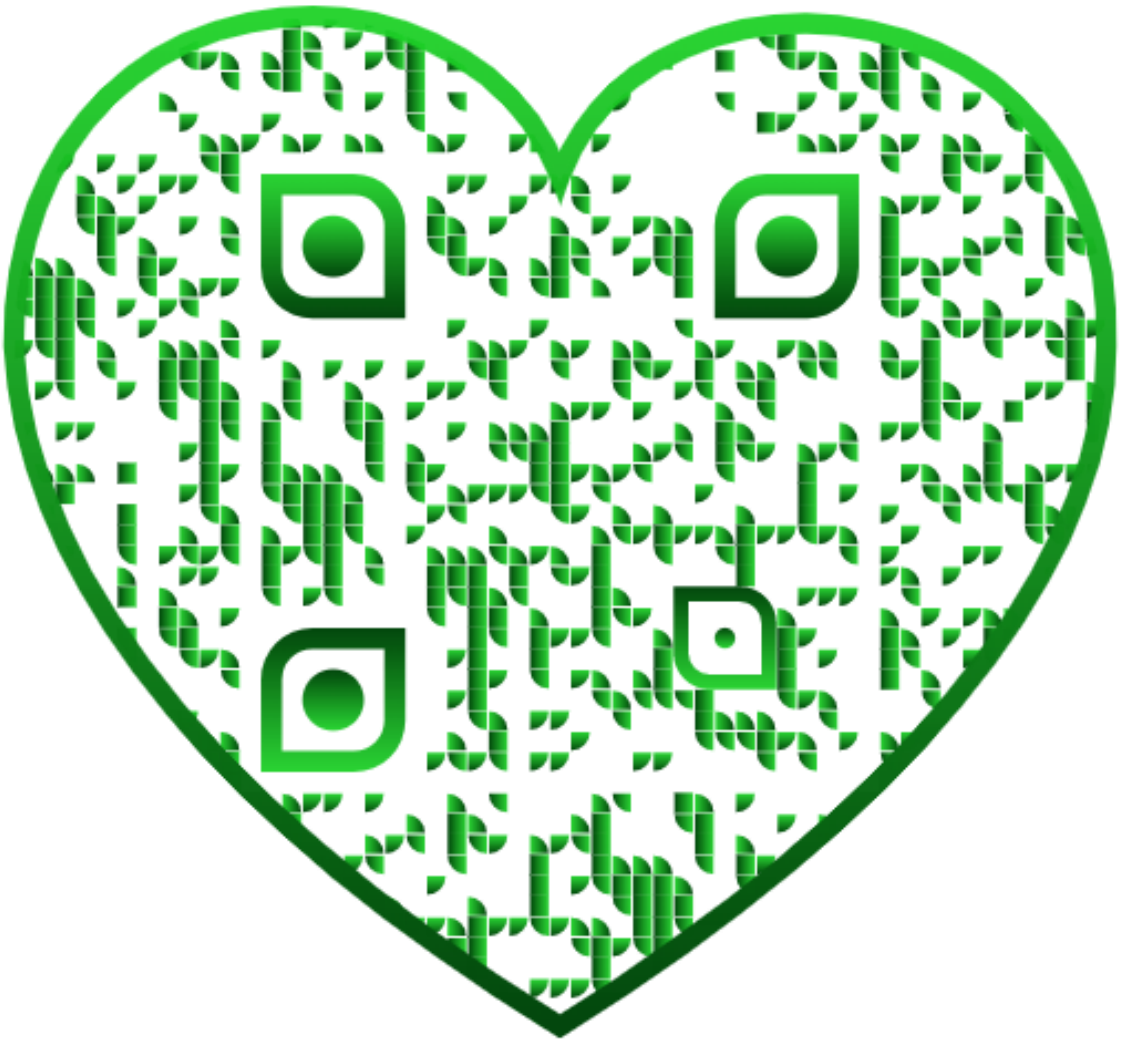
LOUD!

MENSAL
ANO XX
N.º 223
10/2019
€3.50
[CONT.]

Lacuna Coil

OPETH MÃO MORTA HAMMERFALL REFUSED
LIFE OF AGONY OF MICE & MEN EXHORDER



OF MICE & MEN

EARTHANDSKY

OUT NOW

RISE RECORDS

Prime ARTISTS

EDITORIAL
JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

ALMA NEGRA

Os italianos Lacuna Coil estão de volta à capa da LOUD! e na bagagem trazem um novo álbum, intitulado «Black Anima». Em tradução livre algo como "alma negra", este sucessor do decepcionante «Delirium» mostra a banda a recuperar o pé, a gravar um dos álbuns mais pesados e consistentes que assinaram desde há algum tempo, e inclui um tema chamado «Under The Surface». A letra, segundo a simpática Cristina Scabbia, centra-se no "*facto de que, na internet, de um lado estão as pessoas escondidas atrás de um ecrã e, do outro, uma série de gente a cobiçar a perfeição, o dinheiro, a forma física de alguém*" e não há, de facto, como evitar esta reflexão. À partida vai parecer tudo um bocado dramático, assim a frio, tinta numa folha de papel, mas não há como negar que as redes sociais estão cada vez mais a dominar, literalmente, as nossas/vossas vidas. O desejo persistente de *scrollar* o *feed* do Facebook, de *tweetar*, de colocar fotografias e vídeos no Snapchat e no Instagram, de documentar todos os movimentos diários, é um óptimo exemplo disso.

A tentativa constante de expressarmos a nossa identidade ao mundo, com filtros ou sem eles, ou de nos sentirmos valorizados, são a prova de que vivemos cada vez mais obcecados com uma realidade que, para todos os efeitos, é virtual. Às vezes ainda é difícil acreditar que, há pouco mais de uma década, as redes sociais não eram mais que uma inovação a dar os primeiros passos. É certo que havia plataformas como o MySpace, que tinha um nível decente de aceitação, mas a população como um todo ainda não tinha chegado lá. Em 2005, o Facebook ainda estava nos estágios iniciais de disseminação e, até aparecer um jogo chamado Farmville (quem é que aí se lembra de programar o despertador para não deixar "morrer" uma colheita?), ainda não estava propriamente no radar do comum utilizador da internet. O Twitter apareceu nessa época, mas era visto como um passatempo inútil. O LinkedIn era, ainda é?, um currículo digital e, para alguns, um pseudo-Rolodex. O Google+, que entretanto desapareceu revelando-se um mega fiasco, entrou em cena em 2011, seguido mais tarde pelo Pinterest e outras plataformas de mais ou menos sucesso.

Apenas três anos depois, as redes sociais estavam transformadas não só numa parte essencial do estilo de vida moderno, mas também num canal de *marketing* útil para empresas de todos os tamanhos. Em 2019, o mais certo é que um garoto de dez anos se sinta surpreso se lhe disserem que, há uns anos, os telefones eram usados apenas para... telefonar. Certamente vai ficar estupefacto quando lhe disserem que, há vinte anos, raras eram as pessoas que andavam com um telefone portátil atrás. Há várias gerações, porque já não são só os garotos, que não conseguem conceber um mundo sem *smartphones* e redes sociais. E sim, a mudança trouxe melhorias substanciais para a nossa experiência de vida o acesso imediato à informação e cultura, a uma voz global, de que agora fazemos quase todos parte, a proximidade apesar da distância. No contraponto, também revelaram as partes mais feias da humanidade, a tal "alma negra" do ser humano, assim como uma busca incessante, e muito pouco saudável, pela imagem perfeita, que nos afasta cada vez mais do que é a vida como a vivemos realmente.

"A*s pessoas têm todas muito medo de mostrarem as suas falhas, as suas fraquezas,*" diz-nos a Cristina. *"Todos querem mostrar as partes boas das suas vidas, e toda a gente faz questão que tudo pareça seja perfeito e filtrado. Isso é* bullshit, *não é a vida real."* O mais certo é que 99,9% dos utilizadores do Facebook, do Instagram ou do Twitter já tenham estado pelo menos uma vez nesta situação, o momento inevitável em que se verificam notificações e se enfrenta a decepção por não contabilizarmos gostos suficientes numa foto de perfil ou numa publicação. O momento em que *checkamos* as notificações a cada dois segundos, na esperança de recebermos mais uma. No entanto, será que um "*like*" pode representar realmente popularidade ou traduzir de forma exacta o que os outros pensam de nós? Seja qual for a resposta, esse é o maior problema das redes sociais a obsessão com o "gosto" que funciona como aprovação. E sim, cada um sabe de si, mas isso não vale as 24 horas do dia, os sete dias da semana, agarrados aos nossos preciosos telefones.

LOUD!

N.º 223/ OUTUBRO 2019

LOUD!
Sede do editor/redacção:
Rua Carlos Mardel, 32 - 3.º Esquerdo
1900-122 Lisboa
Tel. 215816655

E-MAIL
[geral@loudmagazine.net]

WEBSITE
[www.loudmagazine.net]

FACEBOOK
[www.facebook.com/loudmagazine.net]

ASSINATURAS
[assinaturas@loudmagazine.net]

NOTICIAS
[noticias@loudmagazine.net]

PUBLICIDADE
[ads@loudmagazine.net]

PUBLICAÇÃO MENSAL
ISSN: 087-9531
DEPÓSITO LEGAL: 152667/00

Registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social sob o n.º 126774

TIRAGEM
15.000 exemplares

PROPRIEDADE
Pessoal do 13 – Publicações, Lda.
NIF: 510172342

DETENTORES COM MAIS DE 5% DO CAPITAL DA EMPRESA
José Miguel Rodrigues, José Carlos Santos, Bernardo Serralha, Pedro Oliveira, Signoff - Consulting Unipessoal, Lda.

DIRECTOR
José Miguel Rodrigues
[jmr@loudmagazine.net]

CHEFE DE REDACÇÃO / DIRECTOR ADJUNTO
José Carlos Santos
[jcs@loudmagazine.net]

GERÊNCIA
Pedro Oliveira, Daniel Marujo

COLABORADORES
Carlos Guimarães, Cátia Nóbrega, Emanuel Ferreira, Fernando Ferreira, José Almeida Ribeiro, José Raposo, Luís Pires, Luís Rattus, Marta Louro, Nelson Santos, Pedro C. Silva, Ricardo Agostinho, Ricardo S. Amorim

FOTOGRAFIA
Catarina Torres, Estefânia Silva, Jorge Botas, Pedro Almeida, Pedro Roque, Sónia Ferreira
Capa: Cunene

DESIGN
Joaquim Pedro

ILUSTRAÇÕES
Stebba Ósk, Pedro Silva

IMPRESSÃO
Jorge Fernandes, Lda.
Sede do Impressor: Rua Quinta Conde de Mascarenhas, Lote 9, Vale Fetal, 2820-652 Charneca Da Caparica

DISTRIBUIÇÃO
VASP

ESTATUTO EDITORIAL
Disponível online em:
loudmagazine.net/estatuto-editorial

A LOUD! escreve de acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE
#223

NOTÍCIAS 06

STUDIO REPORT
HILLS HAVE EYES 08

MARGINÁLIA E IMAGINÁRIO 10

NIHILITY 12

STRAY FROM THE PATH 13

THE BLACK WIZARDS 14

HAMMERFALL 16

THE HU 18

LOUD! DJ
LUÍS LAMELAS 20

MÃO MORTA 22

LIFE OF AGONY 24

REFUSED 26

OF MICE & MEN 28

LACUNA COIL 30

OPETH 36

EXHORDER 40

EXHUMED 42

DISCOS 44

TESOURINHO PERTINENTE
ILDJARN 53

LIVE & LOUD! 54

AGENDA 58

NOTÍCIAS

NOTICIAS@LOUDMAGAZINE.NET

ULFBERTH

ULFBERTH é um novo nome do panorama nacional, que inclui elementos com ligações a outros projectos já bem conhecidos, como **BURNING MAN, MOTHER ABYSS, MEMOIRS OF A SECRET EMPIRE, NÉVOA e ÖRÖK**. **«Process Of Clarity»** é o disco de estreia, contendo sete temas que navegam por paisagens entre o post metal, o sludge e o black metal. Segundo os próprios, vão oferecer "***uma experiência abrasiva aos ouvintes***". Gravado e misturado pelo André Gonçalves no Adrift Studio e masterizado pelo reputado Brad Boatright, o disco navega "***por todas as influências acima descritas culminando num som intenso, bárbaro e emocional***". O nome do grupo vem de um conjunto de espadas encontradas em vários locais da Europa, e datadas entre os séculos IX e XI, que trazem na sua lâmina a inscrição **+VLFBERH+T**, que se tornaria um termo usado por ferreiros ao longo dos séculos. **«The Abyss»**, o primeiro tema de avanço para o registo de estreia dos nortenhos, já está disponível nas plataformas digitais.

Num comunicado oficial espalhado nas redes sociais, o **SABOTAGE CLUB** confirmou que o espaço, onde passámos tantas noites e vimos tantos concertos memoráveis, se encontra "**com futuro incerto, existindo mesmo a forte possibilidade de fechar portas no Cais do Sodré nos próximos meses**". A situação, infelizmente, não é nova, resultante da especulação imobiliária que, nos últimos anos, tantos problemas tem causado na zona da baixa de Lisboa e, sobretudo, no Cais do Sodré. Neste caso, o proprietário do espaço, a Up Down Lisbon Lda, do grupo Mainside Investments, pretende criar residências turísticas no N.º 16 da R. de S. Paulo, "tornando incompatível a coexistência das duas actividades". **Neste momento, não se sabe ainda ao certo a data de encerramento.** Entretanto, os responsáveis do espaço apelam a todos que tenham sugestões de nova localização para entrarem em contacto via Facebook ou sabotage@sabotage.pt.

Os **OMIE WISE** são um novo nome no campo do prog rock nacional. A sua estreia deu-se em 2017, com o EP **«1808»**, e editam agora o primeiro álbum, **«To Know Thyself»**. **«Something Wicked Stands Behind Me»** foi escolhida como *single*, mas é só uma das sete faixas que compõem o trabalho do quinteto bracarense formado por **Miguel Santos**, voz, **Fábio Pinto**, guitarra, **Eduardo Peixoto de Almeida**, teclados, **João Machado**, baixo e **José Martins** na bateria. O projecto tem a sua génese em 2014 e nasce da ideia dos dois membros fundadores, Fábio e Rui, de criarem **uma banda de rock "reflexo de uma visão moderna e descomplexada do progressivo dos anos 70"**.

Os **IRONSWORD**, que são a proverbial força épica do heavy metal português, revelaram os primeiros detalhes do seu próximo álbum, intitulado **«Servants Of Steel»**, que vai ser lançado pela Alma Mater Records a **24 de Janeiro de 2020**. Desta vez, quatro anos após a edição do aclamado **«None But The Brave»**, a banda juntou-se ao lendário **Harris Johns** (produtor famoso pela associação a bandas clássicas como **Helloween, Voivod, Kreator ou Sodom**), que misturou novidade dos bárbaros nacionais. O resultado é, para além de muito potente, **IRONSWORD como nunca os ouvimos antes**: o mesmo impulso rude, mas com um som surpreenderá os fãs de heavy metal épico. *"Este é, definitivamente, o álbum mais desafiador que já escrevemos e destaca-se de todos os anteriores"*, garante Tann. O disco conta com a participação muito especial de **Bryan Hellroadie Patrick, dos MANILLA ROAD**, em dois temas.

Os **TOXIKULL** estão de regresso com um novo trabalho. **«Cursed And Punished»** é o título do segundo álbum da banda de Cascais, trabalho esse que se prepara agora para ganhar vida em palco, com **dois concertos de apresentação marcados para o mês de Outubro, em Lisboa e no Porto**. O MetalPoint, na Invicta, recebe o grupo a **11 de Outubro** e terá como convidados especiais os **JARDA** e uma terceira banda a anunciar. Por seu lado, no RCA Club, Lisboa, a festa faz-se, com os **DIABOLICAL MENTAL STATE e REVERENT TALES, a 19 de Outubro**. Os bilhetes já estão à venda e têm um preço único de €10.

O álbum de estreia do trio nacional **CANCRO** chama-se **«+»** e será editado apenas em forma digital, com **as receitas das vendas a reverterem na totalidade para o IPO**. A soma das partes permite perceber o conceito, entre as várias actividades que, durante o longa-duração do grupo será o primeiro tomo no universo do novo projecto nascido da Haus e que junta **Tiago Lopes, José Penacho (MARVEL LIMA e RIDING PÂNICO) e Fábio Jevelim (PAUS e RIDING PÂNICO)**. Em comunicado à imprensa, os músicos anunciam que os "*Cancro são a banda nascida das cinzas das fogueiras de cantautores e vieram para lhes queimar as violas, punk feito de 0s e 1s aos berros pelo ser humano em cima de guitarras sujas e chorosas.*" A apresentação deste primeiro grito ao mundo já tem data marcada para o dia **19 de Outubro**, no **Sabotage Club**, em Lisboa.

PLAYLISTS

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES
COLD – The Things We Can't Stop
LORD MANTIS – Death Mask
MGŁA – Age Of Excuse
RASPBERRY BULBS – Deformed Worship
SECT – Blood Of The Beast

JOSÉ CARLOS SANTOS
ORVILLE PECK – Pony
BLIND GUARDIAN TWILIGHT ORCHESTRA – Legacy Of The Dark Lands
HAVE A NICE LIFE – Sea Of Worry
LORD MANTIS – Universal Death Church
THE DEATHTRIP – Demon Solar Totem

NELSON SANTOS
CATTLE DECAPITATION – Death Atlas
MÃO MORTA – No Fim Era O Frio
RAM – The Throne Within
AVATARIUM – The Fire I Long For
AMARO FREITAS – Racif

JORGE BOTAS
GHOST – 7 Inches Of Satanic Panic
H.E.A.T. – Live At Sweden Rock Festival
WEDNESDAY 13 – Necrophaze
IRON MAIDEN – The Number Of The Beast
KORN – The Nothing

RICARDO AGOSTINHO
MGŁA – Age Of Excuse
ALCEST – Spiritual Instinct
TOOL – Fear Inoculum
THE GREAT OLD ONES – Cosmicism
CHELSEA WOLFE – Birth Of Violence

LUÍS PIRES
CARPENTER BRUT – Leather Teeth
IMPERIAL CULT – Imperial Cult
PHARMAKON – Devour
REFUSED – War Music
YOUTH KORPS – '82

★★★ OS TOPS DO ★★★

JCS

MELHORES BANDAS ITALIANAS PARA ALÉM DOS Lacuna Coil

01. Goblin
02. Ufomammut
03. Mortuary Drape
04. The Secret
05. Death SS
06. DoomSword
07. Buñuel
09. Bulldozer
09. Rhapsody
10. Blasphemophagher

BORKNAGAR
TRUE NORTH
Out now!

Norway's avantgarde Black Metal pioneers and innovators BORKNAGAR arise at their most spirited and resplendend on their 11th studio album "True North".
Mixed by Jens Bogren / Fascination Street Studios (Opeth, Amon Amarth, Kreator).

GOST
VALEDICTION
Out October 4th!

A volatile mix that ranges from synthwave/retrowave to the most raging and extreme caverns of black metal.
After touring Europe with Carpenter Brut and the US with Pertubator, GosT is touring Europe with Mayhem and Gaahls Wyrd in November.

LACUNA COIL
BLACK ANIMA
Out October 11th!

Lacuna Coil's heaviest album to date.
Also available as strictly limited DVD-sized hardcover book with linen spine, incl. bonus CD, 32page booklet with liner notes & tons of pictures, 14 custom made tarot cards by the Detroit artist, Micah Ulrich.

SONY MUSIC

LACASADEL DISCO.ES

fnac

CENTURY MEDIA

CHAOSPHERE RECORDINGS
HALLOWEEN EXTRAVAGANZA

DECAYED
"THE CONJURATION OF THE SOUTHERN CIRCLE"

CHAOSV025

333 COPIES
LTD. EDT. PICTURE DISC VINYL LP

Celebrating the 25th anniversary, the first Portuguese black metal album (1993) and probably the best one! A true worldwide classic album from the Portuguese scene.
A must have for any underground collector!

GROG
"MACABRE REQUIEMS"

CHAOSV030

333 COPIES
LTD. EDT. PICTURE DISC VINYL LP

And gore created Grog! One of the seminal and most extreme bands in Portugal.
This 1996 death grind opus is for sure a bloody mark in the Portuguese extreme metal scene.
An essential chapter in brutality!

Glam-O-Rama ROCK SHOP
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net

HILLS HAVE EYES

São um dos nomes mais fortes do hardcore nacional, provavelmente daqueles que se aproximam mais de um tipo de som feito lá fora. Com o último trabalho, chegaram a palcos com que nunca deveriam ter sonhado, e talvez por isso o novo álbum seja aquele que está a demorar mais para sair, mas 2019 deverá ainda ver chegar o novo título dos HILLS HAVE EYES. Pelo menos assim o deseja Fábio Baptista, o vocalista do quinteto que esteve a ajudar a LOUD! neste Studio Report.

EMANUEL FERREIRA PEDRO ALMEIDA

Já passou algum tempo desde que os Hills Have Eyes gravaram o seu último trabalho. «Antebellum» foi editado em 2015, com o colectivo *"sempre a tocar até 2017,"* como revela Fábio Baptista, vocalista do grupo. *"A partir de 2018 sentimos a necessidade de começar a pensar num novo disco,"* prossegue. *"Começámos a escrever músicas novas e a trocar novas ideias, sem pressão."* Os concertos, naturalmente, diminuíram. *"Sentimos mesmo que também nos ia fazer bem tocar o menos possível até ter um trabalho novo,"* refere. «Never Quit», de 2017, é o *single* que estabelece a ponte para o futuro disco, uma espécie de marca-passo, que serviu para mostrar que ainda se compunha e que já se pensava num novo trabalho, mesmo com a banda ainda a percorrer alguns palcos.

Fábio Batista na voz, Nuno Silva na bateria, Miguel Borrego e João Cruz nas guitarras e Luís Silva no baixo são os músicos que integram a banda de Setúbal. «Black Book» marcou a sua estreia em 2010, seguindo-se «Strangers», de 2012, e posteriormente o já referido «Antebellum». O colectivo é representado em Portugal pela Hellxis Records, e no Japão pela Go With Records, uma ligação que marcou o ano de 2019 e levou à interrupção das gravações do novo trabalho, ainda sem título à data desta entrevista. *"Entretanto surgiu a oportunidade de fazer a* tour *japonesa, que obviamente não podíamos recusar,"* continua Fábio, justificando o atraso de um disco que efectivamente começou a ser gravado em Janeiro deste ano e estará concluído agora em Outubro. A digressão nipónica *"foi uma experiência inesquecível, que queremos muito repetir. Foi um sonho tornado realidade porque já falávamos desta possibilidade entre nós há muito tempo. O Japão foi o primeiro país a ter um CD nosso à venda em lojas, na altura logo o nosso primeiro EP, e o «Strangers» teve uma edição própria japonesa."* Foi daí que surgiu então a ligação à já referida editora que levaria à tournée em que os Hills Have Eyes tiveram oportunidade de tocar em Tokyo, Osaka e Kyoto, entre outros locais. *"A recepção foi es-*

pectacular, muita gente já nos conhecia, o que tornou tudo isto ainda mais incrível!" A referida digressão ocorreu em Dezembro de 2018, composta por seis datas no total.

O regresso a Portugal, levou o colectivo até aos WRecords Studios e Poison Apple Studios, onde começaram a preparar o disco, sob a batuta do produtor Vasco Ramos, velho conhecido do grupo e responsável pela produção dos restantes três longa-duração. A mistura final estará a cargo de Henrik Udd e Tiago Canadas. Os primeiros sinais de actividade, neste ano, chegaram com «Trve As Fuck», vídeo de Abril deste ano, num tema em que electrónica e melodia se alinham e que mostra algumas das linhas vocais mais agressivas da história da banda. "*Aproveitámos para fazer um* clip *com imagens do Japão,*" conta o Fábio, algo que soa natural, permitindo assim retratar a viagem. A faixa foi gravada em 2018 e lançada em 2019, como que para "*assumir que este ano íamos estar mais activos.*" Um novo vídeo surge em Julho, «Acacius»: "*A ideia era lançarmos mais dois ou três* singles *para depois lançar o disco.*" Curiosamente, os restantes temas só agora estão a ser gravados, não possuindo, ao momento da reportagem, títulos definitivos. Serão estes apontamentos de vídeo um futuro *modus operandi* da banda? A resposta de Fábio é afirmativa. "*Hoje em dia com o YouTube, Spotify, e tudo o mais, sai muita música e muito rapidamente, daí termos enveredado pela opção de lançar alguns* singles *de forma faseada, mas sempre com o objectivo de concluir num disco.*" Dentro deste espírito, a já referida «Never Quit» terá sido a primeira faixa. "*Na altura era só mesmo para ser um tema isolado, mas vai acabar por entrar neste disco,*" revela o vocalista. "*Foi uma música que teve excelentes resultados, entrou para várias* playlists *oficiais do Spotify e é a nossa música mais tocada até hoje, com quase um milhão de* plays*. E era mesmo só para ser um* single*!*" O plano inicial, de lançar vários temas, acabou a não ser totalmente cumprido, uma vez que os músicos não conseguiram "*chegar mais cedo a um ponto em que estávamos 100% satisfeitos com os temas*". Foi após "*muito trabalho com o nosso produtor Vasco Ramos,*" que o grupo considerou ter chegado a "*um ponto em que nos sentimos preparados para gravar tudo e consolidar isto num disco*."

> *"Vamos continuar o nosso caminho enquanto estivermos felizes e enquanto fizer sentido."*

A banda já leva mais de uma década desde a fundação, na realidade está mesmo próxima de completar duas, por isso a composição hoje em dia é assumidamente muito diferente do que era há uns anos atrás. "*Nessa altura usávamos os ensaios para escrever temas em conjunto. Hoje, gravamos as ideias em casa nos nossos computadores e depois levamos o material para o estúdio para trabalhar com o Vasco,*" diz o Fábio. Aliás, o antigo vocalista dos More Than A Thousand é quase um sexto elemento dos Hills Have Eyes. "*Ele próprio contribui muito no processo de composição, e acabamos por estar todos envolvidos,*" comenta. Outro elemento importante no processo de criação e gravação, é o técnico de som Tiago Canadas, dono do Poison Apple Studios, onde os músicos podem "*fazer as coisas com alguma calma,*" embora por vezes o processo tenha "*o outro lado mau que é o de demorar demais,*" ironiza Fábio. Mas voltando à relação dos Hills Have Eyes com Vasco Ramos, é notório que vai para lá da normal relação entre banda e produtor, tendo muitas vezes os More Than A Thousand levado os Hills Have Eyes para a estrada, e era mesmo comum o Vasco subir ao palco para cantar um tema com os eles, retribuindo depois Fábio o gesto durante o *set* dos More Than A Thousand. Além disso, ambos os grupos partilhavam uma franja bem larga de público. Depois do final dos More Than A Thousand, é natural que se olhe para os Hills Have Eyes como os naturais sucessores, mas para o vocalista "*é impossível alguém ocupar o lugar deles. Foram únicos, e como amigos ficamos muito orgulhosos de ter partilhado tantos bons momentos com eles.*" O quinteto de Setúbal assume assim a autonomia. "*Vamos continuar o nosso caminho enquanto estivermos felizes e enquanto fizer sentido. Esperando ainda partilhar muitas coisas boas com o nosso público português e lá de fora.*"

Todos os meses, o DAVID SOARES explora os aspectos mais recônditos, negros ou extraordinários da música, literatura e história.

EXIGINDO CABEÇAS

DAVID SOARES

Num encarte do primeiro tomo do tratado sobre música «Mistérios universais ou Grande arte da harmonia e desarmonia» que o polímate turíngio Athanasius Kircher publicou em 1650 pode ver-se um desenho singular: ilustrando o quinto capítulo «Dos outros tipos de vozes de pássaros», um bando de emplumados cantores exibe vozes já desdobradas em pautas musicais; entre eles, somente o papagaio se expressa alfabetizado, com a saudação grega "xaipe" que, pronunciada "kaeri", significa "salve" – os leitores da altura não deixariam de rir, pois neste contexto trata-se do equivalente coevo do nosso actual "dá cá o pé". Exactamente cem anos antes, Virgil Solis, insigne artista de Nuremberga, criara um vistoso baralho em que as copas são papagaios: a ave parladora, hábil em significar todas as perturbações humanas.

Neste mundo setentrional, de confissões protestantes, o estrambólico papagaio desempenhou papéis simbólicos específicos: alegoria da acrasia alcoólica (tropo iniciado pelo cronista romano Plínio, o Velho), mas também provável aliado do diabo, pois este outorgava o dom da fala aos familiares das suas servas bruxas – porém, nem sempre: há uns anos, vi em Amesterdão, no adro da seiscentista Igreja de São Pedro e São Paulo, um papagaio feito de madeira usado para assinalar em código aos fiéis a denominação romana da fé que se professava nesse templo. Ora, é descendo para latitudes meridionais, para o mundo católico romano, precisamente, que se encontra um entendimento mais materialista sobre essa ave: aí, sem consistir em nenhuma novidade, já não figura frequentemente na arte. De facto, era vista como uma praga pelos agricultores dos espaços ultramarinos do Novo Mundo – nesse aspecto, a atitude deles era idêntica à dos povos pré-colombianos para quem o papagaio aparecia como destruidor de colheitas. Na américa portuguesa, o caso não foi diferente e nos anos finais do século XVIII publicaram-se decretos oficiais pelas regiões do Brasil exigindo que os lavradores apresentassem cada um anualmente às suas câmaras determinadas quotas de dezenas de cabeças de papagaios e outros pássaros considerados daninhos para o cultivo.

Não será coincidência que esta iniciativa irrompa a pouca distância temporal das múltiplas medidas municipais de erradicar-se a suposta nocividade que espécies como o pardal operariam pelos agros portugueses: em Lisboa, o decreto inicial parece datar de 1766, exigindo aos lavradores e seareiros do termo que apresentassem individualmente uma dúzia de cabeças de pardais ao escrivão do senado da câmara. A lei foi sendo republicada pontualmente, mas em 1837 apresentou-se uma novidade aliciante: lavradores, fazendeiros e seareiros receberiam vinte mil réis de prémio por cada nova dúzia de cabeças de pardais que excedesse a obrigatória. Não tardou que a câmara de Lisboa fosse enganada pelos marotos caçadores de pardais em conluio com corruptos funcionários, que lhes emprestavam cabeças, previamente registadas, para serem mostradas ao oficial à guisa de novas, em repetida rotação de cabeças que durava até que a putrefacção atalhasse o ardil.

É significativo que tenha sido no século XVIII, obcecado com a razão e leis naturais universalmente aplicáveis, que se começasse a exigir periodicamente cabeças de determinadas espécies e até cabeças de milhares de indivíduos rotulados de "inimigos do género humano" – atávicos obstáculos na concretização de utópicos e progressistas devires, concebidos à secretária. Hoje, ainda à secretária, usa-se o AutoCAD e empregam-se as vertiginosas possibilidades das redes 5G em hodiernas missões teleológicas, mas tudo isso são ferramentas. Por trás, mais cedo ou mais tarde, estará um escrivão exigindo cabeças.

HEAVY ROCK FESTIVAL

SYSTEM OF A DOWN

2—3 JULHO 2020 / ESTÁDIO NACIONAL

M/6

VOA.ROCKS

NIHILITY

Uma auspiciosa estreia nacional que já edita por uma editora sueca.

«Thus Spoke The Antichrist» marca a estreia quase repentina dos NIHILITY, uma edição internacional através da sueca Black Lion Records, isto sendo que até há poucos meses eram praticamente desconhecidos, aquilo que se poderia chamar de uma banda local, sem registos. Mário Ferreira, vocalista, explica que os Nihility "*surgiram em 2012 como uma banda de blackened death metal, em Paços de Ferreira.*" O contacto com a editora surge através do realizador Guilherme Henriques, que tinha, à altura, trabalhado com o colectivo, e estabeleceu assim a ponte. Embora com data de gravação de 2018, o disco, na realidade, "*começou a ser gravado em 2017*," explica o Mário. "*Foi concluído apenas no ano seguinte, pois houve elementos que mudaram e outros percalços que atrasaram um pouco a conclusão das gravações.*" Daqui resultou que da actual formação, apenas Mário Ferreira, voz, Luís Moreira, bateria, e Miguel Vanzeler, guitarra, participaram das gravações do disco. O baixista Miguel Seewald e o guitarrista Renato Barbosa chegaram já depois do processo encerrado. Destes elementos, rapidamente salta à vista o projecto The Small Hours como um ponto comum, com os Nihility a possuírem actuais e antigos elementos do colectivo na sua formação. "*Neste momento a editora apenas conhece o nosso áudio, pois sendo eles suecos e nós portugueses, é complicado encontrarmo-nos ou virem a um concerto nosso,*" explica Mário. Fora de questão voarem até à Suécia para tocar. "*Tão cedo será impossível isso acontecer, mas há planos para começarmos a tocar em festivais na Europa, fora de Portugal, e mesmo no final do ano podermos já tocar fora de portas.*" Curiosamente, parece mais fácil pensar em algo fora de portas, estando a primeira apresentação do disco, no Porto, agendada para o último trimestre, enquanto Lisboa continua sem planos. Quanto à editora, por agora, o músico revela que "*só temos coisas boas a dizer, fez tudo que era possível para a promoção e distribuição, mesmo mais do que esperávamos do contrato.*"

Analisando mais de perto, é notório que nos tempos recentes o eixo formado por Santo Tirso, Paços de Ferreira e Paredes tem proporcionado vários nomes à nossa cena, muitos deles a editar trabalhos recentemente. "*Não sei explicar o que se passa ao certo, mas nesta zona surgem músicos com vontade de trabalhar e fazer algo,*" diz o Mário. Sendo de Lordelo, em Paredes, consegue perceber que "*na zona onde nos encontramos, Lordelo, no Rock Bar, é onde está o pessoal que forma as bandas que têm aparecido.*" Para lá do conhecido Canecas Bar, há também festivais como o Monasterium Fest ou o River Stone. "*De repente estão a sair vários discos, dos In Vein, Lyfordeath, Small Hours, e ainda há outros nomes à volta dos grupos de que falei que começam a preparar-se para gravar,*" refere o vocalista. Com uma edição no findo mês de Setembro, o River Stone Fest, em Penafiel, é um desses festivais que tem animado a zona, da mesma forma que o Lord Fest, previsto para Agosto deste ano e entretanto cancelado. Este último "*foi o renascer das cinzas de um antigo festival, Hell Sweet Hell, que durou alguns anos, mas que chegou a um ponto em que não podia crescer mais e terminou,*" explica o vocalista. "*O Emanuel Ribeiro, baixista dos Lyfordeath, junto com outras pessoas resolveu pegar na ideia e arrancar com esta nova versão.*" O músico não deixa de realçar a importância que estes pequenos festivais possuem para as comunidades locais de músicos: "*Quando era miúdo, e vi que amigos meus apareciam a tocar em festivais como Hell Sweet Hell ou o Monasterium, senti também a vontade de ocupar esse espaço e poder tocar num desses festivais,*" conta. "*Claro que conforme vais crescendo passas a ter novos objectivos, que resultam do decorrer dos anos e experiência, mas sem dúvida que esses pequenos festivais servem de motivação.*" Um dos grupos próximos dos Nihility são precisamente os Lyfordeath, também eles com uma edição recente, neste caso de finais de 2018. "*Podemos considerá-los nossos irmãos, partilhamos a mesma sala de ensaios, o mesmo baterista e somos todos amigos.* Até já se pôs *em cima da mesa a hipótese de fazer datas em comum – há planos, que ainda não saíram da gaveta, mas já pensámos na hipótese de uma* tour *com Nihility e Lyfordeath.*" **[E.F.]**

"Já há planos para começarmos a tocar em festivais na Europa, fora de Portugal."

FOTO: GABE BECERRA

STRAY FROM THE PATH

Nova-iorquinos do hardcore que lançam discos com uma regularidade cronométrica.

Desde a sua formação em 2001, os STRAY FROM THE PATH nunca, errm, se desviaram do seu caminho, digamos assim. Em contradição total com o seu nome, têm solidificado o poder do seu hardcore com edições consistentes e regulares, e depois de 2003, 2005, 2008, 2009, 2011, 2013, 2015 e 2017 terem todos recebido álbuns de longa-duração do quarteto, cabe agora a 2019 dar as boas vindas a «Internal Atomics». "*Acho que é o melhor disco dos Stray de sempre!*" diz, entusiasmando, o vocalista Drew York. Não é propriamente surpreendente um músico dizer isso do seu mais recente trabalho, mas a convicção que o Drew tem no seu discurso acaba por ser contagiante. "*Todos vivemos em partes diferentes do mundo, por isso temos que utilizar ao máximo o tempo que temos juntos, e assim aconteceu. Quando escrevemos álbuns, nunca temos um tema em mente ou algo do género, nunca tentamos explicitamente fazer um determinado tipo de álbum. Escrevemos sobre o que se passa à nossa volta, e sobre aquilo que nos irrita!* [risos] *O nosso único plano é investirmos 100% de nós nesse processo. Demos tudo o que temos, e agora que o disco está à beira de ser lançado, não poderia estar mais excitado. Tenho imenso orgulho nestas canções e na minha banda.*" Apesar de o anterior «Only Death Is Real» ter sido muito bem recebido, isso não parece ter causado nenhuma pressão adicional, e «Internal Atomics» teve, segundo o Drew, um "parto" muito natural. "*Tem tudo a ver com a mentalidade com que se faz as coisas,*" explica o vocalista. "*Se tiveres uma atitude positiva e um bom sistema de suporte, em 90% dos casos acabas com alguma coisa de qualidade nas mãos. Claro que há alturas de dúvida, e em que sinto que tenho que recuar um bocado e organizar os pensamentos, mas de forma geral o processo de escrita deste álbum foi muito mais natural e confortável que o anterior, até porque o Craig Reynolds, o nosso baterista que se estreou com o «Only Death Is Real», já estava mais ambientado desta vez.*"

> *"Construímos esta banda do nada, e o facto de que hoje em dia é tão preciosa tanto para nós como para os nossos fãs é muito especial."*

O primeiro tema de avanço do álbum novo foi «Kickback», onde Brendan Murphy, dos Counterparts – que vão aliás acompanhar os Stray From The Path na sua próxima digressão –, é convidado especial. "*Os meus temas favoritos, pessoalmente, são a «Beneath The Surface» e a «Fortune Teller», e essas duas vão certamente fazer parte do nosso* setlist," revela o norte-americano. "*Colectivamente, decidimos sempre quais vão ser os* singles*, e achámos que a «Kickback» é uma bela representação do álbum no seu todo. Tem todos os momentos que se podem esperar de um tema dos Stray. É pesada, é poderosa, é* groovy*, é uma chapada!*" Em relação à participação de Murphy, o Drew explica que "*somos amigos dos Counterparts praticamente desde o princípio das nossas carreiras. O Brendan é um vocalista fantástico, e finalmente chegou a altura de o ter num tema nosso. Vamos fazer também um* split *com eles, do qual vão constar duas* covers*, que são totalmente insanas! É só o que posso dizer por agora, vão ter que esperar e ouvir!*" Entusiasmo constante, lá está, o que é obra para quem anda nisto há quase vinte anos. "*Acho que estamos tão habituados a este estilo de vida, que já é algo natural para nós. Pode ser cansativo às vezes, mas quando nos deparamos com os resultados e com os objectivos que ainda queremos alcançar, é muito gratificante. Construímos esta banda do nada, e o facto de que hoje em dia é tão preciosa tanto para nós como para os nossos fãs é muito especial.*" [J.C.S.]

THE BLACK WIZARDS

REFLEXÕES E EVOLUÇÕES

Há um novo disco dos THE BLACK WIZARDS, chama-se «Reflections», e claramente marca uma mudança na carreira do grupo, seja pela alteração de formação, seja musicalmente. «Reflections» é claramente um trabalho para ser visto de forma diferente no curto percurso do quarteto. Paulo Ferreira e Joana Brito, guitarristas e fundadores, estiveram a fazer o balanço com a LOUD!.

EMANUEL FERREIRA

Começamos pelo título?
Paulo Ferreira: O álbum é um reflexo do nosso progresso até aqui. É um álbum autobiográfico de certa forma. Reflecte a nossa evolução, tudo o que aconteceu, perdemos membros.

No disco anterior, senti o valor que vocês davam aos temas longos. Agora as faixas são muito mais curtas.
Paulo: Tem a ver com tudo que aconteceu, fez-nos mudar, introduzir menos solos, apresentar um álbum completamente diferente e sair da zona de conforto. A nossa composição andou sempre à volta de *jams*, logo no «Lake Of Fire», que é todo assim. Neste novo trabalho resolvemos pegar nas ideias que tínhamos e fazer canções. Coisas curtas, concisas e com uma men-

sagem para as pessoas absorverem. Deixar o resto de lado, menos solos, abandonar algumas passagens estranhas que por vezes fazíamos.

No último par de anos, tocaram mais fora de Portugal que por cá. O contacto com tantos grupos diversificados, influenciou essa decisão?
Paulo: Nós vimos muitas bandas, mas muitas delas até têm músicas mais longas que nós, por isso não foi por aí.

Mas enquanto público conseguiste perceber se isso funcionava ou não.
Paulo: Sim, mas vi o concerto de Om no Sonic Blast e não me importava nada que os temas até fossem maiores. Há outras que incomodam um bocado estar a tocarem tanto tempo. A duração dos temas, tem também a ver com o crescimento da banda.
Joana Brito: Continuamos a ter temas longos, a «Kaleidoscope» e a «Symphony Of The Ironic Sympathy» são bastante longas. Acho que neste disco nos preocupámos mais em ver as músicas como músicas, e menos *jams* e tivemos mais cuidado a nível de estrutura e a limar arestas. Deixámos somente aquilo que fazia realmente sentido. Acima de tudo as músicas desta vez foram mais pensadas para um álbum, anteriormente acho que pensámos mais em termos de as tocar ao vivo.

No início, havia a associação ao stoner. Escuto os novos temas e até psych rock já me soa estranho para vos catalogar. Onde se inserem hoje, qual o público-alvo?
Paulo: Não diria que temos um público-alvo. Principalmente gostamos de nos diferenciar dos outros, abrir os horizontes. Tentar sair do stoner... Aprecio o género, mas a um dado momento os álbuns são todos iguais, o mesmo riff durante dez minutos. Torna-se cansativo, para o público e como músico, pois não pensas em mais nada, não dás atenção às letras, à voz. Se fores alterando um pouco de álbum para álbum, consegues chegar a algum lado.
Joana: Desde que começámos a pensar em escrever um disco novo que as nossas ideias foram diferentes, em relação aos anteriores. Queríamos fazer algo definitivamente longe do stoner, mais delicado, mais psicadélico e mais *bright*, mais Beatles e menos Sabbath.

O novo baterista, mudou algo na composição, na banda?
Paulo: Mudou bastante. A Helena era uma força da natureza, incontrolável. O João trouxe técnica e mudou imenso a dinâmica do grupo. Neste disco também tivemos particular cuidado com a bateria, se calhar perdemos mais tempo em estúdio com ela. Também foi reflexo de trabalhar com o Budda, que nos ajudou a procurar um som de bateria.
Joana: Mudou em bastantes aspectos, sim. A Helena e o João são bateristas muito diferentes e isso permitiu explorar outras coisas, ter um *input* diferente. O João é muito mais metódico em termos de composição, o que nos obrigou a adaptarmo-nos a ele e ele a nós, e acho que acabámos num balanço bastante equilibrado. Ele também puxou muito por nós e estava muito entusiasmado na altura de escrever o disco, o que foi bastante importante para o resultado final.

Como chegaram ao Budda Guedes, o vosso novo produtor?
Paulo: Andávamos à procura de alguém para produzir o disco. O Tiago, dos Grandfather's House, falou-nos dele. Não conhecia o seu trabalho como produtor. Marcámos reunião, ele mostrou o que já tinha feito, falou das ideias dele. Eu e a Joana saímos de lá e dissemos logo que era com ele que queríamos trabalhar. Em dez minutos percebi que ia ser o nosso melhor produtor.
Joana: A malta dos Grandfather's House é muito nossa amiga e nós gostamos muito do último disco deles que foi gravado com o Budda, eles falaram muito bem dele, da maneira como trabalhava, e isso cativou-nos. Acho que houve uma conexão logo à primeira. E sem dúvida que foi uma escolha acertada.

Quer dizer que apreciaram a experiência?
Paulo: Sim. Desconheço a formação dele enquanto produtor. Não sei se aprendeu sozinho, ou tirou curso, mas a abordagem é muito diferente dos produtores normais. Na conversa introdutória, percebi que pensava como nós. Também é guitarrista, mas preocupava-se com a banda toda e não só com a guitarra. Foi muito fácil trabalhar com ele e certamente é para repetir.
Joana: Estamos muito contentes com o resultado e ele é uma pessoa e produtor incrível. Foi a melhor experiência em estúdio que tivemos até agora.

Nestes concertos todos, quais vos marcaram mais?
Paulo: Sem dúvida que os dois Desertfest. Primeiro, porque em ambos, os *slots* eram bastante cedo, um às 15 ou às 16 horas, mas mesmo assim, tivemos um retorno incrível, não só no próprio dia a vender *merch*, mas nas semanas seguintes, através das mensagens que fomos recebendo. No fundo aqueles dois concertos reflectiram-se noutros e em muito retorno.

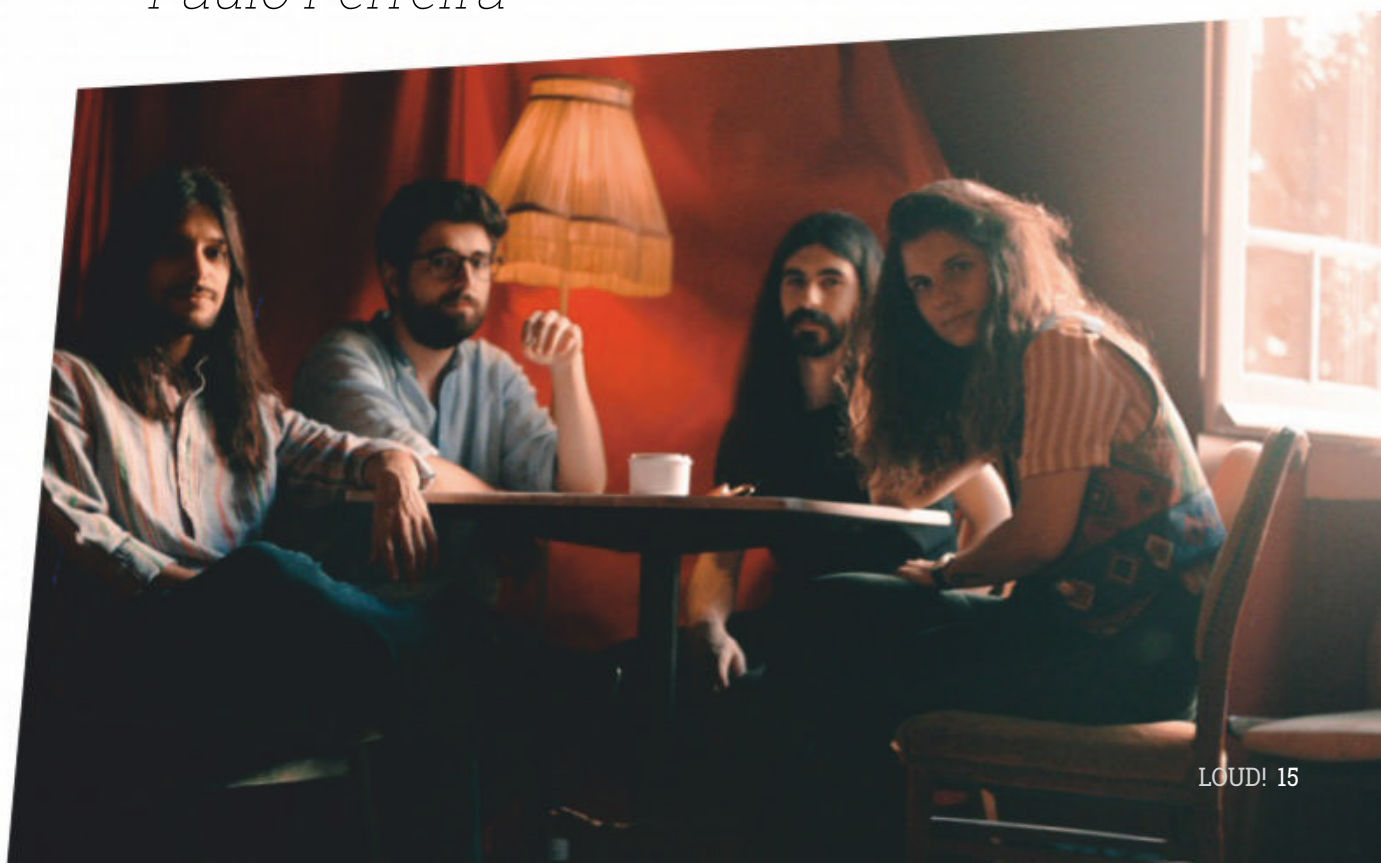
Cada vez mais, parece ser vossa ideia internacionalizarem-se e não ficarem por cá.
Paulo: Ficar por cá é cortar-nos as pernas. Não existe mercado para nós. Além de que as salas estão a fechar. Há dias li que o Sabotage ia fechar, o Cave 45 fechou. Qualquer dia não há sítios para tocar em Portugal. Se quiseres fazer concertos, como conseguimos no «Lake Of Fire», em que não passei um fim-de-semana em casa, não consegues. Claro que tocávamos em sítios piores e condições piores do que temos hoje. Para quem começava a tocar servia, e hoje as novas bandas não podem encontrar isso. Em cinco anos, tudo mudou. Daqui a uns anos, vamos olhar para esta década e provavelmente será, em Portugal, a mais produtiva do rock. Apareceram muitas bandas, Black Bombaim, Killimanjaro, Red Panda, Stone Dead e muitas outras, todas boas. Com público interessado, pois há pessoas que compram os discos e *merch*. Sítios para tocares, para essas pessoas te verem, são cada vez menos. Um paradoxo estranho para mim.

O mesmo com o vinil, é difícil encontrar uma loja, fora dos grandes centros, onde possas ver um vinil, apreciar e decidir se compras.
Paulo: Sim, em Portugal, os nossos discos, em vinil, creio só estarem à venda numa loja.

E como escoam os discos? Bandcamp?
Paulo: Além da Kozmik Artifactz e da Ragingplanet, as nossas editoras, temos também alguma parte do vinil e vendemos directamente às pessoas, Bandcamp, concertos, contacto directo.

Isso permite-vos perceberem se as vendas cresceram, graças às digressões?
Paulo: Sim, a Kozmik Artifactz disse já ter vendido 200 cópias do nosso álbum numa semana, o que para mim é surreal. Durante semana e meia estivemos no *best selling* do Bandcamp, e nem percebi bem como aconteceu.

"Daqui a uns anos, vamos olhar para esta década e provavelmente será, em Portugal, a mais produtiva do rock."
– Paulo Ferreira



A GLÓRIA DOS BRAVOS

Os HAMMERFALL são daquelas bandas que nos dias de hoje dispensam apresentações. Com um legado de 25 anos de carreira e muitas digressões, os suecos preparam-se para editar «Dominion», o seu 11.º disco de originais. A LOUD! esteve à conversa com o vocalista Joacim Cans, para saber o segredo de a banda soar ainda tão energética.

JORGE BOTAS PICWISH-FOTODESIGN

Estás ansioso para que todos possam ouvir o resultado final do «Dominion»?
Já estou preparado desde Março! Quando trabalho arduamente em algo durante tanto tempo, quando acaba, sigo em frente. Chega a altura do lançamento do disco, e penso logo: "*Espera, já não lançámos esse disco?*" [risos] É um sentimento estranho... entretanto já publicámos dois temas, mas estou à espera da reacção das pessoas quando ouvirem o disco na íntegra. Os Hammerfall são uma banda típica de álbum. Nós escrevemos canções que se encaixam num todo, enquanto a maioria dos artistas escreve apenas uma canção e é o que edita. Esses artistas raramente pensam em termos de álbum, mas nós sempre pensámos dessa maneira.

É estranho para ti que nos dias de hoje, muito graças às plataformas de *streaming*, que as bandas/artistas se preocupem apenas com um tema e não com um disco?
Nós temos que nos adaptar ao facto de que estamos a ficar mais velhos e que há uma nova geração de consumidores de música. Não podemos fazer nada em relação a isso, mas enquanto a minha geração for viva, continuamos a comprar cópias físicas. Nos dias de hoje qualquer pessoa tem facilidade em ouvir um álbum graças aos serviços de *streaming*. Mas por outro lado, é difícil encontrar música de qualidade porque tornou-se demasiado fácil perdermo-nos na selva de lançamentos a torto e a direito. Como é que-

podemos encontrar boa música nos dias de hoje? Esse é o grande problema.

Eu ainda sou do tempo em que ia a uma loja de discos e o dono da loja, já conhecendo do meu gosto musical, me aconselhava algumas bandas para ouvir. Hoje em dia isso já não acontece...
É muito complicado. Aquilo que faço é tocar uma *playlist* ou uma rádio no Spotify e ouço o que está a passar. Se for bom, vou à procura de mais informações ou guardo numa lista minha, porque de outra forma nunca iria ouvir bandas novas.

Voltando ao vosso novo disco, como foi o processo de composição? Sente-se uma energia renovada neste trabalho que talvez não estivesse lá nos mais recentes...
Para começar, no passado sempre funcionámos da mesma maneira. Escrevíamos as músicas, gravávamos, lançávamos, íamos em digressão, voltávamos ao ponto de partida e repetíamos o processo novamente. Nunca alterámos essa forma de trabalhar, e era um círculo que se repetia constantemente. Desta vez, também tivemos que escrever enquanto andávamos em digressão, porque o Oscar [Dronjak, guitarrista] adoptou uma nova forma de ver as coisas que é: "*A B C – Always Be Creative*". Foi um *motto* que adoptámos do responsável pelas capas dos Hammerfall, o Samwise Didier, ele costumava dizer ao Oscar para ser sempre criativo, que isso é o mais importante. O Oscar acabou por montar um estúdio portátil na parte de trás do autocarro no qual andávamos em digressão, e eu trabalhava na parte da frente. Muitas vezes, quando saíamos de um concerto, o Oscar agarrava numa cerveja e lá ia ele compor lá para trás. E como ainda estava cheio de energia do espectáculo ao vivo, acho que muita dessa energia e ímpeto acabou por passar para o «Dominion». Acabou por ser uma forma nova de pensar e acho que resultou bem. Apesar de estar a chegar aos 50 anos – faço no próximo ano – acho que nunca nos sentimos tão cheios de vida e com tanta energia como agora. A chave para isso acontecer é estarmos a divertir-nos imenso enquanto banda. Adoramos andar em digressão e, claro, para andar em digressão é preciso lançar boa música.

E mais uma vez gravaste a tua voz em Los Angeles com o James Michaels. Sentes-te mais confortável a gravar com ele?
Já é a quarta vez que gravo com o James, actualmente somos grandes amigos e confio totalmente nele quando estamos em estúdio. É um grande produtor e um fantástico compositor, mas o mais importante é que ele próprio é vocalista. Sabe exactamente como puxar por mim para me fazer cantar o melhor possível constantemente. Ir para Los Angeles não é barato! Temos que comprar bilhetes de avião, arranjar um sítio para ficar, alugar um carro, pagar ao James Michael, pagar o estúdio, mas no final vale a pena. Faz uma diferença tão grande no resultado final do disco... Uma curiosidade, é que desta vez desafiei o Oscar a vir até Los Angeles comigo – como te disse, no passado, fazíamos as coisas sempre da mesma maneira: o Oscar grava em casa dele e eu na minha – porque nunca nos sentávamos para trabalhar em conjunto na mesma sala. Por isso disse-lhe para vir comigo passar um fim-de-semana e escrever uma música comigo e com o James. O pior que podia acontecer era viajar até L.A., ter um grande fim-de-semana e regressar sem música, mas não foi isso que aconteceu. A balada «Second To One» foi então escrita em Novembro de 2018, nesse fim-de-semana. Foi um grande desafio e fiquei bastante satisfeito com o resultado final dessa canção. Há que dizer que os Hammerfall estão rodeados por uma grande equipa. A começar pelo Fredrik Nordström, do Studio Fredman e fundador do som de Gotemburgo, que foi responsável pela mistura e pela gravação da bateria. Ele é um elemento muito valioso para o nosso som actual. Para além disso, o Pontus [Norgren, guitarrista] é um excelente produtor e engenheiro de som. Temos a equipa perfeita.

Com tantos anos disto, já alguma vez sentiste a tentação de mudar o som da banda, ou já sentiram alguma pressão exterior para o fazer?
Às vezes, quando estás desinspirado, sentes-te um pouco em baixo e as coisas não são tão divertidas como no passado, claro que isso passa pela cabeça. Mas voltamos sempre à mesma questão – o que nos tornou uma banda de sucesso? E a resposta é a música que sempre quisemos tocar. Eu e o Oscar escrevemos as músicas que nós próprios iríamos comprar se fosse outro artista a escrevê-las, porque somos verdadeiros fãs do heavy metal dos anos 80. Eu tento coisas diferentes fora dos Hammerfall, mas também porque gosto de ouvir outros géneros musicais e de desenvolver a minha voz. Para poder desenvolver a minha voz, tenho de ser versátil como cantor. Mas os Hammerfall são uma imagem de marca e nunca podes mudar a essência de uma marca. Por exemplo, qual é a tua cerveja preferida?

Eu não bebo cerveja, mas gosto de Coca-Cola! [risos]
Vamos imaginar que compravas uma lata de Coca-Cola e lá dentro estava água tónica. Certamente que irias ficar bastante irritado! Irias questionar quem se atreveu a mexer na receita da tua bebida preferida. Há coisas em que nunca se deve mexer, é tão simples quanto isso.

Que bandas novas te impressionaram recentemente?
As que mais me impressionaram nos últimos tempos foram os Battle Beast e os Beast In Black. São duas bandas de que gosto bastante.

"Apesar de estar a chegar aos 50 anos, nunca nos sentimos tão cheios de vida e com tanta energia como agora."

DA MONGÓLIA PARA O MUNDO

São um fenómeno dos *media*. Quem gosta de música e está presente nas redes sociais, certamente já viu um vídeo dos THE HU. Em nove meses, «Wolf Totem» teve mais de dezassete milhões de visualizações, e «Yuve Yuve Yu» teve 24 milhões. Valores altos para qualquer grupo, ainda mais um vindo da Mongólia. A propósito do disco de estreia, a LOUD! foi conversar com Gala, um dos fundadores da banda.

EMANUEL FERREIRA

Não formas uma banda e colocas na internet um vídeo como «Wolf Totem» sem teres um percurso prévio. Como surgiram os The Hu?
Tudo começou com o nosso produtor, Dashka. Há oito anos atrás, ele fez uma viagem até ao local onde nasceram os seus pais, e quando lá estava, teve a ideia de combinar a música tradicional da Mongólia com rock. O estilo possui uma dinâmica que facilmente pode ser incorporado no metal ou rock clássico. O mais peculiar e único nesse estilo é a forma de cantar, o denominado *Mongolian throat singing*, que é um som espantoso que o ser humano pode atingir e que permite criar em simultâneo harmonias graves e agudas. Em 2016 os quatro elementos dos The Hu, juntamente com o Dashka, começaram a trabalhar nos primeiros temas. Criar essas músicas e fazer os arranjos para as mesmas ajudou-nos a encontrar o som que estávamos a procurar.

Referes a importância do Dashka no processo, é conhecido que antes tinha gravado muitos grupos, algum que possas mencionar?
Ele é mesmo muito importante. Na Mongólia, estabeleceu-se como produtor e compositor, sendo bastante reconhecido por isso. Já produziu mais de 300 discos desde 1999. Na maior parte dos casos, tratam-se de artistas naturais da Mongólia, como Niciton, Hurd, Camerton, Naagii, Uka e muitos outros.

Para lá da produção do som, em estúdio, existem também os vossos instrumentos, uma mistura entre o tradicional e o usado no ocidente. Quem trata do seu desenho e construção?
Todos os instrumentos são customizados para nós, feitos por encomenda. Tudo isto porque existe um conjunto de pessoas maravilhosas que nos apoiam. Actualmente, os instrumentos que vês nos concertos são elaborados por Baigaljav, da Egshinglen Magnaim. A prata e ornamentos que colocamos neles são de Tseelsaikhan.

Logo no vídeo «Wolf Totem», aparece um gangue de *motards* que fazem pensar num imaginário norte-americano. Aqueles que aparecem no vídeo, existem realmente?
Sim, são todos membros do clube de *motards* Mongolian Choppers Brotherhood. Alguns de nós, somos também membros do clube.

Leio as letras de «Yuve Yuve Yu», e sinto-as muito críticas e directas, referindo a perda de tradições na Mongólia. Por que escreveste sobre isso?
A canção é sobre respeitar os mais velhos e proteger a natureza. Estamos a perguntar à nossa própria geração "*será que somos assim?*" A mensagem do tema é universal e não apenas dedicada ao caso dos mongóis. Nós devemos passar, aos nossos descendentes, o mundo que recebemos, tal como ele nos foi entregue.

O vosso sucesso levou a que fossem nomeados embaixadores oficiais da Mongólia. Mais uma coisa que aconteceu demasiado rápido, nesta era da internet.
Estamos muito orgulhosos de ter recebido essa honra, e também agradecidos por termos essa nomeação. Concordo que tudo esteja a acontecer muito depressa para a banda, mas também trabalhámos duro ao longo dos anos para podermos chegar a este ponto, quer como grupo, quer como indivíduos.

Esse trabalho duro alguma vez vos fez pensar que conseguiriam tantas visualizações com os vossos vídeos?
Claro que esperávamos obter algum sucesso e reconhecimento. Afinal, trabalhámos muito para obter aqueles resultados. Foram mais de 5.000 quilómetros em todo o terreno pelo Oeste da Mongólia, só para filmar «Yuve Yuve Yu». Havia dias em que o calor do deserto era extremo, e no dia seguinte era um frio igualmente extremo no topo de uma montanha. Mesmo assim, é uma honra ter tido tantas visualizações e tanta gente pelo mundo fora ter reagido positivamente aos nossos vídeos.

«Wolf Totem», chegou ao YouTube em finais de 2018, menos de um ano depois estavam a fazer uma digressão de 22 datas pela Europa. É um sonho tornado realidade? Esperavam chegar tão longe assim rapidamente?
Definitivamente, é um sonho tornado realidade. Depois de termos tocado dois meses em frente de público da Europa, sentimos a interacção, o carinho e apoio de quem nos foi ver. Os fãs cantam e fazem mosh durante os nossos temas. Depois dos concertos como cabeças-de-cartaz, chegávamos ao fim exaustos, mesmo assim conseguimos arranjar tempo para ir à banca de *merch*, tirar fotos com os fãs, falar com eles e dar autógrafos. São muito importantes para nós, como família. Queremos que saibam que gostamos deles e apreciamos os seus gestos. No balanço, posso dizer que a digressão europeia excedeu bastante as nossas expectativas.

E que tal a reacção em geral? Achas que conseguiste passar a mensagem?
A energia que emanamos em palco, e a nossa música, destinam-se a todos, mesmo que falem línguas que amamos mas que não temos em comum. Era o mesmo que se passava com as óperas, originalmente escritas e cantadas em latim, mas que conseguiam não excluir as audiências que não falavam a língua, criando uma produção que permitisse a todos disfrutar do evento. Esperamos que as nossas canções e mensagem possam passar a todas as línguas. A música é a forma e método mais verdadeiro que temos para entregar a nossa mensagem, de uma forma sincera.

Vocês criaram o termo "hunnu rock", qual o seu significado? Há mais grupos a praticá-lo?
Neste momento somos a única banda do mundo a fazer hunnu rock. Esperamos não ser a última a fazer isso. Denominamos hunnu rock uma mistura de música tradicional da Mongólia e rock contemporâneo. O Oeste encontra-se com o Este e o passado reúne-se com o presente.

Tudo isto graças à internet. Há anos atrás ninguém saberia que os The Hu existiam, e muito menos os escutariam.
A internet permitiu-nos publicar os vídeos e a música, de uma forma independente, a partir de uma região remota, e chegar a uma audiência global. É algo que agradecemos e que apreciamos. Se os *media* digitais e suportes como YouTube não existissem, teria sido uma viagem bem longa desde Ulaanbaatar até Londres ou Hollywood! [risos]

O disco foi todo gravado em Ulaanbaatar?
Todos os temas foram gravados lá, no Nature Sound Studios. Na Mongólia, claro. Tudo com o Dashka como produtor.

Porquê o título «The Gereg»?
"Gereg" era o nome que recebia o passaporte diplomático criado na época de Chinggis Khaan. Escolhemos esse nome para o primeiro disco, porque pretendíamos que fosse o nosso passaporte para o mundo, que nos permitisse chegar a cada país e região, sem restrições. Queremos partilhar a nossa música e mensagem com cada ser humano no globo.

Há títulos em inglês, neste disco, mas as letras são na mesma em mongol.
Algumas palavras não resultam bem quando traduzidas para inglês, outras vezes são os títulos das músicas que soam melhor em mongol.

«The Song Of Women» é o vosso tema mais longo, destaca-se mesmo dos restantes, alguma razão?
Na nossa cultura, o respeito pela mulher é um dos aspectos mais importantes. Elas devem ser amadas e respeitadas da mesma forma, em qualquer parte do mundo. Cada mulher é bonita de uma forma própria. Queríamos elogiar as mulheres através deste tema, encorajar a que sejam livres e que persigam os seus sonhos.

"A música é a forma e método mais verdadeiro que temos para entregar a nossa mensagem, de uma forma sincera."

LUÍS LAMELAS

É difícil alguém ter algum interesse no metal nacional e nunca se ter cruzado com o LUÍS LAMELAS de uma forma ou de outra. Antigo guitarrista dos Moonspell (e Morbid God), líder dos [f.e.v.e.r.] (que ainda não nos disseram a sua última palavra), e figura crucial na tarefa essencial de fazer a música chegar a nós, seja por trás do balcão da sua loja lisboeta Glam-O-Rama Rock Shop, ou aos comandos da Chaosphere Recordings, que celebrou recentemente o seu 20.º aniversário com a presença de alguns companheiros de sempre, como os Filii Nigrantium Infernalium ou os Decayed [ver LIVE & LOUD!]. Uma vida rodeada por música naturalmente faria do Luís um *expert* na arte de a bem reconhecer, não é? É bem verdade, e ele assim o comprovou com a prestação imaculada neste LOUD! DJ.

MORBID ANGEL

«Thy Kingdom Come»

Do álbum «Blessed Are The Sick» [1991]

Comecemos o nosso périplo por vários subgéneros da música extrema com o death metal, e poucas bandas seriam melhores para o representar do que os Morbid Angel, com um tema daquele que é muitas vezes celebrado como o seu álbum mais decisivo.

***Luís*:** [imediatamente] Morbid Angel!

Esta foi fácil?

***Luís*:** Este «Blessed Are The Sick» é dos meus álbuns favoritos de sempre. Nunca tinha ouvido um death metal tão avant-garde, isto é muito à frente. Mesmo hoje, continua mais que actual, e dava 10-0 à maioria do death metal que está a ser editado agora. Tem tudo! Agressividade, nível técnico, as letras… Eu gosto da fase toda do David Vincent, até ao "E", o álbum ao vivo, mas este sem dúvida, pela altura em que saiu… Bem, eu também vi sair o primeiro, e já tinha o anterior, o *unreleased*, mas quando este saiu, foi um impacto enorme.

Numa conversa há uns tempos, disseste-nos que tens mais paciência para ouvir discos desta altura pela milésima vez do que uma banda nova do mesmo estilo…

***Luís*:** Sim, sem dúvida! [risos] Não sei porquê, mas… Honestamente, acho que têm saído bons discos, e existem boas bandas. Se calhar é defeito, por ter vivido os anos 90, onde tudo surgiu, e tudo era novidade. Bandas à Entombed, só havia uma, à Morbid Angel, só havia uma, à Nocturnus, só havia uma… Dantes a originalidade era quase uma bandeira. Hoje em dia é um pouco diferente. Dantes, as próprias bandas não queriam soar às outras.

E tens paciência para os Morbid Angel actuais? E o «Illud…», ofendeu-te?

***Luís*:** A primeira vez que os vi ao vivo foi com o Tucker. Foi um grande concerto, é um óptimo baixista, óptima voz, gosto dos discos com ele. E digo mais, se alguém tem que estar em Morbid Angel, é ele, mereceu totalmente o lugar. Como os americanos dizem, *he owns it*. Mas claro, não é a mesma coisa… Também é a fase em que uma pessoa acompanha as bandas. A relação que temos com elas agora já não significa tanto. O «Illud…»… É a tal coisa, partes electrónicas e coisas dessas não me agridem de todo, e percebo que aquilo foi uma tentativa de quebrar fronteiras, naquele contexto. Mas sinceramente, acho que o David Vincent transpôr o que andava a fazer com os Genitorturers para os Morbid Angel não faz sentido nenhum.

SWANS

«She Lives!»

Do álbum «The Great Annihilator» [1995]

Já que se fala em vanguardismos, ou pobres tentativas pelo menos, vamos então passar para quem de facto os pratica a sério, em constante desafio pelas normas auto-impostas da música alternativa e pesada. Os Swans são uma das bandas mais importantes das últimas décadas, e numa altura em que já aguardamos pela sua próxima incarnação, revisitemos uma pérola dos *mid-90s*.

***Luís*:** Eh pá…

É-te familiar, não é?

***Luís*:** Então não é? Espera aí… Isto é Swans!

É sim senhor. Nem precisaste da voz! Consegues situar a época?
***Luís*:** Acho que é daquela altura do meio dos anos 90, não é?
Exactamente, logo a seguir à fase dos coelhinhos!
***Luís*:** Nota-se pelo ambiente… Acho que foi com estes discos que pegaram na folk que já tinham, de certa maneira, e a desenvolveram muito. São os álbuns da maturidade, acho que revelam tudo o que estiveram a preparar com a violência anterior. Acho que começaram a ficar em paz com certas coisas e a compreendê-las de maneira diferente.
A entrada da Jarboe também ajudou a essa mudança de ambiente, não é?
***Luís*:** É verdade, isso é um ponto importante. A forte influência feminina que estes álbuns tinham, acho que agora voltaram a perder outra vez com os últimos trabalhos. Aquela delicadeza, aquela melodia, e sem perda de força. Claro que o Michael Gira sempre foi o principal compositor, mas a presença dela nota-se muito, nem que seja na alma dele.
Foram/são uma inspiração importante para ti?
***Luís*:** Completamente. Eu descobri-os porque tinha muitos amigos que eram de uma cena mais industrial, gostavam dos Ministry, dos The Young Gods, Einstürzende Neubauten, The Cassandra Complex, por aí fora, e deram-me a conhecer imenso som, e uma das coisas principais que tirei daí foram mesmo os Swans, que me tocaram de uma maneira enorme. Sempre navegaram por vários tipos de águas e nunca perderam a identidade.

NINE INCH NAILS
«March Of The Pigs»
Do álbum «The Downward Spiral» [1994]
Calha bem, falando de industrial, temos aqui uma banda que, principalmente nestes seus lendários primeiros álbuns, revolucionou e ajudou a popularizar o estilo. Actualmente um nome grande a nível planetário, mantêm bem vincada a sua personalidade e têm uma legião de "filhos espirituais" musicais que inclui, arriscamos, os [f.e.v.e.r.] do Lamelas.

***Luís*:** Eh pá, Nine Inch Nails.
Percebe-se logo, não é?
***Luís*:** Foi outra das bandas que me marcou bastante na altura.
Inspiração para os [f.e.v.e.r.]?
***Luís*:** Sim, claro. Na altura, dentro do metal, as coisas estavam um bocado gastas, havia bandas de hard rock a tentar tocar grunge, foram momentos um bocado de transição. Eu já estava mais à procura de outras coisas fora do metal do que propriamente interessado em continuar a insistir. Os [f.e.v.e.r.] acabaram por trabalhar com o Tom Baker, que masterizou este álbum, o «The Downward Spiral», e foi mesmo por causa disso que o fomos buscar para a mesma tarefa no nosso álbum. Era mesmo o que eu queria, a junção das máquinas com as guitarras, a cena orgânica com a maquinaria, não é umas coisas a substituirem outras.
E o Trent Reznor acaba por se tornar numa estrela mundial, sem fazer grandes compromissos.
***Luís*:** Nenhuns, mesmo. Ele está-se completamente a borrifar, e eu admiro bastante isso! Ele faz aquilo que quer, e isso é de louvar. Edita álbuns quando quer, só na última década é que começou a ser mais produtivo nesse sentido, também quando a música dele passou a ser mais electrónica do que industrial. Continua a ser um tipo que passa mais tempo em casa com a família e com o *laptop*.

FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM
«Pó»
Do álbum «Hóstia» [2018]
Também podíamos ter feito deste LOUD! DJ um exclusivo de bandas-(re)editadas-pelo-Lamelas, mas se já está a ser fácil para ele adivinhar as nossas escolhas, então assim seria um verdadeiro passeio. Dito isto, não resistimos a atirar-lhe com uma das "suas" bandas, companheiros de viagem que foram cabeças-de-cartaz do concerto dos vinte anos da Chaosphere.

***Luís*:** Voivod?
Espera aí e ouve lá o discurso lírico do cavalheiro.
***Luís*:** Claro que não! Esta voz, é Filii! Que estupidez! [risos]
Mas até se percebe, este riff incrível é o riff mais Voivod que os Voivod nunca escreveram. Dito isto, adoravávamos ouvir o Snake a dizer "*a fome é negra!*" [risos]
***Luís*:** A sério, que estupidez. Eu a ouvi-lo cantar em português aquelas primeiras palavras, e a dizer Voivod… Depois é que prestei atenção à voz. Mas sim, obviamente que lembra qualquer coisa dos Voivod.
Uma banda com quem tens uma forte relação há muito tempo.
***Luís*:** É verdade… Eu conheço o Belathauzer desde que tínhamos para aí dezassete ou dezoito anos, portanto, há mais de metade das nossas vidas. Tem sido um prazer muito grande ter a amizade que tenho com ele, e ter visto Filii – e ainda Bactherion – a surgir, e acompanhar as múltiplas transformações e desenvolvimentos que a banda tem tido, até chegar onde está hoje. Acho que estão com uma formação fantástica, e acho que poderão vir aí muito boas coisas.
São o exemplo do tipo de banda com quem gostas de trabalhar?
***Luís*:** Eu basicamente decidi trabalhar com pessoas que conheço e projectos em que acredito. E os Filii não poderiam ser mais o exemplo de tudo isso.

VED BUENS ENDE
«I Sang For The Swans»
Do álbum «Written In Waters» [1995]
Podíamos disparar aqui um qualquer black metal norueguês como fazemos com frequência no LOUD! DJ, mas mantendo-nos mais ou menos nesse universo, vamos fazer um desvio pela esquisitice, com os incontornáveis Ved Buens Ende, que até estão (finalmente!) de regresso à actividade.

***Luís*:** Virus?
Estás quase.
***Luís*:** Ved Buens Ende, então!
Pronto, era só recuar uns anos.
***Luís*:** Pois é, e até já sei qual é o tema. Sabes o que era, o riff estava-me a soar um bocadinho limpinho demais para Ved Buens Ende, e achei que fosse Virus já. Mas já sei qual é, é a primeira do «Written In Waters».
Cruciais, importantíssimos, e ao mesmo tempo ignorados por muita gente durante anos.
***Luís*:** É isso tudo, é. Eles também nunca fizeram tournées nem se deram muito a conhecer, e depois acabaram… É muito importante uma banda tocar para ser conhecida. Se não tocas regularmente, se não fazes *tour*, não cimentas nada. Podes ter álbuns fabulosos, mas nunca vai passar dali. Fica aquela banda de culto, banda fantástica, mas faltam coisas. E neste caso é pena, e ainda bem que estão de volta, porque a mente do Carl-Michael é uma coisa incrível – este misto de agressividade do black metal dos anos 90, mas com riffs com uma visão jazz, é totalmente labiríntico e até claustrofóbico. Há uma tensão que parece que vai explodir, mas não explode. É quase uma implosão, sempre no limite. Muito bem feito, muito bem executado, músicos excelentes.

BONNIE "PRINCE" BILLY
«I See A Darkness»
Do álbum «I See A Darkness» [1999]
A última escolha deriva directamente de termos feito este LOUD! DJ *in loco*, ou seja, na Glam-O-Rama, que tem actualmente um *stock* riquíssimo (aproveitem!) da obra de Will Oldham, frequentemente conhecido por Bonnie "Prince" Billy, um dos mais versáteis, camaleónicos e sinistros compositores dos nossos tempos. Este tema que escolhemos foi inclusivamente escolhido para ser interpretado pelo Johnny Cash num dos seus álbuns na American Recordings («American III: Solitary Man», de 2000), o que diz quase tudo.

***Luís*:** Acho que já sei o que é, mas deixa ver se é mesmo. Tenho os ouvidos tão gastos…
Mas atira já o nome. Se for um disparate, melhor ainda.
***Luís*:** [uns segundos depois] Por acaso estava a pensar que era outra coisa e agora já estou meio trocado. Julgava que era Wovenhand, mas agora com a voz…
Aquele ambiente inicial poderia ser, sim. Mas realmente não é. Se calhar o refrão vai ajudar.
***Luís*:** Mas conheço perfeitamente… É algo que já não ouço há algum tempo. Isto é o Bonnie "Prince" Billy?
É pois! Nem foi preciso aquele "*and then I see a darkness*" emblemático. Estás aí ao lado de um caixote cheio de discos do homem e tudo! [risos]
***Luís*:** É verdade! [risos] Já não ouvia há algum tempo, realmente. E foi o primeiro disco em que eu lhe dei atenção. Ao início lembrou-me um começo de My Dying Bride, o *fade in*, mas desvaneceu-se rapidamente. Depois pensei que era Wovenhand, como disse, e finalmente lá cheguei. Eu gosto desta cena, mas neste estilo de *singer/songwriter* norte-americano, ouço muito mais um Tom Waits, por exemplo. Tem um *edge* diferente, leva as coisas para um lado mais sombrio. Adoro o Scott Walker, também, o «The Drift» é dos meus favoritos. E claro, gosto imenso dos discos do Cash, especialmente os da American Recordings. Aquela maturidade e aquela reinvenção, naquela altura da carreira, foram incríveis.

ACONCHEGO E DESCONFORTO

Um novo disco dos MÃO MORTA é toda uma nova experiência, mas também um discurso que se retoma. Agora que se aproxima a apresentação lisboeta de «No Fim Era O Frio», Adolfo Luxúria Canibal conversou com a LOUD! sobre esta nova aventura.

EMANUEL FERREIRA

«No Fim Era O Frio» é um título bizarro para falar do aquecimento global…
A narrativa do disco anda à volta da perda, do desconforto. Se pensarmos que o "outro" é o quente, o calor. O amor é o calor, a relação (com outro) o aconchego, o contrário será o frio, o desconforto. É nesse sentido que resulta o título. Por outro lado, «No Fim Era O Frio», é dar resposta àquela célebre frase bíblica, "No princípio era o verbo". No fundo estamos a tratar de um fim, neste caso, do planeta Terra como o conhecemos, isto através de uma vivência, de uma relação.

No passado utilizaste referências de autores conhecidos, como Ballard, no «Pesadelo Em Peluche». Existe alguma referência em particular aqui?
Não houve referência nenhuma, pelo menos de forma intencional. A história nem sequer pré-existia. Foi surgindo conforme era escrita. Foi um caso típico de história que se impõe ao autor e não este que a pensa, só escreve. Fui escrevendo conforme o Miguel me ia passando as composições. A ideia original era compor usando o sistema de módulos, que é usado na música electrónica e aqui importado para a música eléctrica, no formato rock. Este era o conceito que se impunha e que fomos trabalhando, mais tarde paralelamente ao projecto do bailado. A ideia que eu trabalhava, em termos temáticos, tinha também a ver com a questão dos módulos, mudar a configuração do objecto. A sinopse que fizemos para o bailado, que funciona sempre em termos mais abstractos, era jogar com a mudança dos conceitos, o retirar determinadas

palavras do seu contexto e jogar com elas. Dou-te um exemplo: um piscar de olho num determinado contexto pode dizer uma coisa, noutro dizer outra. A ideia original era explorar isso, mas as coisas foram surgindo por si de uma forma que não controlei. Só quase no final me apercebi que tinha ali uma história.

No disco, espera-se que a civilização alienígena nos salve. É uma crítica àqueles que depositam o seu destino nos outros, na religião, por exemplo?
Comecei a escrever, e passei para a civilização extraterrestre. A ideia do frio é mais no sentido cosmológico, termodinâmico. O que fui buscar, inicialmente, foram conceitos como buracos negros, atracções gravitacionais. Andei a estudar a cosmologia, procurei não estar a dizer disparates em termos científicos, uma vez que tocava um bocadinho neste diapasão. Mas não foi mais que isso. Apesar do título ser uma referência à bíblia, não me interessou nada o lado *new wave*, teológico ou religioso das interpretações. Podem ser feitas, mas longe de mim fazê-las.

Como é que o bailado interferiu na letra?
Nada, sofreu foi com a letra! Apesar de eu e a Inês Jacques, a coreógrafa, termos feito uma sinóptica que jogava com os conceitos modulares, da mudança do lugar e novas perspectivas que se abrem. Apesar de isso ter ficado explanado, na sinopse, quando a Inês recebeu o texto, já estava completo e agora tinha de ser feito. Geralmente os coreógrafos trabalham com conceitos abstractos e de repente ela tinha uma história muito completa, com princípio, meio e fim. Teve de arriscar e inventar a partir de coisas concretas, sair da sua zona de conforto e trabalhar. Ela conseguiu fazê-lo muito bem, e o resultado final foi excelente.

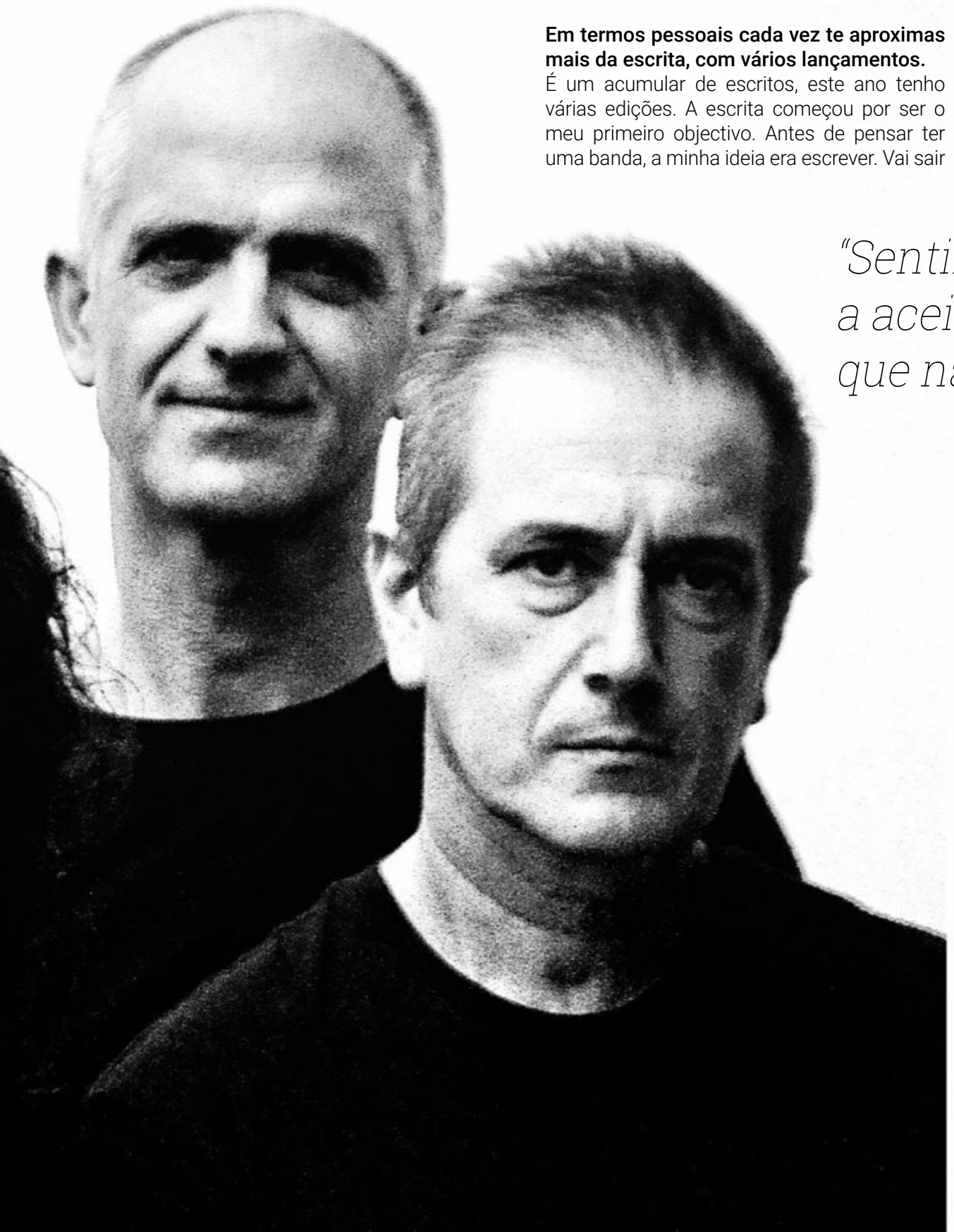
Referes zona de conforto, qual é a vossa? Mão Morta mais convencional, ou os projectos em que embarcam?
Já não sei muito bem. Sentimo-nos bem a arriscar, a aceitar desafios para algo que não estamos habituados. Podemos chamar-lhe zona de conforto, nesse sentido. Cansa-nos um bocadinho andarmos sempre a tocar reportório. Gostamos de fazer concertos de rock'n'roll, puro e duro, dá-nos um gozo enorme. Apesar de não termos uma catrefada de concertos, se fizéssemos só reportório, ficávamos cansados. Precisamos destas mudanças, destes desafios, pisar em terreno virgem, para nos satisfazermos a nós próprios.

Em termos pessoais cada vez te aproximas mais da escrita, com vários lançamentos.
É um acumular de escritos, este ano tenho várias edições. A escrita começou por ser o meu primeiro objectivo. Antes de pensar ter uma banda, a minha ideia era escrever. Vai sair agora um livro que reúne toda a minha escrita poética, «No Rasto Dos Duendes Eléctricos» e os primeiros escritos começam em 1977, ainda faltavam muitos anos para a primeira banda que foi em 1981/82. Não escrevo muito, apenas quando sou solicitado para isso. Não é uma produção muito grande, mas o acumular resulta em livros grossos. Tenho ainda muita coisa por publicar. Este ano, saiu o «Garatujas Do Minho», que são dois anos de crónicas para o jornal Sol. Há outras crónicas para jornais.

Viveste em Lisboa, Paris, hoje encontro-te mais em Braga, percorres o Minho.
Estou a viver em Braga há mais de dez anos. Ao fim de uma certa idade, uma pessoa recolhe-se. É uma cidade pacata, sem grandes chatices. Há aquelas necessidades que uma pessoa tem quando é jovem, de ver coisas novas. Braga não proporciona isso, é difícil ser jovem em Braga, mas a partir de uma determinada idade, é um belíssimo sítio para uma pessoa vir morrer.

Ser de Braga e manter-se pela cidade, foi sempre uma marca dos Mão Morta. Grupos de muitas outras regiões rapidamente se mudam para Lisboa.
Se uma pessoa quer fazer carreira em Portugal, tem de ir para Lisboa, não há volta a dar. Portugal continua a ser Lisboa e o resto é paisagem.

Continuas a ir a bastantes concertos e muitas vezes, bem na frente do palco.
Gosto de música e quando vou a concertos gosto de estar à frente, embora não seja o melhor som do mundo. Para ouvir um grupo com bom som, fico em casa, no sofá a ouvir o CD e tenho o melhor som do mundo. Gosto da adrenalina que se cria à volta. À frente tem-se uma maior proximidade do palco, do som de palco, embora hoje em dia já não haja essa verdade. É diferente do que ver junto à mesa de mistura. Aí tens de longe um melhor som, mas perde-se um pouco dessa adrenalina. Depois da mesa de mistura já não estás no concerto, já estás a ver pela televisão.



"Sentimo-nos bem a arriscar, a aceitar desafios para algo que não estamos habituados."

Que bandas te tocaram recentemente?
Este ano fui só a Paredes de Coura, mas tive boas descobertas. Uma delas, Khruangbin, nome tailandês impronunciável de um trio texano. Depois Black Midi, que parecem putos, mas já estão todos nos 30 anos, que fazem um rock que explode, se autodestrói e depois volta a uma estrutura silenciosa, tem novas explosões, num jogo de hardcore e contenção que poucos conseguem desenvolver em concerto. A Patti Smith foi um caso histórico, que já era expectável para mim, pois já a tinha visto antes e adivinhava como poderia ser. Muito diferente do concerto dos New Order, de nostalgia.

LIFE OF AGONY

RIO QUE SEMPRE CORRE

26 anos depois do ultra-clássico «River Runs Red», os LIFE OF AGONY continuam a história daquele adolescente perturbado, que afinal não terminou com a tentativa de suicídio no final do álbum de 1993. «The Sound Of Scars» é, no entanto, mais que uma mera sequela, é um disco forte, maduro e recheado de malhões daqueles que se cantam a plenos pulmões nos concertos. Naturalmente o baixista e principal compositor Alan Robert está entusiasmado com o momento da banda.

JOSÉ CARLOS SANTOS GINO DEPINTO

O «The Sound Of Scars» é, como é vosso costume, mais um álbum emocionalmente intenso, e isto já para não falar da forte ligação que tem ao vosso passado. Como foi a criação deste disco?

Toda a nossa alma e os nossos corações estão neste trabalho, só assim é que conseguimos chegar a este ponto. Tudo por que passámos no último ano, com a entrada da Veronica [Bellino, baterista] na banda e a quantidade imensa de concertos que demos, aproximou-nos imenso uns dos outros, e a composição apareceu de forma muito natural, muito orgânica. Quando a Veronica se juntou a nós, decidimos que queríamos fazer *sets* mais longos e tocar muitos temas que já não tocávamos há anos. Nós vamos fazendo discos, vamo-los pondo na "prateleira" e avançamos, e nunca temos muitas oportunidades de olhar para trás, digamos assim. Mas a entrada dela na banda deu-nos isso, revisitámos muita coisa, e apercebemo-nos de que houve vários elementos da nossa escrita que fomos abandonando ao longo do tempo.

Olhar para trás fez-te voltar a compor de maneira diferente?

Basicamente fez-nos só questionar o porquê de já não fazermos algumas coisas. Porque é que já não temos *background vocals* altas e grandes? Porque é que já não usamos determinados tipos de som de bateria ou de guitarra, coisas assim. Quando fazes parte de uma banda, há coisas que acontecem de forma natural à medida que o tempo vai passando, porque a mentalidade vai mudando, e as pessoas estão em sítios diferentes mentalmente, e isso é mesmo assim, mas às vezes também se perdem elementos que valem a pena revisitar. Foi nesse período que então decidimos regressar à intenção original da banda, quando a formámos, quando éramos adolescentes. Escrevermos todos juntos na mesma sala, por exemplo, foi algo que abandonámos nos últimos anos, o álbum anterior foi quase todo trabalhado através de e-mail e partilha de ficheiros. Estarmos ali a atirar ideias uns aos outros, com aquela intenção declarada de criarmos música para os concertos, foi o que fez com que o álbum tenha tanto *groove*, tanta espontaneidade, tanta alma, no fundo. Acho que isso é notório.

Foi como que capturar o momento que estavam a viver e transformá-lo em música.
Sim, foi isso mesmo. Combinar toda esta *vibe* que estávamos a viver com a continuação da narrativa daquele adolescente perturbado do «River Runs Red» pareceu-nos mesmo o completar de um círculo, é como se estivesse destinado. Até a data de lançamento, quando a Napalm nos propôs o dia 11 de Outubro, eles não pensaram que o «River Runs Red» foi editado no dia 12 de Outubro de 1993, e isso foi incrível. Eles não faziam ideia. Houve muita coisa "cósmica" a acontecer. [risos]

"A continuação da narrativa daquele adolescente perturbado do «River Runs Red» pareceu-nos mesmo o completar de um círculo, é como se estivesse destinado."

Como é que apareceu pela primeira vez essa ideia de continuar a história do «River Runs Red»?
Estarmos juntos, todos os dias, a tocar, foi muito importante. Gravávamos todas essas sessões de ensaio e de composição, e eu depois ia a ouvi-las no carro a caminho de casa. A certa altura comecei a perceber que nas letras havia uma espécie de tema recorrente, sobre cicatrizes, sobre sermos assombrados pelo nosso passado… Todos nós somos sobreviventes. As canções são reais, sempre foram sobre o que se passa verdadeiramente connosco. No meu caso, luto contra a depressão até hoje, diariamente – tenho momentos felizes, tenho coisas muito boas na minha vida, mas esses sentimentos e essas perturbações estão sempre a burbulhar algures debaixo da superfície. E isso é verdade para muitos dos nossos fãs também, é algo com que eles se podem identificar, e quando ouvem uma canção dos Life Of Agony, ou quando vêm a um concerto nosso, estabelece-se uma ligação. Muitos de nós sobrevivemos de facto, estamos todos aqui para contar as nossas histórias, e ao ouvir aquelas letras dos temas novos, comecei a pensar, então e se aquele rapaz do «River Runs Red» também tivesse sobrevivido? Onde é que ele estaria hoje? Foram esses pensamentos que abriram essa *can of worms* – então e se continuássemos a história? Achei que seria um veículo narrativo muito poderoso, apresentei a ideia à banda, dei logo a sugestão de dividirmos a história por segmentos – *then*, *now* e *when* –, e eles adoraram.

Ainda foi a tempo de influencar a própria música?
Sim, acho que sim. A ideia surgiu mais ou menos a meio do processo de escrita. Na verdade, tal e qual como aconteceu com o «River Runs Red», que não começou originalmente por ser escrito como um *concept album*. Era uma colecção de canções que eu achei que tinham um tema em comum. Era um grande fã do «The Wall», dos Pink Floyd, na altura – e ainda sou! –, e queria criar uma espécie de «The Wall» para o nosso género de música. Foi essa ideia que acabámos por perseguir na altura. No «The Sound Of Scars» também foi assim, tínhamos uma pequena colecção de canções, e depois a meio surgiu esta ideia e construímos o resto do álbum à volta dela.

A ligação sentimental que há entre os Life Of Agony e os vossos fãs é verdadeiramente invulgar, e imagino que sintas isso diariamente.
Absolutamente… Já conhecemos tanta gente que nos disse que a nossa música lhes salvou a vida, ao longo dos anos. E nunca tomamos isso como garantido, por isso significa sempre muito para nós quando ouvimos mais alguma história, ou quando temos alguma prova dessa ligação. Por exemplo, há pouco tempo, quando estávamos a filmar o vídeo da «Scars» na Alemanha, pedimos aos fãs para enviarem fotos das tatuagens alusivas aos Life Of Agony que tivessem, para incluírmos no vídeo. Pensávamos que íamos receber meia dúzia delas, e em menos de uma semana já tínhamos centenas! De todo o mundo, e em muitos casos é a única tatuagem que essas pessoas têm. Foi impressionante. Acho que isso mostra bem o alcance da ligação que temos com as pessoas que gostam da nossa música. A mim diz-me muito.

Sentes que, nos últimos anos, o crescimento da banda tem compensado o carácter meio *underrated* que vocês tinham nos anos 90? A vossa popularidade tem crescido imenso, pelo menos dá essa sensação.
Aos bocadinhos, pequeninos. [risos] Mas sim, por exemplo, vemos muitas gerações diferentes nos concertos agora, e isso não era de todo assim antigamente. Também acho que com a transição da Mina, fomos expostos a um público totalmente novo. O alcance da banda é maior do que nunca neste momento, e a nossa música também evoluiu muito ao longo dos anos, por isso temos muitas canções diferentes que podem apelar a vários tipos de pessoas. Tudo isso ajuda, suponho.

Da última vez que conversámos, na altura do «A Place Where There's No More Pain», disseste que, com o historial da banda, não era boa ideia fazer previsões em relação a qualquer acontecimento futuro. E agora, sentes-te melhor para falar do que poderá ser o próximo disco, por exemplo?
Isso soa a algo que eu diria, de facto. [risos] Mas sim, acho que agora que estamos numa altura tão boa, que aprendemos tanto sobre nós nos últimos tempos, o próximo passo poderá ser mais fácil do que o costume. Estamos sempre a crescer. Por exemplo, o Joey co-produziu este álbum novo e saiu-se lindamente, e vamos definitivamente usar essa experiência em gravações futuras – divertimo-nos imenso, e descobrimos que ainda há coisas novas que podemos fazer juntos. Portanto, estamos entusiasmados, e já estou ansioso por começar a escrever esse próximo álbum!

REFUSED

REVOLUÇÃO, GUERRA E VIOLÊNCIA

Quando acabaram em 1998, os REFUSED dificilmente teriam previsto tanto a dimensão que a banda adquiriria nas décadas subsequentes, como o ressurgimento do fascismo através do fenómeno da *alt-right*. Quatro anos depois de «Freedom», surge agora o violento «War Music», numa altura em que a sua mensagem revolucionária, como veiculada pelo carismático vocalista Dennis Lyxzén, com quem a LOUD! falou, se tornou particularmente urgente.

LUÍS PIRES TIM TRONCKOE

A primeira impressão do «War Music» é que é mais agressivo e urgente do que o «Freedom», concordas?
Sim, diria que sim. Nós queremos sempre reflectir os tempos em que vivemos. Quando olhas para o mundo à tua volta e vês o que se está a passar, se tiveres sorte e fores bom o suficiente, podes reflectir isso na tua música. Acho que vivemos em tempos loucos e julgo que captamos bem isso no «War Music». A atitude e a linguagem, tanto musical como liricamente, é relevante em 2019. No fundo, é isso que a arte deve fazer, não é? A boa arte deve ser um reflexo dos tempos em que surge e identificável enquanto tal. Tento sempre escrever sobre o que se passa à minha volta e senti que com o crescimento da *alt-right*, do fascismo, e tudo o resto associado a este movimento, que era preciso aumentar a potência e ser ainda mais directo e bruto. No «Freedom» tive um bocado a tendência de tentar [risos] ser demasiado esperto e estava com a mania que era intelectual. Desta vez tive uma abordagem mais visceral e segui mais a política que me estava no estômago do que a do cérebro.

Na «The Infamous Left», dizes que "*You theorize safe in your seat / but the struggle never left the streets*" o que parece ir realmente ao encontro dessa ideia mais visceral e confrontacional.

Há um bocado de ironia nessas linhas. Tenho a noção de que muitos dos nossos fãs são de esquerda e da academia, mas acho mesmo que um dos maiores problemas da esquerda nos últimos anos é a forma como olhamos para nós e nos congratulamos porque somos bons e iluminados e sabemos coisas. Essa intelectualização não se traduz para a maioria das pessoas, que não são académicos ou intelectuais, para quem as lutas são no local de trabalho e na vida real. Essa canção também é uma referência à emergência da extrema direita, ao facto de não os podermos derrotar simplesmente fingindo ser espertos, para os derrotarmos temos de os derrotar cara a cara e a maioria dessas lutas terão de ser nos locais de trabalho, nos espaços quotidianos, pelo que é mesmo uma crítica à esquerda pela sua inabilidade de ser relevante onde tem de ser relevante.

Isso torna-se particularmente importante hoje, pelo extremar das bolhas de discurso através das redes sociais.
Se recuares um bocado e olhares à volta, estamos mesmo num mundo polarizado e dividido. Quando olhas para esta polarização, apercebes-te que a maioria das pessoas no lado oposto do teu espectro político, não são o teu inimigo, mas sim peões do jogo de divide e conquista que é essencialmente uma táctica capitalista, é uma táctica do 1%, de incitar as pessoas umas contras as outras. Penso que é importante compreender os mecanismos que nos dividem e a razão pela qual estamos divididos, é importante compreender que para a maioria de nós, sejamos de esquerda ou de direita, estamos a ser fodidos pelo capital e é apenas uma diferença de como o interpretamos e como lutamos. Claro que tenho noção de que os *alt-right*, os nazis, e os fascistas nunca vão ser nossos amigos, mas há imensa gente que vota nos populistas de direita que o fazem porque estão assustados, porque estão a ser fodidos pelo sistema e vêem estas soluções fáceis. É mesmo urgente que a esquerda ganhe perspectiva e pense onde e como gastar a sua energia e foco nesta luta.

Como afirmas no «Sober Living For The Revolution», vocês sempre quiseram evitar estagnação ao nível instrumental. Dirias que no «War Music» essa tendência explica a coexistência entre o pop rock orelhudo duma «I Wanna Watch The World Burn» e o lado meio thrash da «Turn The Cross»?
Olhando para a nossa discografia, uma canção como a «Turn The Cross», por nova que seja, com o seu lado crossover, encaixava perfeitamente no «Songs To Fan The Flames Of Discontent», enquanto que a «I Wanna Watch The World Burn» tem precisamente o tipo de lado pop com que lidamos numa «Summerholiday Vs. Punkroutine» no «The Shape Of Punk To Come». Quando fazes um disco queres que ele seja dinâmico. Tenho sorte de me ter tornado num cantor bom o suficiente para usar a minha voz em registos diferentes. Claro que seria divertido fazer a «Turn The Cross» dez vezes seguidas, mas não dava um álbum muito dinâmico. [risos]

"É importante compreender que para a maioria de nós, sejamos de esquerda ou de direita, estamos a ser fodidos pelo capital."

Acho que há imenso espaço a explorar entre os dois extremos que apontaste e acho que é isso que nos distingue de várias bandas no nosso mundo, o facto de podermos fazer ambas as coisas e não deixar de soar a Refused.

Portanto trata-se de um dinamismo implementado de forma consciente?
Quando escreves, há imensas canções que te surgem sem pensares no assunto e achas fixe, e outras que te parecem demasiado *poppy* ou demasiado outra coisa qualquer. No «War Music», sabíamos a direcção em que queríamos seguir, queríamos um disco que servisse como uma declaração na sua intensidade e na sua violência. Mas quando surgiu a «I Wanna Watch The World Burn», achámos que era uma bela canção e que a queríamos no disco porque tinha uma energia óptima, mesmo que fosse algo diferente. A decisão consciente era a de fazer um disco sem *fillers*, queríamos canções que canalizassem energia e que fossem efectivas, e acho que o conseguimos.

Voltando às letras, na «Blood Red» usas a citação clássica do Marx [originalmente no «Crítica Ao Programa De Gotha»], "*from each according to ability / to each according to need*," o que me surpreendeu por ter sido a primeira vez que o fizeram.
[risos] É uma frase tão boa, é basicamente o mundo em que quero viver. Na altura também fiquei chocado e surpreendido, não só porque raramente foi usada em canções, mas também porque nunca nos tínhamos lembrado de a usar. Na canção já tínhamos o título «Blood Red» e eu estava a cantar sobre o 1%, pelo que achei perfeito. A outra surpresa nisto tudo é teres sido a primeira pessoa a entrevistar-nos sobre este disco que reparou que temos Marx nas letras.

Vocês sempre tiveram influência situationista e desta vez isso surge na «Violent Reaction», não só na letra, "*A spectacle so perverted by greed / We can't but must be non-comformist sheep*," como no citar do Raoul Vaneigem no livrete. Como foi o processo interno para conciliar esta ideia com actuações em festivais comerciais como o Coachella?
Essa é uma conversa permanente quando estás numa banda como a nossa, tanto internamente como com a editora e o nosso *manager*. Desde a venda de *t-shirts* até à forma como postamos no Instagram, está tudo ligado às nossas ideias. Temos a noção que vivemos num mundo em que o capitalismo é tudo, em que o capitalismo está em toda a parte, e em que não há um lado de fora. A forma como te podes manobrar quando queres ser uma banda revolucionária e anti-capitalista é algo em que pensamos muito e discutimos muito. Regressar e tocar no Coachella, no Primavera, e nesses festivais todos, era algo que nunca esperávamos, mas quando tens estas ideias e ideologias que queres comunicar às pessoas, nestes grandes festivais somos uma das poucas bandas que sobre ao palco e fala de política, e na minha cabeça eu quero é estas ideias e esta música em toda a parte. Claro que podíamos continuar a tocar só no mundo punk, mas a maioria das pessoas lá já sabe isto tudo, já tem noção destes ideais. Claro que há contradições com as quais tens de lidar internamente, mas se consegues essa plataforma gigante para abordar estes assuntos e estás a tentar mostrar algo diferente, uma outra forma de estar ou de pensar, então acho que já é uma vitória.

FAZER ACONTECER

Mesmo com o abandono do vocalista fundador, Austin Carlile, em 2017, os OF MICE & MEN mantêm uma regularidade impressionante de lançamentos, e o novo «Earthandsky» sucede com naturalidade a «Defy», de 2018. Com a formação já estabilizada, é mais uma forte demonstração da pujança do metalcore dos norte-americanos, conforme nos confirmou o vocalista e baixista Aaron Pauley.

JOSÉ CARLOS SANTOS TRAVIS SHINN

Atiremo-nos já de cabeça para o «Earthandsky» – quais é a tua perspectiva sobre este novo álbum nesta altura? Sentes que atingiste os objectivos a que te propuseste quando o começaste a escrever?
Sim, claramente. Queríamos fazer um álbum cheio de canções pesadas, que pudessemos tocar em palco com bons resultados, e assim que terminámos o último tema, ficámos com a certeza absoluta que tínhamos atingido essa meta.

Como foi esse período de composição, aproveitaram a solidez demonstrada no «Defy», ou mudaram alguma coisa nos vossos métodos?

"Já não toco baixo ao vivo, portanto posso perfeitamente aparecer em cima da vossa cara a qualquer momento durante um concerto!"

Não mudámos nada, por acaso. Acho que nos temos mantido bastante consistentes no que diz respeito ao nosso *workflow* e métodos de trabalho. A única coisa que vai mudando é aquilo que estamos efectivamente a criar. Nenhum dos nossos álbuns é igual a algum dos outros, e isso é feito de propósito. Os métodos são os mesmos, mas os resultados são sempre diferentes, é assim que gostamos de trabalhar.

Este é já o teu segundo álbum como único vocalista da banda, sentiste-te mais confiante desta vez? Achas que melhoraste, de alguma forma, em relação àquilo que fizeste no «Defy», por exemplo?
Dei por mim muito mais a estabelecer-me naquilo que sou verdadeiramente, mais do que a forçar qualquer coisa. Forcei-me a ser eu próprio, pode-se dizer. Que tal? [risos]

Disseste recentemente que a resiliência e a superação são as características principais por trás dos temas deste disco. Dirias que é esse o assunto principal do «Earthandsky»?
Talvez… Mas talvez não, também. É difícil dizer, sinceramente. As canções, para mim, têm um significado muito específico, mas tento escrevê-las de forma a que qualquer ouvinte se possa relacionar com elas, independentemente de onde estejam na sua vida. Por isso tento não ser muito específico nem explicar grande coisa.

Consegues ainda assim seleccionar algum tema que seja mais importante para ti, seja por que razão for?
Consigo, mas isto é como os filhos, não posso dizer em voz alta! [risos] Mas admito que a «Linger» significa muito para mim, por ser uma canção que escrevi sobre a dor de perder tantos amigos para as dependências e para o suicídio.

Disseste há pouco que um dos objectivos era escrever música que pudessem tocar ao vivo – quanto deste álbum é que consegues imaginar a "tomar conta" da vossa *setlist*? E isso será algo importante para manter o entusiasmo de andar na estrada?
Acho que vamos acabar por tocar a maior parte do álbum, para dizer a verdade. Foi com esse intuito que o escrevemos, e estamos a começar a perceber que os novos temas resultam maravilhosamente em palco. No que diz respeito ao entusiasmo, há que referir que já não toco baixo ao vivo – ordens do médico! –, portanto posso perfeitamente aparecer em cima da vossa cara a qualquer momento durante um concerto. Isso é entusiasmante!

Apesar das várias mudanças de formação que já tiveram, vocês sempre conseguiram manter um ritmo de produtividade bastante elevado, já para não falar do tempo todo que passam na estrada. É uma ética de trabalho difícil de manter?
Há muito *downtime* quando se é músico numa banda. Para nós simplesmente fazer as coisas significa que continuamos a caminhar em frente. Fazemos *demos*, mantemo-nos produtivos, porque *fazer* é, literalmente, o que mantém a produtividade em alta. É simples assim.

E olhando para trás… tens algum arrependimento? Algo que, com o que sabes hoje, fizesses de forma diferente se pudesses?
Talvez, mas por outro lado, mudar alguma coisa significaria mudar os momentos inspiracionais e os acontecimentos que deram origem a muita da nossa música. Muitas das nossas canções não existiriam, nesse caso. Portanto, acho que nem vale a pena pensar nisso.

Tudo somado, achas que é possível atingir verdadeira longevidade com os Of Mice & Men?
Eu já chamaria dez anos e seis álbuns de longevidade!

Lacuna Coil

Duas décadas depois, os LACUNA COIL estão uma vez mais a mudar o paradigma com o seu novo álbum «Black Anima». Camaleónicos desde que, em 1999, surpreenderam todo um mundo pós-The Gathering, com o álbum de estreia «In A Reverie», o colectivo oriundo de Milão tem mudado bastas vezes de pele e, por esta altura, essa capacidade inata de se ir reinventando, mesmo que em passos pequenos que já implicaram algumas escolhas que não foram recebidas com o mesmo afecto que outras, parece ser o que os alimenta a nível criativo. À semelhança do que se passou com «Comalies», «Shallow Life» e «Delirium», o nono disco de estúdio afirma-se como mais um passo em frente e, ao mesmo tempo, um olhar duro para o passado. «Black Anima» chega aos escaparates na sequência de um raro período de reflexão e dá início a um novo ciclo no percurso do colectivo liderado por Marco Coti-Zelati, Andrea Ferro e Cristina Scabbia. Foi com a vocalista que conversámos, não só sobre música nova, mas também sobre o passado, mais ou menos distante.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES CUNENE

SÃO. PARTE. DE TI.

Faltam ainda poucos minutos para as nove da manhã, mas o sol já bate bem forte lá fora, fazendo adivinhar mais um dia de calor abrasador. A luz vai entrando pelas persianas e já alerta, com os apontamentos ao lado, aguardamos que entre a chamada da Sra. Scabbia via Skype. Não há perguntas rígidas, apenas uma linha condutora e alguns pensamentos que, temos esperança, dêem origem a uma boa conversa com a eterna cara dos Lacuna Coil. À hora marcada, o visor acende-se, atendemos e surge a Cristina, meio ensonada do outro lado da ligação. "*Não estou no meu computador e não consigo desligar a câmara, por isso vais mesmo ter de levar com a minha cara matinal,*" diz a italiana antes de soltar uma gargalhada. Sempre afável, a evidenciar desde cedo aquela ligação que, apesar de dizerem que não, insiste em unir os países do Sul da Europa, toma as rédeas da conversa, de forma descomprometida, como quem sabe exactamente o que fazer para quebrar o gelo. Primeiro, constata a diferença horária entre Espanha e Portugal ("*Estou em Madrid, chegámos ontem à noite, já tarde, porque o avião se atrasou e fui directa para a cama. Não vou ver nada da cidade!*"), de seguida faz uma lamentação meteorológica ("*Parece que em Lisboa o tempo está melhor…*") para, depois, introduzir lentamente a razão que nos trouxe aqui, «Black Anima».

Esta, sabíamos, seria a primeira de muitas entrevistas do seu dia, o primeiro de uma semana inteira de promoção passada a voar pela Europa e Reino Unido, a espalhar a boa nova. Antes disso, no entanto, o melhor será refrear o entusiasmo e colocar um pé no travão, para **contextualizar e tentar perceber como chegaram aqui**. "*Os últimos três anos foram fantásticos,*" começa logo por dizer. "*Houve muita coisa para fazer, estivemos sempre ocupados, a tocar ao vivo, a fazer promoção e também a recordar o passado, o que nem sempre foi simples. Fizemos todo o ciclo do «Delirium», o nosso último álbum e, a seguir, iniciámos logo outro, o das comemorações do vigésimo aniversário.*" Custa a crer, mas é mesmo verdade – aquela promissora banda ita-

liana, que vimos pela primeira vez a "abrir" para os Moonspell no Coliseu dos Recreios, atingiu as duas décadas de existência no ano passado, tendo-se tornado **uma das mais bem sucedidas exportações musicais italianas**. "*Nunca podia ter imaginado que ia acontecer,*" desvenda. "*Nunca pensei que pudéssemos ter tanto reconhecimento e, verdade seja dita, também nunca imaginei que nos podíamos manter no activo durante vinte anos. Aliás, se pensar nisso tudo, continua a ser surreal. O facto de haver uma banda assim, saída de Itália, a fazer o que fazemos, já é especial, mas não percebemos o que se estava a passar à medida que os anos foram passando e, de repente, acordámos uma manhã e tinham-se passado vinte anos!*" Numa situação destas, em que nada parece ter sido planeado de antemão, pelo menos na fase inicial, é praticamente impossível não pensar **qual será o segredo para todo este sucesso a todos os níveis** e, felizmente a Cristina tem uma teoria em relação a isso. "*Isto é o que nós amamos fazer... E, quando colocas amor no que fazes, as coisas acabam por acontecer em 99.9% das vezes. Além disso, eu, o Andrea e o Marco estamos nisto para a vida e temos uma ligação muito forte entre nós.*"

O PASSADO ESTÁ LÁ ATRÁS

"*Fazer parte de uma banda não é fácil,*" continua a explicar de forma sincera. "*Tivemos de nos render à música, ao estilo de vida – a banda transformou-se na nossa prioridade. É muito tempo passado na estrada, em digressão, longe de casa... e isso muda muita coisa, nem toda a gente é talhada para fazer este trabalho. Sim, porque, além de serem uma paixão, os Lacuna Coil também são o nosso emprego.*" Dúvidas restassem entre os laços que mantêm intacta a relação entre os três músicos que compõem o núcleo duro da banda – a Cristina e o Andrea nas vozes, o Marco na composição –, bastaria dar uma vista de olhos rápida a «Nothing Stands In Our Way», o livro que lançaram em Novembro de 2018. Ali estão o nascimento, o crescimento e florescimento da banda; vinte anos, contados nas palavras do trio, ilustrados por fotografias raras, recordações e artefactos sacados às colecções pessoais dos intervenientes. Naquelas páginas estão os primeiros anos de vida, a adolescência, as principais influências musicais, as colecções de discos, até os detalhes de como se conheceram. Os músicos não se pouparam a nada, de resto, escancarando totalmente o baú – **há retratos de bebés, poses de *skater* dos 90s, registos de concertos pré-Lacuna Coil e muitíssimas imagens de bastidores das últimas duas décadas**. "*Foi uma tarefa verdadeiramente hercúlea,*" explica Scabbia entre risos. "*Há vinte anos até fazer um telefonema era um filme... Lembro-me de, antes de termos assinado contrato, querermos telefonar para a Century Media e uma chamada de Milão para a Alemanha era caríssima. Parecia que íamos ligar para Marte! Claro que ainda não havia* smartphones, *os computadores e a internet não estavam acessíveis como hoje e, por isso tivemos de vasculhar bem as gavetas para encontrarmos o que queríamos para o livro. Acabámos por encontrar muito material, ainda em papel. Até aí tudo óptimo, mas depois tivemos de tentar identificar os autores, porque tínhamos mesmo de creditar tudo. Foi complicado e ficaram algumas cenas interessantes de fora, porque não sabíamos quem eram os autores... Felizmente, fomos guardando muitos* flyers, posters*; a Century Media também tinha muita coisa nos arquivos e deu-nos uma boa ajuda. No geral, foi uma experiência muito saudável, porque nos recordou muitas coisas que fomos esquecendo com o passar do tempo.*"

Ainda metida na máquina do tempo, mas a provar o quanto cresceu, a banda encerrou o 20.º aniversário com um concerto exclusivo e sumptuoso em Londres, que – no início deste ano – daria origem ao registo ao vivo «The 119 Show: Live In London». Sempre apostados em fazer mais e melhor, até porque a sua história se tem feito essencialmente de crescimento sustentado, os milaneses fizeram tudo o que estava ao seu alcance para darem um espectáculo memorável aos seus fãs. No 02 Forum de Kentish, num palco decorado como se fosse uma tenda de circo e animado pelos artistas do Incandescence Circus, foram tocadas quase 30 canções, abrangendo toda a carreira do grupo, numa actuação que,

"Eu, o Andrea e o Marco estamos nisto para a vida e temos uma ligação muito forte entre nós."

entre outras peripécias, incluiu **Scabbia, ela mesmo, a cantar suspensa no ar, presa a um cabo de aço por um arreio**. "*Nunca tinha estado tão nervosa numa actuação! É óbvio que já houve outros concertos em que, por qualquer razão, ficámos nervosos, mas no que toca a arriscar a vida, esta foi, sem dúvida, a experiência mais traumática,*" revela a vocalista antes de soltar mais um sorriso. "*Preparar o espectáculo em Londres tomou-nos muito tempo, sobretudo porque era a primeira vez que estávamos a trabalhar com pessoas que ainda não conhecíamos. Nós queríamos fazer uma espécie de circo sinistro, mencionámos a hipótese de contratar uns* performers *e o nosso técnico de luzes sugeriu o pessoal do Incandescence, porque já tinha trabalhado com eles noutro espectáculo e sabia que a imagem era fora do vulgar. Passámos meses e meses a trocar ideias, a planear, tudo o mais. Nós tivemos de ensaiar a música toda, tivemos inclusivamente de fazer arranjos novos para algumas canções mais antigas que não tocávamos há muito tempo e, por isso, a primeira vez que subimos a um palco com eles foi no dia do concerto! Fizemos a primeira actuação sem público, e depois o concerto propriamente dito. Felizmente, na semana anterior, eu e o Andrea tínhamos ido a Bristol, que é de onde eles são, para ensaiar alguns momentos chave, como esse em que sou erguida no ar. No final, correu tudo bem, até com o fogo, que era o mais arriscado, por isso valeu o esforço todo.*"

RECOMEÇOS E NOVOS CICLOS

Malabarismos à parte, não é difícil perceber que, sem estarem numa encruzilhada, em 2018, os Lacuna Coil estavam num ponto fulcral da sua carreira. Por um lado, a celebrar a carreira e, depois de quase dois anos de trabalho afincado, a entrar de cabeça num novo ciclo, o do **nono álbum de estúdio, que é editado, pela primeira vez, na sequência de um período de reflexão. Será que isso teve impacto no «Black Anima»?** "*Eu sou daquelas pessoas que acha que tudo o que faz acaba por influenciar o que vem a seguir, por isso vou ter de dizer que sim,*" responde prontamente a Cristina. "*Não sei se de forma consciente, acho que não, mas nós crescemos muito como compositores e o facto de termos parado para olhar para trás, reforçou essa ideia. Estamos sempre a pensar no que não seria Lacuna Coil, porque adoramos a forma como a música que fazemos nos representa sempre. Não queremos estar a fazer algo diferente só para podermos dizer que somos experimentais, isso para nós não faz sentido. Por esta altura conhecemos bem os nossos limites, sabemos que fazemos um determinado tipo de música, e operamos sempre nessa direcção.*" **E havia uma ideia definida em relação ao que iam fazer desta vez em termos da música, do som?** "*Queríamos todos partir do ponto em que ficámos com o «Delirium» e as ideias que o Marco mostrou disseram-nos que estávamos a seguir numa direcção mais negra e obscura,*" elabora a interlocutora italiana que, tantos anos depois, ainda não perdeu o sotaque. "*Na verdade, são os temas que mais gostamos de tocar ao vivo – são as canções mais pesadas, mais enérgicas e fortes que nos dão mais prazer tocar. De resto, é manter o antigo, juntar algo novo e brincar com isso. As ideias foram surgindo muito naturalmente e, na verdade, não acho que alguém se consiga sentar numa mesa a racionalizar como é que uma canção vai soar. Eu, pelo que me toca, tento não pensar demasiado no que fazemos, gosto de como os temas mudam à medida que o processo vai avançando. Com a música tem de ser uma reacção instintiva, eu sei se uma canção é boa quando sinto arrepios... Às vezes é difícil falar sobre isso, porque nós nunca pensamos as coisas nesses termos. Eu faço o que faço porque isso me faz sentir coisas, é isso.*"

Cristina tem estado focada na conversa, mas quando o assunto mudou e se centrou no novo álbum, começou a revelar um entusiasmo palpável e que, verdade seja dita, não é comum em músicos que estão a editar o nono álbum tendo passado a marca das duas décadas de existência. Esta foi a primeira de muitas entrevistas do seu dia, o primeiro de uma semana inteira de promoção passada

18+

WHAT IS AVAXHOME?

AVAXHOME-

the biggest Internet portal, providing you various content: brand new books, trending movies, fresh magazines, hot games, recent software, latest music releases.

Unlimited satisfaction one low price
Cheap constant access to piping hot media
Protect your downloadings from Big brother
Safer, than torrent-trackers

18 years of seamless operation and our users' satisfaction

All languages
Brand new content
One site

AVXLIVE.ICU

AvaxHome - Your End Place

We have everything for all of your needs. Just open https://avxlive.icu

a voar pela Europa, a espalhar a palavra de «Black Anima». A quase euforia em relação à novidade entende-se, claro, já sabemos que o mais recente parece sempre melhor, mas há qualquer coisa no tom da sua voz, na forma como vai mexendo as mãos para a câmara, que revela uma atracção um pouco mais profunda. **Algo que nos faz acreditar que, mesmo depois de cinco dias fechada em quartos de hotel, a responder a perguntas de jornalistas (que, verdade seja dita, são pessoas que não conhece de lado nenhum), vai continuar a celebrar com todas as suas forças aquela que é a mais nova entrada na carreira do grupo.** *"Este é um daqueles discos que tem muita coisa para descobrir e isso é uma mais-valia,"* continua. *"Estes temas estiveram em mutação ao longo de todo o processo de composição, vários sofreram alterações quando estávamos no estúdio... Uns começaram no A e terminaram no Z, mudaram mesmo muito desde a ideia original."*

"Não acho que alguém se consiga sentar numa mesa a racionalizar como é que uma canção vai soar."

SERES HUMANOS COM ALMAS NEGRAS

Depois dos últimos dois registos, em que parecia estar a cair no síndrome do *temos-de-ficar-grandes-nem-que-seja-à-força-nos-Estados-Unidos*, o trio, com a ajuda de músicos de sessão, parece ter conseguido resgatar grande parte da identidade que, ali na viragem do milénio, o destacou do xarope sinfónico que dominava as bandas vocalizadas por mulheres no espectro do metal mais melancólico. Menos barrocos, menos operáticos, mais roqueiros e a piscar o olho à pop/rock alternativa, os Lacuna Coil tiveram ADN bem definido até ao momento em que se começaram a perder entre *breakdowns* previsíveis. Em 2019, ainda se mantém a imagem demasiado Hot Topic, mas Marco, que continua a ser o principal responsável das despesas de composição, está **a milhas de distância da abordagem inócua das Babymetal deste mundo**. *"É ele que trata de toda a parte musical,"* confirma Cristina Scabbia, para depois acrescentar: *"O Marco inspira-se muito em imagens para escrever a música. Costuma fazer tudo na cave, onde tem o material e uma televisão enorme. Geralmente põe um vídeo, um filme ou um documentário a passar, e começa a escrever. Lembro-me que, para este disco, houve uma altura em que já estávamos todos à espera de ideias para começar a trabalhar e ele estava em pânico, porque não estava a conseguir compor. Ligou-me, disse-me que tinha passado os últimos dias sentado à frente da televisão, com a guitarra na mão e as ideias não surgiam. Eu tentei tranquilizá-lo, sugeri-lhe que desse tempo ao tempo e, uma semana depois, começámos a receber esboços uns atrás dos outros. Resultado, escreveu cinco canções em dois dias. Mas acho que é uma coisa natural, todos já passámos por isso ou por algo semelhante. Eu, por exemplo, tenho sempre dificuldade no início... Nós não escrevemos letras que, depois, tentamos encaixar nas canções e o desafio acaba por ser um pouco maior. Cada palavra tem de soar como queremos."* Agora só **resta saber se o processo de criação a nível lírico também foi escorreito ou se, por outro lado, duas décadas depois, a Cristina e o Andrea já começam a não saber sobre o que mais escrever**. *"Isso não é um problema, porque tanto eu como o Andrea estamos sempre a anotar ideias para fazer letras,"* garante. *"Não são letras propriamente ditas, são mesmo só frases ou palavras soltas, que sentimos que podem dar boas letras depois. Se há um tópico que nos agrada, tratamos de o registar para uso futuro. Depois, quando já temos a música do nosso lado e uma ideia de como vai ser a estrutura da canção, começamos então a organizar os pensa-*

mentos e, com a ajuda do Marco, criamos as linhas vocais e as letras."

VOYEURISMO E A VIDA REAL

Neste caso, com um título como «Black Anima» – que, em tradução livre, quer dizer algo como "Alma Negra" – **não será difícil prever que o conceito lírico seguiu a mesma direcção da música, mais pesada e obscura**. "*O título surgiu porque queríamos fazer qualquer coisa com a palavra* 'black'," esclarece Cristina. "*Sabemos que é um termo batido e super simples, mas queríamos mesmo usá-lo, porque descreve na perfeição a música, que é bem negra, intensa e forte. No entanto, sentimos necessidade de lhe dar um* twist *e foi o Andrea que se lembrou da expressão* 'anima'*, que quer dizer* 'alma' *em italiano. Nós, de certa forma, gostamos de misturar palavras de forma inusitada, e já o tínhamos feito, por exemplo, no «Comalies» e noutras ocasiões; acaba por ser uma tradição nossa. Desta vez fez todo o sentido, porque a inspiração para as letras veio de vários lados, mas cabem todas neste livro fictício que criámos e que pode ser visto nas nossas fotografias de promoção. O conceito surgiu depois de termos feito o livro para comemorar os vinte anos, por isso deve ter sido uma coisa subconsciente... [risos] Mas este livro é diferente, a ideia era criar um diário, onde cada pessoa pudesse colocar tudo o que está escondido, toda a loucura que está dentro do ser humano. Uma espécie de arquivo, que contém os segredos mais obscuros do ser humano. Depois lembrámos-nos do baralho de Tarot, fomos vendo as imagens de cada carta e isso fez com que a ideia sofresse um novo impulso, inspirando os temas. No final, foram ideias que foram surgindo daqui e dali, mas que, visualmente e em todos os aspectos, acabaram por fazer sentido juntos.*" **Não será, por isso, muito complicado estabelecer paralelos entre a narrativa aparentemente fantasiosa, mas que tem mais a ver com a vida real do que se poderia pensar à partida**. "*Claro que sim, tem tudo a ver com realidade,*", surge a resposta pronta. "*Tudo o que fazemos tem a ver com a vida real, por muito fantasiosos que os conceitos possam parecer quando vistos de fora, estão relacionados com o que se passa à nossa volta. Hoje em dia, notamos que as pessoas têm todas muito medo de mostrar as suas falhas, as suas fraquezas. Todos querem mostrar as partes boas das suas vidas, e toda a gente faz questão que tudo pareça perfeito e filtrado. Isso é* bullshit, *não é a vida real. Todos, como seres humanos, experimentamos momentos menos bons... Seja por causa de raiva, de ciúme, de ódio. A verdade é que não vejo essas coisas como negativas – são, pura e simplesmente, inatas ao ser humano. Portanto, também não acho que seja necessário esconder essas partes do nosso dia-a-dia. São. Parte. De ti. A sociedade em que vivemos, sobretudo desde que apareceu a internet, tem sido uma enorme fonte de inspiração para nós. A «Under The Surface» é totalmente inspirada pelo facto de que, na internet, de um lado estão as pessoas escondidas atrás de um ecrã e, do outro, uma série de gente a cobiçar a perfeição, o dinheiro, a forma física de alguém. Pois bem, tenho a dizer-vos que a internet não tem de ser assim. Está na altura de assumirmos todos que a vida real nem sempre é bonita, que toda a gente tem os seus altos e baixos.*" Para exemplos práticos do que se fala aqui, basta seguir a conta de Instagram da vocalista dos Lacuna Coil; que, de todas as "estrelas" que nos vão mantendo actualizados em relação ao seu dia a dia nas redes sociais, talvez seja mesmo das mais reais. O que, nos tempos em que toda a gente faz um esforço para mostrar só o lado "perfeito", acaba por ser a proverbial anomalia.

"Está na altura de assumirmos todos que a vida real nem sempre é bonita."

VENENOSA FINALIDADE

Ao 13.º longa-duração da carreira, os OPETH voltaram-se para a língua nativa, fruto de um impulso do guitarrista, vocalista e compositor, Mikael Åkerfeldt, de escrever música para ser cantada em sueco. O resultado será porventura o mais intenso álbum da banda desde que se mudaram definitivamente para o rock progressivo no início da década. Dissecámos o disco na companhia do guitarrista da banda, Fredrik Åkesson.

LUÍS PIRES JONAS AKERLUND

A nota de imprensa do «In Cauda Venenum» descreve-o como o vosso disco mais importante até hoje. É um sentimento que partilhas?
Bem, sempre que lanças um álbum novo, sentes de certa forma que é o melhor que já fizeste. É também uma forma de estar, uma máxima, de que queres sempre fazer o teu melhor trabalho. No entanto, acho mesmo que há algo especial desta vez. Lembro-me que a primeira canção que ouvi foi a última do disco, a «All Things Will Pass» [«Allting Tar Slut»], e quando ouvi aquele último refrão, fiquei cheio de arrepios nos estúdios onde fazemos as *demos*, onde tinha ido encontrar-me com o Mikael [Åkerfeldt] para gravar uns solos. Senti mesmo algo visceral quando ouvi a canção, notava-se que ele se tinha dedicado imenso à escrita, que se tinha fechado no acto. Penso, quer dizer, sei, que o objectivo com este disco era fazer algo mais épico do que nos últimos, algo que soasse maior em todos os aspectos. Estamos felizes e acho que o esforço adicional compensou. Desta vez até ensaiámos antes de ir para estúdio. Gravámos três canções adicionais, portanto havia bastante material, que a meu ver era bastante complicado de ter na perfeição. Tivemos que trabalhar nele durante um bom bocado antes de entrar em estúdio, o que nos permitiu perder mais tempo a escolher e a experimentar com equipamento.

Não tinhas sentido portanto esses arrepios nos discos anteriores?
Bem, já tinha ficado deslumbrado com bastante material antigo, mas acho que o senti definitivamente com mais força desta vez.

Falaste de terem podido experimentar com o equipamento em estúdio. Como foi a experiência nos Park Studios, que estão mais associados à pop do que outra coisa, e com o Stefan Boman?

"A língua sueca inspirou o Mikael não só a escrever mais intensamente, mas também a escrever material mais intenso."

Como sabes, era suposto irmos gravar noutro sítio, mas surgiram complicações com o calendário e acabou por ser o Tobias Forge dos Ghost a recomendar os Park Studios. Felizmente o Stefan teve tempo para nós e quando lá chegámos, havia uma consola Neve dos anos 70, que é fantástica, e uma consola da EMI que os Beatles tinham nos Abbey Road Studios. Só existem oito no mundo e são fenomenais para gravar guitarras. Também pudemos finalmente testar um amplificador em que trabalhei durante dois anos com uma empresa local, a Olsson Amps, e sinto que ganhámos a lotaria. Termos usado um amplificador único no mundo para gravar as guitarras também foi bastante fixe.

Como vês o impacto da decisão de fazer um disco em sueco na escrita?
Também temos a versão inglesa, mas realmente a principal é a sueca e, se me permites falar pelo Mikael que foi quem o escreveu, para ele, a decisão pelo disco em sueco foi um catalisador para a escrita, foi inspirador. Ele escreveu imensa música num período muito curto de tempo, foi mesmo o mais produtivo que alguma vez o vi. De alguma forma, a língua inspirou-o não só a escrever mais intensamente, mas também a escrever material mais intenso. Tornou-se foi um desafio maior para ele no que diz respeito às letras, ele disse-me que tinha achado bastante mais complicado assim do que em inglês.

Ele mencionou que em inglês se podia esconder por trás de palavras grandiosas, o que me pareceu estranho, não seria mais fácil fazer isso na língua mãe?
Concordo com essa observação, mas por alguma razão é mais fácil acabares com letras a soar foleiras em sueco, o que o obrigou a aprofundar a escrita. É mais delicado, mesmo quando estás mais familiarizado com a língua, o que fez com que o conteúdo tenha surgido, a meu ver, mais elaborado desta vez.

Houve também muita influência de bandas suecas na música em si?
De certa forma, os Opeth já são inspirados por bandas suecas de prog rock como os Thirty Years War [Trettioåriga Kriget] e coisas assim desde o «Orchid». O Mikael tem uma colecção enorme e já nos meteu a ouvir coisas que nunca ouviríamos de outra forma, bandas de prog como Museo Rosenbach e assim. Neste álbum, houve influências para além das suecas. Uma delas foi uma banda particularmente inspiradora para nós, chamada Renaissance, em particular no disco deles chamado «A Song For All Seasons» [1978], que tem um som bastante épico, com umas passagens extremamente pesadas.

Imagino que te referes a um peso num sentido mais emocional.
Sim, não peso como uns Slipknot [risos], mas mais naquela onda dos 70s, algo *doomy*, no fundo mais no sentido dos Sabbath do que outra coisa. Isso nota-se bastante quando tocamos ao vivo qualquer um dos últimos três discos. Em palco, o som de guitarra parece que é sempre mais espesso e elas são bastante mais pesadas nesse contexto, o que não me chateia rigorosamente nada, só não sei é se isso vai acontecer com o «In Cauda Venenum».

Nem que seja porque é mais pesado em disco do que os outros que mencionaste.
Também acho que sim, e esse é sempre o meu objectivo, de fazer as coisas soar o mais pesadas possível. [risos]

Nesse sentido, sentes-te a nadar contra a corrente dentro da banda?
Nem por isso, até porque neste disco, por exemplo, as *demos* já soavam bastante pesadas e cheias de guitarra. A questão é que, em algumas canções tens imensas coisas ao mesmo tempo, tens as guitarras pesadas, os Mellotrons, o Hammond com um Leslie que ocupa uma gama enorme de frequências, e em cima disto ainda tens uma orquestra de cordas, baixo distorcido e bateria pesada, é muita frequência a partilhar o mesmo espaço e é difícil destacar tudo por igual.

O Mikael mencionou que nos últimos dez anos tem abordado cada disco com a ideia

de que pode ser o último. Isso estende-se ao resto da banda?
Sim, é sempre um bocado assim. Ele diz sempre alguma coisa deste género: "*estou feliz com este disco mas gosto de pensar que pode perfeitamente ser o nosso último*." Eu diria que é algo comum e te mantém alerta enquanto fazes o álbum, até porque se te pões a planear demasiado à frente, isso deixa-te stressado, é bom manteres-te no momento, se estás a fazer um disco a dada altura não queres estar a pensar no disco que virá depois, por mais provável que seja a sua eventual existência. Agora, na nossa cabeça só existe este álbum e a digressão para o apresentar.

Nos últimos discos só tiveste então a sensação de que iriam gravar outro depois de terminadas as digressões de apresentação?
Sim, definitivamente. Desta vez fizemos uma certa pausa depois da digressão do «Sorceress», em que não demos concertos durante quase um ano. Nesse período, o álbum acabou por ser escrito e gravado, portanto a pausa acabou por não se concretizar como planeado. É bom que tenha sido assim, temos que nos manter activos e não podemos ser preguiçosos durante muito tempo, mas acho que fizemos bem em não actuar durante algum tempo. Espero que isso mantenha o interesse nos Opeth ao vivo e que as pessoas nos venham ver de novo.

É desta que vão apresentar um disco tocando-o do princípio ao fim?
Ainda não sabemos, o alinhamento dos concertos é precisamente o que temos discutido nestes últimos dias, já que começamos a *tour* no fim de Outubro. Estive com o Mikael no outro dia e decidimos que vamos ensaiar as canções todas do disco e depois decidir quais delas usar. Inicialmente podes querer tocar três ou quatro do novo álbum, mas depois queres tocar material antigo, material mais death metal que não tem aparecido nas últimas digressões, para deixar os fãs antigos felizes também. Tentamos ir variando, mas depois claro que temos de manter as favoritas, as canções que se tornaram como que a «Smoke In The Water» dos Opeth, por assim dizer, como a «Deliverance». É complicado, porque temos os nossos concertos em que tocamos mais de duas horas e podemos encaixar mais, mas também há as datas de festivais, em que tendemos a tocar um alinhamento mais *crowd pleasing*. Esta altura é divertida, sentimo-nos outra vez entusiasmados por ir em digressão e tocar coisas do novo disco, acho que vai soar muito bem ao vivo, pelo menos a julgar pela forma como soa na sala de ensaio. Ainda temos de perceber como encaixar todas as vozes e as harmonias, e nalgumas canções isso é um desafio, mas um que nos dá imenso gozo.

Com composições tão detalhadas com estas, deve ser realmente um desafio ter tudo fielmente traduzido em palco.
Até porque não queremos mesmo usar *click tracks* e coisas desse género, tem de ser tão real quanto possível. Claro que se há um discurso que queiramos usar vamos ter de o programar num dos teclados do Joakim [Svalberg, teclista], mas não nos queremos estar a sincronizar com uma pré-gravação de fundo nem nada nisso. Queremos manter-nos *old school*.

O contrário seria de certa forma uma traição ao espírito e às influências que exploram.
Definitivamente. É engraçado, porque temos estado a mudar algum do nosso equipamento de guitarra e conseguimos um arranjo muito flexível em que podemos tocar tanto o material mais metal como o mais recente sem mudar de equipamento. Basicamente o que fazemos é ter este tom de hard rock cheio de distorção, mas simplesmente tocamos alguns dos riffs no *pick up* do pescoço, o que lhes dá uma atmosfera mais suja. Assim, quando nos vês ao vivo a tocar o material death metal mais antigo, bem como malhas do «Sorceress» e do «Pale Communion», que têm aquele som mais 70s, é tudo o mesmo tom de guitarra, simplesmente com o truque de usar o *pick up* do pescoço da guitarra.

Também deve ser um alívio não ter de estar a planear mudanças de equipamento em palco.
O disco já vai ser complicado o suficiente para traduzir ao vivo. Por exemplo, em quatro ou cinco canções temos uma orquestra de cordas. Claro que não podemos fazer isso ao vivo, e é complicado para o Joakim fazer isso tudo em cima das passagens dele. Nalguns casos, ele até pode nem ter de tocar tudo exactamente, podes usar uma guitarra a tocar uma certa passagem, e se tiveres de alternar cenas entre nós, desde que funcione não há problema.

Falaste nos discursos e só um deles [na «Dignity»] é que foi identificado pelo Mikael como sendo uma gravação do ex-primeiro ministro Olof Palme. Podes-nos dizer o que são os outros?
Na «Garden Of Earthly Delights» [«Livets Trädgård»], quando ouves o assobiar fúnebre, sou eu que estou a fazer isso. Mesmo antes da «Dignity» [«Svekets Prins»] começar, há uma miúda a falar que é a minha filha, e na «Charlatan» é uma gravação dela e das filhas do Mikael, foi uma ideia que tive em que lhes demos umas perguntas sobre as quais reflectir. Não lhes demos um texto para ler, elas simplesmente disseram o que pensavam sobre o assunto e foi isso que ficou no disco, que acabou por ser mais uma especulação à volta de ideias ligadas à fé e à religião.

A nota de imprensa refere os teus solos como surpreendentes. Como é que os abordaste?
Tento sempre subir de nível e tentar algo novo em cada disco. Claro que isso acaba por depender crucialmente da canção em si, do pano de fundo sobre o qual vou solar. O objectivo é fazer algo que encaixe na canção, mas claro que é bom ter uma parte mais rápida ou mais técnica ocasionalmente. Normalmente o que acontece é que o Mikael me chama para ir ao estúdio das demos para acrescentar um solo, e eu quando chego lá limito-me a improvisar algo. Desta vez, na «Dignity» isso não foi possível, porque em vez dum riff só, há toda uma progressão e alteração de acordes e foi preciso estar a pensar em como encaixá-los a todos, o que me tirou da minha zona de conforto. Foi divertido ter esse desafio, essa experiência diferente, como tocar o solo longo de balada. O mais próximo que tínhamos tido de um deles tinha sido na «Burden» [do «Watershed»], em que eu e o Mikael trocamos solos mais suaves. Foi engraçado que, quando fui gravar esse solo, o Mikael disse-me que queria que fosse o solo pelo qual as pessoas se lembrariam de mim [risos] "*okay, amigo, obrigado pela pressão!*" No final, acabei por improvisar algo que tentei que fosse bastante emocional.

Dos teus solos para o Axe [Martin Axenrot, baterista]… A sequência da «Charlatan» até à «The Garroter» [«Banemannen»], parece mostrá-lo numa forma impressionante.
Ele é fantástico. Ainda me lembro quando ele gravou o primeiro disco dele com os Opeth, o «Watershed». Estávamos a trabalhar numa parte duma canção de bónus, a «Derelict Herds», e ele tocou bateria durante dezassete das 24 horas desse dia [risos] Foi incrível ver a teimosia dele com uma parte em que tens que como que dividir o teu cérebro, e ele não parou até acertar com aquilo. Adoro tocar com ele, até porque não é assim tão comum encontrar bateristas de metal extremo que consigam suster *grooves* de rock como deve

"Sinto mesmo que em cada disco o Mikael gosta de nos provocar a fazer algo que nunca fizemos antes. Ele é um bocado sádico."

ser, ou tocar o material mais *jazzy*. Mesmo com a fundação dele assente no metal, nos *blastbeats* e assim, ele é um tipo bastante diversificado, como se tivesse uma memória fotográfica que lhe permite memorizar facilmente sequências longuíssimas de música. Parece que está sempre a evoluir, o que é um objectivo para toda a gente da banda, queremos sempre melhorar enquanto músicos.

Quanto do que ouvimos tem *input* dele na escrita?
Os ritmos básicos estão escritos, e o Mikael também lhe deixa indicações de onde é que devem entrar certos *fills.* Mesmo alguns dos *fills* pré-programados que acabam por ficar essencialmente como estão, tanto o Axe como o Martin Mendez no baixo acrescentam bastante deles. No final de contas, essa é a razão para qualquer um de nós estar lá, para transportarmos tudo para um nível acima, independentemente do quão preciso o Mikael é e do quão detalhadas são as *demos* dele. Ele trabalha em cada batida durante imenso tempo, não se limita a colocar algo simples lá, vai mesmo ao pormenor. O que acontece é que depois o Axe realmente eleva o que ele já escreveu, aliás, toda a banda experimenta em estúdio. Tentamos tocar isto e aquilo de forma diferente e as músicas crescem, essa parte é muito importante e torna a experiência de estúdio bastante mais divertida.

Desde que o Joakim se juntou em 2011, os teclados têm aumentado a importância no som dos Opeth. Ele foi uma peça importante nessa evolução?
Ele é fantástico, mas as partes dele vêm praticamente todas escritas. O Mikael gosta imenso de escrever passagens de Mellotron bombásticas e o Joakim é muito bom a executar o que ele escreve, até porque ele próprio não consegue tocar aquilo, só programar. Às vezes o Joakim tem que lhe dizer "*isto é impossível, precisava de pelo menos mais dois dedos!*" [risos] Ele tem de trabalhar muito, há material bastante complicado e ele recusa-se a usar material pré-gravado. Como o resto da banda, ele gosta bastante do desafio. Sinto mesmo que em cada disco o Mikael gosta de nos provocar a fazer algo que nunca fizemos antes. Às vezes quando estou a ouvir as *demos*, é claro que há ali partes que vão dar uma dor de cabeça ao Axe, o Mikael é um bocado sádico nessas coisas. [risos]

Parece um sadismo bem disposto, a lembrar o sentido de humor da capa do disco, como a mansão assente na língua ou aquela ideia inicial do escorpião com as vossas caras.
Sim, essa componente da arte gráfica já vem desde o «Watershed», não sei se te lembras, mas tínhamos uma cara que eram as nossas todas sobrepostas, e é algo que vai continuar em cada disco. Desta vez, essa imagem do escorpião representava o tema do disco dessa forma, como quando no álbum ao vivo metemos as nossas caras na montanha, que foi um bocado um *rip-off* do «Deep Purple In Rock». Desta vez, há um pormenor na capa do «In Cauda Venenum» que eu acho muito divertido: no lado esquerdo da casa, há esta fonte cheia de sangue e a imagem clássica dum puto a urinar na fonte. Se aumentares a imagem, a cara do miúdo é a cara do nosso *manager*, o Andy.

EXHORDER

As últimas décadas têm sido especialmente ricas em regressos inesperados. À semelhança dos Autopsy, dos Carcass ou dos At The Gates, muitas bandas clássicas de géneros e subgéneros do som extremo ensaiaram retornos após vários anos afastados das lides. Pois bem, depois de diversas tentativas falhadas, os norte-americanos EXHORDER são mais um nome a juntar à lista de grupos de que nunca pensámos um dia voltar a ouvir música nova e a curiosidade que rodeia a edição de «Mourn The Southern Skies», o eternamente adiado sucessor de «The Law», de 1992, é enorme. Durante os últimos 30 anos, os músicos de Nova Orleães ganharam estatuto de culto e, com formação renovada e cientes das expectativas, assinam uma declaração de intenções digna de quem se está a borrifar para o que as outras pessoas esperam ou pensam. Numa destas tardes de Verão, tivemos uma esclarecedora conversa com o vocalista Kyle Thomas.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES DANTE TORRIERI

Como chegamos a este regresso às edições, 27 anos depois de terem lançado o vosso último álbum de estúdio, o «The Law»?
Temos trabalhado imenso desde que voltámos a pôr a banda em andamento há dois anos. Em 2019 fizemos uma série de concertos, incluindo uma data num festival em Portugal [NR: SWR – Barroselas Metalfest], de que guardo óptimas memórias. Tinha estado no país com os Trouble e com os Alabama Thunderpussy, lembro-me que tocámos em Cascais e num barco, no Porto, por isso já sabia que ia ser um bom concerto. No entanto, não podia prever que fosse assim tão bom! [risos] Foi um festival bem divertido.

Depois da separação dos Exhorder mantiveste-te sempre ocupado com vários projectos. Como te sentes, agora, de volta a casa, por assim dizer?
Bem, os Exhorder foram a primeira banda em que estive envolvido que conseguiu algum reconhecimento, por isso vão ter sempre um lugar especial no meu coração. Ao

O SUL CONTRA-ATACA!

longo dos anos fiz cenas muito fixes com uma série de outros grupos, fiz muitas *tours* e, na verdade, em todos os sítios por onde passei, independentemente de com quem estava a tocar ou do estatuto da banda, havia sempre alguém que perguntava pelos Exhorder. E eu percebo esse interesse porque há, de facto, algo mágico no que fizemos juntos. Não deixa de ser também curioso que, a cada vez que nos separamos e voltamos a juntar, crescemos mais um bocadinho – isso diz muito em relação ao estatuto que temos hoje em dia.

Porque é que se separaram, depois de gravarem o «The Law»?
A maioria das pessoas não sabe isto, mas essa não foi a primeira vez que nos separámos – foi a segunda vez que aconteceu. Todos tínhamos personalidades muito fortes e ideias fixas em relação ao que devíamos ou não fazer e acho que, em geral, nos sentimos todos frustrados com o facto de não estarmos a gozar de mais sucesso. O dinheiro não aparecia, não conseguíamos fazer as digressões que queríamos e a vida acabou também por meter-se no caminho. Na altura éramos muito novos, alguns ainda estavam a estudar e outros estavam a começar a formar famílias, por isso estávamos na altura de tomar decisões.

Os Exhorder sempre tiveram uma reputação complicada.
Sem dúvida, e a culpa disso era nossa, porque éramos um bando de miúdos arrogantes e desagradáveis. [risos] Digamos que crescemos muito entretanto. Hoje já somos adultos, homens de negócios, homens de família, que aprenderam todas as lições que haviam para aprender pelo caminho.

Mesmo no seio da banda, a relação uns com os outros não parecia nada fácil. Alimentavam-se dessa animosidade para escrever?
Houve momentos em que isso talvez tenha acontecido, de facto. Crescemos todos juntos, depois criámos os Exhorder e, ainda muito novos, começámos a passar o tempo todo uns com os outros: a ensaiar, a compor, a tocar, a viajar, a celebrar e, de vez em quando, a ter grandes brigas. Bem vistas as coisas, passámos grande parte das nossas vidas a viver uns com os outros, como irmãos – e a relação entre irmãos é muito forte quando se amam, mas as coisas podem tornar-se intensas quando se odeiam. No nosso caso, era isso que se passava e não éramos suficientemente adultos para lidar com o que se estava a passar. Quando penso nisso, acho que tínhamos a maturidade de miúdos de doze ou treze anos.

Esta "reunião" mais recente também não é a primeira.
Pois não, primeiro fizemos dois concertos em 2001 e depois, entre 2008 e 2009, estivemos de novo juntos. Dessa vez até tínhamos planos para gravar um álbum, mas acabámos por chatear-nos uns com os outros, as coisas ficaram muito feias e separámos-nos outra vez.

Depois disso, consideravas a hipótese de algum dia voltar com os Exhorder?
Aaaaaah... [pausa] É estranho porque, quando anunciámos que nos íamos separar nessa altura, por volta de 2010 ou 2011, dei uma entrevista, e isto está gravado, eu sei, em que disse que a banda nunca mais voltaria a juntar-se. E, bem... Acho que tenho de deixar de dizer coisas desse género, porque voltam sempre para me "morder". O que se passou foi que, depois de vários anos sem sequer falar com o Vinnie [LaBella, guitarra], voltei a encontrá-lo e, pouco a pouco, muito lentamente, fomos reatando a nossa amizade.

E a ideia foi sempre gravarem este disco?
Sim, sem dúvida. Nós queríamos ter gravado este álbum em 1994, mas nunca aconteceu. A ideia para este álbum sempre foi partirmos do ponto em que estávamos, o problema é que demorámos 27 anos até termos estabilidade suficiente para o fazer. [risos]

Como se encara a tarefa de fazer um novo álbum, quase três décadas depois?
Não posso negar que sentimos alguma pressão, porque sabíamos que havia expectativas e nós próprios tínhamos também os nossos receios. Não havia como não pensar na hipótese de não conseguirmos escrever algo que estivesse ao nível dos dois álbuns que fizemos no passado. Fomos, de resto, muito cuidadosos em relação a isso, a todos os níveis. Durante o processo de composição, experimentámos várias ideias que nos soavam muito bem, mas que não soavam aos Exhorder e tivemos de as deixar de lado. Eu e o Vinnie acreditamos que esta seria a direcção que teríamos seguido em 1992... Se, agora, as pessoas acharem que soamos diferentes ou estranhos, provavelmente teriam sentido o mesmo nessa altura.

Pelas reacções, sentes que muita gente estava à espera que fizessem a sequela do «Slaughter In The Vatican» ou do «The Law»?
Algumas pessoas estavam à espera de algo desse género, sim. O que é curioso é que, as pessoas que adoraram o primeiro álbum, são, na sua generalidade, *thrashers*... E o «The Law» agradou sobretudo a quem gosta de metal com *groove*, por isso houve logo aí uma divisão na nossa base de seguidores.

"Nós queríamos ter gravado este álbum em 1994, mas o problema é que demorámos 27 anos até termos estabilidade suficiente para o fazer."

Há quem goste do que fizemos nos dois álbuns, mas também há muita gente que só gosta de um ou de outro. Mais importante que isso, esta banda nasceu da paixão por duas sonoridades bem distintas, o heavy metal e o punk. Na verdade, nunca fizemos só thrash, porque sempre incorporámos outros elementos. Sendo de Nova Orleães sempre tivemos, por exemplo, elementos jazz e funk muito presentes na nossa música. Este novo álbum capta, melhor que nunca, essa panóplia de influências e o som que sempre tivemos ao vivo, mas que nunca conseguimos recriar num estúdio.

Além do disco, o que nos garante que vão ficar em cena?
Sinto que, desta vez, as coisas vão durar... Está tudo a correr bem e não vejo problemas à vista, sinceramente. Conseguimos encontrar uma agência para trabalhar connosco, esta formação é sólida e isso tira-nos dos ombros muita pressão inerente ao lado burocrático de fazer parte da banda. Era sempre nesse aspecto que mais discordávamos, era nesse tipo de decisões que nunca nos conseguíamos entender. Na verdade, para nós, a música nunca foi o problema e, agora, podemos focar-nos nela, que é o que realmente interessa.

CIRURGIA RÁPIDA

Por entre celebrações "redondas" – a banda faz 30 anos em 2020 e o clássico «Gore Metal» fez vinte em 2018 –, os EXHUMED disparam um «Horror» de disco. São só 26 minutinhos, mas que nos aplicam um grind imparável, ensopado em sangue, que fará as delícias de qualquer adepto de extremidade clássica. Falámos com o sempre divertido Matt Harvey sobre esta curta mas potentíssima descarga.

JOSÉ CARLOS SANTOS ORION LANDAU

26 minutos e já está! Até o título do álbum é simples e directo às fuças!
[risos] Tem que ser! Quando se toca cenas extremas e rápidas durante um álbum inteiro, tem que se fazer o que há a fazer e sair rapidamente, senão torna-se tudo muito repetitivo.

É refrescante ainda haver bandas que se sabem auto-editar. Neste género, já há pouca paciência para álbuns de 50 minutos que nem justificam metade.
Sempre tive a mesma opinião! Acho que quando a música é *crash-bang-wallop*, os álbuns devem ser curtos. A maior parte dos meus discos favoritos de grindcore são muito breves, boa parte deles nem álbuns são, são só EPs, como o «Mentally Murdered» ou o «Hatefilled Vengeance» dos Regurgitate. Por outro lado, também adoro os dois primeiros dos Nasum, mas por mais que ache que as canções são todas boas, normalmente o que faço é que ouço um lado, e depois ouço outra coisa qualquer, e no dia

seguinte ouço o outro lado. [risos] 45 minutos é demais. É a cena do «Reign In Blood», não é? Esse álbum é a fórmula perfeita – um tema maior com uma parte mais lenta, depois oito rápidos, e acaba com outro tema maior com uma parte mais lenta. E o álbum é "só" aquilo! Foi com esse sentimento que abordámos este álbum dos Exhumed: basicamente, fomos escrevendo até acharmos que estava feito. Pelo sim pelo não, gravámos três *covers*, só para o caso de a Relapse não querer aceitar um disco tão curto, mas eles depois disseram que estava tudo bem, e se para eles está tudo bem, para nós também. Eu sentia que o álbum estava concluído de qualquer maneira, mas sabes como é, assinam-se contratos, e depois entregas 25 minutos de música, e poderia ter havido alguém que pusesse problemas. Mas não, eles foram impecáveis nisso.

E pode-se saber quais foram essas *covers*, ou é segredo?
Não é segredo, não – as *covers* até vão acabar por ser editadas num *split* 10" com os Gatecreeper que vamos lançar daqui a uns tempos. Fizemos a «Re-Entry And Destruction» dos Death Strike, a «Crypt Of Terror» dos Genocide – ou dos Repulsion, como preferirem, mas eles nunca gravaram este tema enquanto Repulsion, por isso estou a ser preciosista –, e uma dos Carnage, a «The Day Man Lost», da *demo*. E mesmo com esses três temas, a duração total do álbum ficaria ali a rasar os 30 minutos, passavam só dez segundos da meia hora, acho eu. [risos] Porque também queria que essas versões fossem de música que se adequaria ao álbum. Não queria que de repente aparecesse ali uma *cover* de cinco minutos que não ia fazer sentido nenhum.

Gravaram, pela primeira vez, no vosso novo estúdio privado. Foi um desafio?
Diria que foi um desafio enorme, porque foi muito stressante. Confesso que tive grandes dúvidas em relação a isto tudo, e sempre disse que nunca queria construir estúdio nenhum! [risos] Não gosto de gravar discos no sítio onde vivo. Porque estás ali, onde é a tua vida, e tens que ir trabalhar, e está lá a tua mulher, e depois acontece sempre qualquer coisa e tens que levar o teu pai ao médico, e outras merdas da vida normal das pessoas. Pelo contrário, se voares para um sítio qualquer, as pessoas podem-te ligar, mas é só isso, de resto estás totalmente concentrado na gravação, que é o que estás ali a fazer.

Então o que é que acabou por te convencer?
Acabámos por ser mais ou menos forçados a entrar nesta situação por várias razões. O principal catalisador foi mesmo quando tivemos que deixar a nossa sala de ensaio habitual. O nosso baterista trabalha em construcção, o que ajudou, e a ideia passou de construirmos uma sala de ensaio nova para um estúdio, que acabou por custar quase a mesma coisa. Aliás, custou menos, porque com um estúdio, a editora pôde financiar a obra, e o álbum acabou por se pagar assim! Demorou-nos cerca de três meses a resolver esta situação toda, foi um processo lento, caro, atrasámo-nos dezoito dias em relação à previsão inicial, o que quer dizer que ficámos com duas semanas para gravar o álbum, com uma *tour* pela América Latina pelo meio e ainda os nossos empregos normais.

Quando se lê que gravaram no estúdio "em casa", dá a sensação que foi tranquilo, mas pelos vistos, longe disso!
Não foi, mas é a tal coisa, tudo factores extra-música. Quando finalmente me sentei com a guitarra para começar a gravar, aí já me senti bem. Isto eu sei fazer! [risos]

E, ao menos, agora já está tudo estabilizado para o próximo disco, não é?
Sim, sem dúvida! Depois de tudo o que passámos, vamos gravar o máximo de material que possamos naquele estúdio. A partir de agora vamos fazer tudo ali. Vai ser fixe, e agora sim, vai ser tranquilo, prevejo. Só não foi para este disco, mas pronto! Agora temos sítio onde guardar o material, podemos gravar quando quisermos, a qualquer hora do dia, temos também um sítio onde fazer impressões, está tudo à nossa disposição. Estou satisfeito.

O «Horror» é muito mais puramente grind, muito mais simples, do que a maior parte dos vossos últimos trabalhos, houve alguma razão para ter saído assim?
Acho que tudo o que fazemos é uma reacção. E acho que o último álbum que fizemos, o «Death Revenge», foi relativamente complexo, bastante ambicioso e até um bocado megalómano para o nosso estilo, seja em termos de produção ou de conceito até – e atenção que isto não é uma crítica, continuo a gostar imenso desse trabalho. Mas se continuássemos a seguir nessa direcção, acho que nos estaríamos a afastar demais daquilo que é o essencial dos Exhumed. Por isso, fomos na direcção diametralmente oposta, e acho que acabámos com dois álbuns que soam tão diferentes um do outro quanto possível, mas continuando a ser claro que se trata da mesma banda.

A génese do álbum até tem origem em música que não era para os Exhumed, não é?
É verdade, tinha alguns temas que pensei em usar nos Expulsion, mas isso depois acabou por não acontecer, e fiquei com alguma música nas mãos que achava que era muito boa, e não queria que ficasse perdida. Então fizemos algumas alterações para dar o toque Exhumed, e foi a partir dessa base que o disco foi construído.

Como é óbvio pelo título, o cinema de terror continua a ser uma inspiração vincada para a temática da banda. Há algum filme ou tendência que te tenha ajudado mais desta vez?
Há uma coisa que me lembro de ver vezes e vezes sem conta quando era miúdo, um filme chamado «Mad Ron's Prevues from Hell», que é basicamente uma colecção de *trailers* de filmes dos anos 60 e 70, até alguns do princípio dos 80s. Tinha muita coisa do «Impetigo» e do «Mortician», de onde já tirei um monte de *samples*, e de uma data de filmes horríveis, bandalheira total com zero produção. Estranhamente, agora está no Netflix! Quando estava a fazer as minhas *demos*, às vezes punha isso a dar, sem som, só para estar ali como plano de fundo, e sim, alguns dos temas são inspirados em alguns dos filmes que ali aparecem. A «Dead Meat» é sobre o «The Corpse Grinders», a «Rabid» é sobre o «I Drink Your Blood & I Eat Your Skin», por aí fora. Isto é algo que já dura há muito tempo, mesmo nos 90s – por exemplo, o tema «Torso» não é inspirado pelo filme, é inspirado pelo *trailer*! [risos] Claro que há inspirações directas, mas diria que a maior parte da música dos Exhumed procura uma determinada *vibe*, acima de tudo. A atmosfera que havia entre nós quando éramos novos, quando tínhamos empregos de merda – eu trabalhei numa loja de BD, houve pessoal da banda que trabalhou numa lavagem de automóveis… –, e quando vínhamos dos empregos, ensaiávamos um bocado, íamos buscar umas *pizzas*, o pai ou a mãe de algum de nós compráva-nos cerveja, e passávamos por um clube de vídeo bestial que havia ao pé de nós – chamava-se American Video, ainda me lembro! – e alugávamos filmes de terror obscuros e horríveis. Passávamos o resto da noite a beber, a ouvir Kiss e a ver esses filmes. Vendo bem, era um bocado triste, porque obviamente não tínhamos namoradas [risos], mas era divertidíssimo. Era daquelas alturas que só muitos anos mais tarde é que percebes que estavas a viver os *good old days*. E é isso que tentamos capturar com a nossa música.

30 anos de banda, vinte do «Gore Metal». São números de respeito, já, não são?
Tenho noção disso, claro que sim, mas tento não entrar muito na onda auto-celebratória que isso pode provocar. Não me sento a pensar "eh pá, fiz tanta coisa boa, sou mesmo o maior!" [risos] É tentador, claro que sim, e poderia fazer-me sentir bem, mas tento mesmo manter-me focado na próxima cena, na próxima ideia, em como a executar e em como manter a nossa música fresca e relevante. Claro que tocamos muitos temas antigos ao vivo, isso dá-nos gozo, e nunca vou dizer nada de mal dos discos antigos, mas algo mais do que isso torna-se numa armadilha. Começas a pensar que como já andas nisto há não sei quantos anos, e já fizeste isto e aquilo, então alguém te deve alguma coisa… e essa mentalidade é terrível.

"Quando éramos novos, alugávamos filmes de terror obscuros e horríveis, ensaiávamos, e passávamos o resto da noite a beber, a ouvir Kiss e a ver esses filmes."

DISCO DO MÊS

OPETH

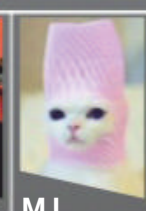
«In Cauda Venenum»

[Nuclear Blast]

Nesta era em que o parecer parece ser mais importante que o ser, e de se pensar mais nos outros, não para o seu bem, mas para o "nosso" ego, Mikael Åkerfeldt mantém-se imune a isso e coloca a música, o sentimento e o seu divertimento, acima de todas as prioridades. Pelo menos, é o que nos diz e, escutada que foi esta obra com mais insistência, não temos razões para duvidar do exímio músico sueco. A genialidade é irmã da genuinidade. A cada novo disco, os Opeth podiam *escolher* dar mais um salto no sentido da popularidade massificada; têm um estilo próprio, sabem os *gimmicks* criativos, são respeitados. Mas escolhem gravar um disco... em sueco. Os melhores saltos são aqueles que dão trabalho. A subir, por parte da banda, e a digerir, por parte do ouvinte. «In Cauda Venenum» não é imediato, mas também não é simples. É daqueles caminhos de apreciar as vistas, sem pressas de chegar ao destino. E, para quem se sentir perdido, tem sempre a versão em inglês. No fundo, é Opeth a ser Opeth; neste caso, Opeth elaboradamente simples. A guitarra acústica abunda, há orquestração e subliminares *samples* de vida numa história que é de morte, há *jazzismos* em «Banemannen», mas também há variações prog-proto-pesadas em «Charlatan» ou «Hjärtat Vet Vad Handen Gör». A versão "oficial" é cantada em sueco, mas fiquem descansados que a língua mãe do disco é universalmente conhecida nas linhas harmonizadas de Åkerfeldt e nas teclas de Svalberg. Tal como o escorpião e os poemas de Martial, o convite é doce, caímos na(s) cantata(s), mas o veneno serve-se no fim. Já deviam saber disso por esta alusão de Travis Smith à capa de «Abigail». [9] N.S.

L! RANKING

OUTUBRO 2019

	E.F.	J.C.S.	J.M.R.	J.R.	 M.L.	L.P.	R.A.	
EXHUMED «Horror»	8	8	7,5	7	5	7	7	**7,07**
ALCEST «Spiritual Instinct»	7,5	5	8	8	5	6,5	9	**7,00**
KADAVAR «For The Dead Travel Fast»	8	5	7	8	8	7	6	**7,00**
TOOL «Fear Inoculum»	7,5	6	8	6	4	6	8,5	**6,57**
1349 «The Infernal Pathway»	8	7	6,5	7,5	2	6,5	6	**6,21**
LACUNA COIL «Black Anima»	7	5	7	5	2	2	7,5	**5,07**

1349

«The Infernal Pathway»
[Season Of Mist]
O sétimo longa-duração dos noruegueses 1349 continua uma longa e majestosa caminhada pelas zonas mais recônditas da música extrema. Têm feito da carreira uma procissão pestilenta, e nunca se afastaram em demasia do buraco negro que os pariu, esse caldeirão enigmático de ruído infinito que é o black metal. «The Infernal Pathway» recupera em certa medida a abordagem à composição instrumental e "ambiental" que marcou o já longínquo «Demonoir», com os vários «Tunnels Of Set» a servirem aqui de contraponto ao assalto sonoro que caracteriza os restantes temas do disco. Não serão mais do que pequenos interlúdios, sendo mais do que compreensível a resistência em olhar para essas propostas como "verdadeiras" composições. E não vêm assim tão a propósito quanto isso, acabando por diluir o ímpeto mais directo e avassalador de um álbum capaz de mobilizar com a mesma autoridade tanto texturas melódicas («Dødskamp»), como as dissonâncias esgazeadas e enviesadas daquele que é um dos pontos altos do álbum, «Through Eyes Of Stone» – temas-chave que acabam por tornar este «The Infernal Pathway» num disco com uma amplitude sonora marcante. [7.5] J.R.

ANCIENT VVISDOM

«Mundus»
[Argonauta]
O conceito inicial dos texanos Ancient VVisdom, anichado a bandas como os The Devil´s Blood, Blood Ceremony, ou Ghost, embora que estilisticamente diferentes, fez com que fossem rapidamente aclamados e a eles atribuído o estatuto de banda promissora dentro da cena occult rock. O ambiente de «Mundus» muda um pouco a toada, que vai sendo a pouco e pouco invadida pela predominância de um neofolk soturno, com melodias contemporâneas em harmonia com um instrumental obscuro. Guitarras acústicas fluem tão proeminentemente quanto as guitarras eléctricas criando cadencias de um hard rock em tom fúnebre. Esta excelente relação que mantêm com a sua sonoridade é provavelmente o lado positivo que salta imediatamente à vista, neste caso ao ouvido. A substituição dos temas pseudo-satânicos de trabalhos anteriores da sua discografia dá lugar a um mesmo tipo de letras simples e acessíveis, mas com foco sobre um gospel negro que prega a extinção da humanidade, interpretadas por Nathan Opposition, onde este apela ao uso de reminiscências vocais dos anos 90, de veia gótica, resultando em algo que mais se assemelha a um ensaio arcaico de misantropia. Embora tenham vindo a afirmar a sua identidade musical dentro do meio underground, mesmo identificando a existência de momentos realmente aprazíveis instrumentalmente – afinal de contas uma opinião vale o que vale – há uma tendenciosa teimosia que faz com que estes ouvidos, encontrando um leve espectro de plágio, não se contentem na totalidade com estas trovas de embalar morcegos. [5] C.N.

APOKALYPTIC RAIDS

«The Pentagram»
[Hells Headbangers]
Sem qualquer tipo de obstáculos, os Apokalyptic Raids mostram-se muito transparentes no que toca à sua sonoridade, mesmo antes de sequer carregarmos no *play*. É um claro *worship* ao legado dos Hellhammer/Celtic Frost nas suas versões mais embrionárias, algo que se vai tornando cada vez mais evidente com o avançar do álbum, que oferece uma transcrição autêntica de riffs, da batida e até mesmo dos "ugh" que vão surgindo numa estrutura chapada de qualquer tema de ambas as bandas. Torna-se um pouco difícil levar um grupo como este a sério, para além do nível de tributo, já que não estamos perante uma simples referência aqui e ali, nem sequer uma cópia mais discreta de algum tesourinho pertinente perdido no tempo. É uma cópia quase integral do legado de Tom G.Warrior e companhia. No início até achamos porreiro e ainda se ouve o disco um par de vezes, mas o que acontece é que vamos acabar por arrumar «The Pentagram» na prateleira e ouvir o *real deal*. [4] M.L.

BORIS

«LφVE & EVφL»
[Third Man]
Boris, o trio de Tóquio que nunca cumpriu regras e que ama tudo que é alto. Realmente alto. Cada registo de estúdio dos japoneses é sempre algo de único, surreal e inesperado. O lema é: não fazer nada como todo o mundo! «LφVE & EVφL» é a mais recente peça teatral do bizarro, em formato duplo LP, dividido por duas designações, LφVE, num primeiro acto, e EVφL num segundo. Uma dicotomia entre o que é etéreo e melodioso *versus* o estranho e carrancudo. Não sendo totalmente distintos, como já foi outrora executado pelo trio, resultando de um jogo de palavras, também estes se complementam sonoramente, como que aprimorando a sua qualidade mais essencial – a capacidade de extrair subtileza de camadas espessas de distorção e volume. LφVE começa por ser apaziguador, misterioso, volátil. Contém elementos ambientais delicados, cordas de guitarra individuais tocadas com uma certa ressonância mística, para que posteriormente os *clichés* sejam alegremente desmontados em decibéis e remontados em ruído de chumbo, sem perder a beleza e perceptibilidade lírica. Já EVφL expressa-se na sobreposição do drone, doom e sludge, causando desassossego e imergindo-nos rapidamente para as profundezas das espirais de distorção e *reverb*, vindo à tona para pequenos golpes de ar a cada corte de uma edição que não interrompe o fluxo gracioso do álbum. Fiéis súbditos da música psicotrópica, tal como aquele famoso chocolate, este é um disco que satisfaz duas vezes. [8] C.N.

CHARLES SANGNOIR

«On Fire»
[Violeta Exótica]
Figura multifacetada e hiperactiva do rock português, sobretudo pelo trabalho desenvolvido através de La Chanson Noire, o compositor, produtor e multi-instrumentista Charles Sangnoir edita agora o seu segundo álbum em nome próprio, num tributo mais ou menos evidente ao herético cruzamento entre os blues dos anos 50 e 60 e o rock e o psicadelismo dos anos 70. «On Fire» está, por isso, carregado de referências nostálgicas, remetendo-nos para o lado mais *bluesy* gingão de «Bad Wolf Boogie» ou de «The Hitchhiker», para o teor mais envolvente e lascivo de «Bunk Bed Blues» ou «Seem So Quiet», ou para a abordagem ao psicadelismo musculado que moldou a existência de uns Kyuss audível em «Fuzz Foxes» ou na viciante «Grim Reaper». Pena é que os níveis de inspiração não conheçam a consistência necessária para aguentar os 41 minutos de um disco que apresenta momentos menos bons – «Donnez Moi L'Enfer» ou «Upton Park» são disso exemplo – que comprometem o equilíbrio global de um trabalho competente, mas excessivamente focado na recriação de sonoridades que inspiraram e moldaram a identidade musical do seu compositor. «On Fire» tem assim o aspecto de uma manta de retalhos de bom gosto e bem trabalhada, embora com falta de um recorte mais fino e apurado. [6.5] R.A.

CIRITH UNGOL

«I'm Alive»
[Metal Blade]
Com tantas baixas que o heavy/power metal dos anos 80 tem sofrido ao longo do tempo, culminadas na triste e irreparável perda de Mark Shelton dos Manilla Road, é bom ter nesta altura um *statement* destes, de um dos seus expoentes máximos. Os Cirith Ungol estão vivos e bem vivos, felizmente, com a formação que podemos chamar de clássica – à excepção óbvia do guitarrista Jerry Fogle, falecido em 1998 –, incluindo até o *artwork* que continua a ser do Michael Whelan, e com as suas faculdades praticamente intactas ainda. É a primeira coisa que impressiona, para quem não os viu ao vivo ainda desde que regressaram aos palcos, a forma como a voz de Tim Baker, aos 62 anos, parece quase inalterada desde que nos começou a arrepiar em capítulos imortais como são «Frost And Fire» ou «King Of The Dead». Todo o resto da banda segue no mesmo registo, e esta actuação capturada no festival Up The Hammers, na Grécia (com uns bónus captados no Hammer Of Doom e no Rock Hard), é um verdadeiro *showcase* da importância da banda californiana, e uma prova de vida notável. Ainda não tivemos acesso à parte visual, já que este lançamento também vai existir em formato DVD, mas só por esta parte de álbum ao vivo propriamente dito, já podemos afirmar que vai ser daqueles que vale a pena adquirir. Durante a actuação, o som é potente e cristalino, de forma a mal se perceber que se trata de facto de um registo de palco, e o entusiasmo da plateia sente-se entre temas. A *setlist* é o sonho de qualquer fã, e em vez de listar clássicos atrás de clássicos, basta assegurar que sim, estão lá todas. Para ser tudo perfeito, só falta o próximo passo ser um álbum novo. [8] J.C.S.

CONSUMMATION

«The Fires Of Calcination»
[Sentient Ruin]
Não, não é outro álbum novo dos Consummation, que já nos deram negritude densa o suficiente para nos entreter durante muito tempo com o «The Great Solar Hunter», conforme o Luís Pires confirmou há pouco tempo, na LOUD! #219. Não, «The Fires Of Calcination» reúne os dois lançamentos dos australianos antes desse longa-duração de estreia, a *demo* auto-intitulada e o EP «Ritual Severance», de 2012 e 2017 respectivamente. Será naturalmente um objecto que todos os que gostaram do álbum deverão adquirir, para ficarem com o conjunto completo bonito na prateleira, mas sinceramente preferíamos que tivesse distado um pouco mais da edição do álbum a sério. É que apesar de terem sido obras importantes para estabelecer o som da banda, aquela mistura de black com death banhados na monotonia paquidérmica do doom mais arrastado, e foram bastante promissoras na altura, a verdade é que agora percebemos que estes quatro temas (em particular os da *demo*) estão bem longe do que os Consummation conseguiram fazer no «The Great Solar Hunter».

Ainda os sete minutos da «Heautontimoroumenos» de abertura não se esgotaram, e já estamos a pensar que a «Ophidian Crown» é que é um malhão, é tipo isto mas em melhor. *By all means* comprem isto, até porque o *artwork* novo e o *packaging* são muito bons, e esta banda tem pinta de quem ainda vai fazer algumas ondas, mas tenham noção que é mesmo por coleccionismo e completismo. [6] J.C.S.

CRYPTAE

«Vestigial»

[Sentient Ruin / Tartarus]

O «Vestigial» soa basicamente ao que o nome sugere, i.e., às sobras dum processo de desconstrução. Neste caso, a mesma desencadeia-se sobre o death metal na sua vertente mais cavernosa e crua, e calhou ser feita por um duo que inclui o René Aquarius, o prolífico baterista que só este ano já lançou seis discos em praticamente tantos géneros, desde o free jazz (Dead Neanderthals) que mais lhe associamos, ao black metal (Imperial Cult), ambient (a solo), e até ao grindcore (Sneezing Pus). A *demo* homónima de estreia dos Cryptae, editada em 2017, revelara uma interessante aproximação ao death metal cru acima referida (imaginem Portal até ao «Seepia», mas sem baixo). Pois bem, neste EP, a primeira coisa que o duo faz é abdicar de malhinhas separadas. São portanto vinte minutos de death metal podre alicerçados numa brilhante secção rítmica que jamais se perde em indulgências que ponham em causa a atmosfera da coisa, e que só não são completamente contínuos porque perto dos seis minutos atiram-nos para cima com uma ponte desconcertante, cujo clímax se dissolve em drones de guitarra, porque claro que sim. Desde a estreia, não foi só a estrutura a mudar, uma vez que o tom da guitarra de Kees Peerdeman é também ele muito mais cru, mais até do que em discos dos Portal, por absurdo que tal sugestão possa soar. Não é complicado supormos que duma mistura de free jazz e death metal podre poderia surgir algo insuportavelmente pretensioso. Felizmente, a malta dos Dead Neanderthals, também na escolha de músicos com quem colaborar, tem dado prova atrás de prova que compreendem música extrema como poucos. Que a continuem a desconstruir por muitos anos! [8.5] L.P.

DRAGONFORCE

«Extreme Power Metal»

[earMusic]

É impressionante a regularidade das recentes edições dos Dragonforce, um disco a cada dois/três anos, nesta década. Pelo meio, algumas mudanças de formação, mais graves no caso deste trabalho, sem o teclista Vadim Pruzhanov, aqui substituído, temporariamente, por Coen Jan dos Epica. Além disso, foi já anunciado que este oitavo longa-duração será também o último trabalho do baixista Frédéric Leclercq. Reconhecido pela sua velocidade de execução, o colectivo mantém as características, particularmente em temas como «Troopers Of The Stars» e «Razorblade Meltdown», onde a habitual dupla de Herman Li e Sam Totman exibe a qualidade já reconhecida. Já em «In A Skyforged Dream» é Marc Hudson que mostra as capacidades vocais. Tal como em outros trabalhos do agora quarteto, o problema reside na alma, ou falta dela, dos temas. O excesso de tecnicismo retira espaço para as emoções surgirem, escapando, nesse campo, «Remembrance Day», tema em que o produtor conseguiu estancar a habitual cascata de notas. [7.5] E.F.

ELVENKING

«Reader Of The Runes – Divination»

[AFM]

Dois anos após o excelente «Secrets Of The Magick Grimoire», os Elvenking mantêm o nível elevado com este novo disco. A fórmula encontrada no álbum anterior é aqui aprimorada, com o power metal melódico a fundir-se na perfeição com o folk, tornando a sonoridade da banda liderada pelo guitarrista Aydan facilmente identificável. Para isso também muito ajuda a voz de Damna que, apesar de não ser um daqueles vocalistas de nos pôe com os pêlos arrepiados, conseguiu encontrar a sua própria identidade. Os refrães continuam a ser, ou não seja esta uma banda com raízes no power metal, a aposta principal. Tome-se o exemplo de um «Silverseal», que de uma malha mediana se transforma rapidamente em algo muito mais interessante com o refrão e a introdução de um solo de violino. Na faceta mais power do grupo destacam-se, por exemplo, «Heathen Divine» e «Malefica Doctrine», enquanto a parte folk está mais vincada em «Eternal Eleanor» ou na épica «Reader Of The Runes – Book 1» que chega a divagar por outras sonoridades mais agressivas. [8] C.G.

ALCEST

«Spiritual Instinct»

[NUCLEAR BLAST]

Instinto. Espiritualidade. Duas palavras que compõem o título do sexto álbum de originais dos franceses Alcest e que ganham pleno sentido uma vez assimilado o turbilhão de emoções que estes 41 minutos carregam. Nunca os Alcest soaram tão agressivos, viscerais e pungentes. No fundo, nunca foram tão surpreendentes, principalmente após uma mutação sonora mais ou menos radical materializada com «Shelter» e consolidada com «Kodama» que se julgava irreversível. O shoegaze de fino traço melancólico e de emoções à flor da pele dos dois discos mencionados está naturalmente presente em «Spiritual Instinct», projectando-se para um patamar de maior primitividade ao trazer o black metal de volta. «Spiritual Instinct» não só cruza o melhor dos dois mundos explorados por Neige – desde o lado mais negro e primitivo dos primeiros álbuns para o teor mais emocional e atmosférico dos mais recentes – como eleva esse cruzamento a um patamar de uma refinada e negra transcendentalidade expurgadora de demónios e veículo para um refúgio emocional sob a forma de disco, sem ser possível individualizar canções, mas sim imortalizar um todo sublime com o qual temos a sorte de contactar. [9] R.A.

ENTRAILS

«Rise Of The Reaper»

[Metal Blade]

Os fãs de death metal já devem estar por demais identificados com a história desta banda que "fez parte" das entranhas do som de Estocolmo em 1990, mas que só viria a gravar o primeiro álbum vinte anos depois, já que Jimmy Lindqvist, o mentor dos Entrails, nunca ficou satisfeito ao ponto de lançar algo na era dourada dos Entombed, Dismember, Grave e outros que tais. E como não há fome que não dê em fartura, desde o regresso, o guitarrista já registou sete discos, incluindo a *demo collection* «Resurrected From The Grave» com as duas maquetas de 2009. «Rise Of The Reaper» é a mais recente dessas viagens ao som da altura, com o equipamento de hoje e o mesmo Dan Swanö nas misturas, tudo metido na mágica e irresistível caixinha do HM-2. Apesar de Lindqvist estar constantemente a mudar os músicos de apoio, não restando já ninguém dos três primeiros excelentes álbuns – e de este ser gravado em trio, com um baterista norueguês convidado – Entrails é rótulo que não engana. Além disso, há variação de ritmos e consta que Jimmy até foi buscar material antigo pré-Entrails; desconfiamos que seja «Destruction», com aquele cheiro putrefacto a heavy metal. Mais do mesmo, mas mais do bom. [7.5] N.S.

EXHUMED

«Horror»

[Relapse]

Nome clássico do grind e death, os Exhumed chegam agora com o nono álbum de uma carreira iniciada há quase 30 anos. Pensar que quase metade dos seus trabalhos de longa-duração foram lançados na pre-

sente década dá-nos um sinal do grau de actividade recente do colectivo. Ao ouvir os quinze temas, contidos nestes 26 minutos de «Horror», percebe-se que para lá da actividade existe ainda uma grande vitalidade, realçada pela excelente bateria de Mike Hamilton, e pela dupla de guitarras de Matt Harvey e Sebastian Phillips. Em caso de dúvida, basta escutar malhas como «The Red Death» ou «Slaughter Maniac», em que sobra tempo para escutar a dupla de guitarras a solar. Apesar disso, nada de esperar uma revolução. A qualidade deste trabalho não se mede pela criatividade mas pela energia colocada, num trabalho sem *fillers*. Aqui não se inventa a roda, apenas se pulveriza a mesma. [8] E.F.

FIT FOR AN AUTOPSY

«The Sea Of Tragic Beasts»
[Nuclear Blast]
Construam uma *playlist* com temas dos Thy Art Is Murder, The Acacia Strain, Whitechapel, Carnifex, Suicide Silence e de tantos outros dentro do mesmo espectro musical, atirem lá para o meio mais uns quantos temas dos cinco álbuns destes Fit For An Autopsy, ponham a rodar e procurem identificar aquilo que estão a ouvir. Complicado, não é? Até mesmo para os seguidores mais acérrimos de qualquer uma destas bandas. Pois é exactamente nessa dificuldade de afirmação de uma matriz identitária muito própria que reside, uma vez mais, o principal problema de «The Sea Of Tragic Beasts». Será injusto apontar a este disco falta de peso e agressividade, já que andam por aqui em doses bastante generosas. Afirmar que tecnicamente fica muitos furos abaixo daquilo que seria desejável também não, pois talento e destreza técnica é coisa que não falta neste vertiginoso exercício de deathcore. Muito menos dizer que falta um maior equilíbrio entre um lado mais pesado e uma abordagem mais sombria, uma vez que a dicotomia é evidente, basta ouvir um tema demolidor como «No Man Is Without Fear» e um colosso de negritude como o é «Birds Of Prey». No entanto, pese embora a qualidade, competência e rigor audíveis, os Fit For An Autopsy continuam a ser "apenas" mais uma banda de deathcore cheia de garra e pujança, mas desprovida de uma marca que a distinga. Certo é que são uma das melhores dentro do seu género, pena é que esse género esteja encalhado num beco sem saída criativo de há uns anos a esta parte. [7] R.A.

GATECREEPER

«Deserted»
[Relapse]
Quando editaram o seu primeiro longa-duração em 2016, o assumidíssimo exercício de homenagem nostálgica que foi «Sonoran Depravation», o quinteto norte-americano oriundo do estado do Arizona foi justamente incluído numa cena que, de forma mais ou menos descarada, cavalgava a onda de revivalismo que começava a rodear o legado de bandas como Dismember, Obituary ou Entombed. Passados três anos, eis que regressam ao local do crime com «Deserted», novamente pela mão da Relapse e novamente evocativo de contextos musicais que lhes têm servido de bussola, do death metal à velha moda sueca, às paisagens mais solarengas da Florida. Pondo de lado a leitura desencantada de tudo isto ser uma manobra de oportunismo comercial que traduz um esgotamento de ideias criativas (*bocejo)*, «Deserted» é um exemplo acabado de um diálogo contínuo com uma parte importante do cânone da música extrema, feito e produzido com um tipo de consciência auto-reflexiva relativamente singular nestas paragens. Perde-se algum nojo pelo encanto das coisas de superfície, daquele capaz de provocar pesadelos a burgueses bem intencionados que por azar tropecem em álbuns assim? Claro que sim, mas é para isso que existem os Portal. [6.5] J.R.

GRABUNHOLD

«Unter Dem Banner Der Toten»
[Iron Bonehead]
Hoje em dia, poucas editoras lançam tanto material por ano como a Iron Bonehead, pelo menos no que ao black metal diz respeito. Inevitavelmente, isso significa que monumentos de negrume como o «Transfixion Of Spirits» dos Black Cilice ou os fascinantes exercício de minimalismo podre dos Pa Vesh En serão a excepção e não a regra, já sendo de resto notável que as excepções surjam com a frequência com que surgem. Neste mini-álbum, os Grabunhold (termo alemão para as *barrow-wight* da Terra Média de J. R. R. Tolkien) propõe-se a levar o ouvinte numa concisa viagem pelo universo sónico do black metal continental dos 90s, particularmente daquele com forte ênfase em melodias de perfume folk e sinistras atmosferas. A mediania que daí resulta no fundo reflecte uma traição à história da criação da Terra Média, originalmente motivada pelo desejo de criar uma linguagem. Não só (ainda, esperemos) não fizeram mais do que adaptar uma linguagem existente, como não revelaram laivo particular na forma como a tratam, seja na elaboração de linhas melódicas (é ouvir o «Iniciação Eversiva» para ver como a coisa é feita) como sobretudo na estruturação dos temas, que acabam por não ter um décimo da urgência daqueles encontrados por exemplo no «They Ride Along», sobre o qual falámos na LOUD! #221. Sobra o ocasional riff engraçado e uma razoável produção de baixa fidelidade, o que é como quem diz que sobra pouco, muito pouco. [5] L.P.

KADAVAR

«For The Dead Travel Fast»
[Nuclear Blast]
Comecemos pelo fim. Assim somos instigados pelo power trio de Berlim, os já afamados Kadavar, com «The End» uma pequena *intro* de ventos desérticos acoplados a uma voz sinistra clamando por um duelo, daqueles de um poeirento Western. A evidente mudança de sonoridade, menos psicadélica e compactada, associada a uma produção mais sombria, confirma que nem sempre o excesso de distorção ou efeitos modernos é primordial para se conferir peso e agressividade. Retira-se peso e distorção à balança de «Rough Times», o antecessor, e adiciona-se uma aura pop e *catchy*, com cantigas de aprender de cor logo após um par de audições. Nada de negativo aqui. O disco segue com faixas dignas de Satisfaz Bastante, e doses de alguma voltagem, seja nas mais agitadas «Poison» e «Children Of The Night», compostas por uma metódica e variada percussão a que já nos habituaram, ou em «Evil Forces», o momento arriscado de Christoph "Lupus" Lindemann, cujo cativante e variado timbre, por norma sombrio e quieto, sobe para uns agudos assim meio a medo. Seguimos caminho numa paisagem sonora de guitarras ora em tom melódico, ora repletas de solos,

Piranha
Loja de Música
c.c. Parque Itália, Loja 73 (à Boavista) - R. Júlio Diniz, 752 - 1º - 4050 012 PORTO
Metro: Casa da Música Telef: 22 6091004 email: piranhacd@gmail.com
ALCEST - SPIRITUAL INSTINCT (ED. LDA EARBOOK)
MGLA - AGE OF EXCUSE
MAYHEM - DAEMON (ED. LDA MEDIABOOK)
1349 - THE INFERNAL PATHWAY
PA VESH EN - PYREFICATION (ED. LDA)
IMPERIUM DEKADENZ - WHEN WE ARE FORGOTTEN
BORKNAGAR - TRUE NORTH (ED. LDA)
SINMARA - HVÍSL STJARNANNA + APHOTIC WOMB
THE GREAT OLD ONES - COSMICISM
BATUSHKA - HOSPODI (ED. LDA BOOK)
ABBATH - OUTSTRIDER (ED. LDA BOX CD/LP)
BLUT AUS NORD - HALLUCINOGEN
LINGUA IGNOTA - CALIGULA + ALL BITCHES...
CHELSEA WOLFE - BIRTH OF VIOLENCE (ED. LDA)
WASTE OF SPACE ORCHESTRA (GRANTSI PAZUZU) - SYNTHEOSIS
FOSCOR - ELS SEPULCRES BLANCS
INSOMNIUM - HEART LIKE A GRAVE
SULDUSK (HEILUNG) - LUNAR FALLS (ED. LDA)
IN MOURNING - GARDEN OF STORMS
NILE - VILE NILOTIC RITES (ED. LDA)
EXHORDER - MOURN THE SOUTHERN SKIES
BLOOD RED THRONE - FIT TO KILL
EXHUMED - HORROR
CYNIC - TRACED IN AIR - REMIXED
OPETH - IN CAUDA VENENUM (ED. LDA 2CD)
CULT OF LUNA - A DAWN TO FEAR
ENTOMBED A.D. - BOWELS OF EARTH
DECAYED- THE OATH OF HEATHEN BLOOD
SACRED REICH - AWAKENING (ED. LDA BOX)
TOXIC HOLOCAUST - PRIMAL FUTURE: 2019
DESTRUCTION - BORN TO PERISH (ED. LDA)
DEVOURMENT - OBSCENE MAJESTY
POSSESSED - REVELATIONS OF OBLIVION (ED. LDA)
www.piranhacd.com
THE FERRYMEN - A NEW EVIL
HELLOWEEN - UNITED ALIVE IN MADRID (BOX, BOOK, DVD, CD)
VANDEN PLAS - THE GHOST XPERIMENT - AWAKENING
SONATA ARCTICA - TALVIYÖ (ED. LDA)
ANGEL WITCH - ANGEL OF LIGHT
HAMMERFALL - DOMINION (ED. LDA)
MICHAEL SCHENKER FEST - REVELATION (ED. LDA)
LACUNA COIL - BLACK ANIMA (ED. LDA)
TARJA - IN THE RAW (ED. DELUXE)
EDENBRIDGE - DYNAMIND
ELVENKING - READER OF THE RUNES - DIVINATION
TWILIGHT FORCE - DAWN OF THE DRAGONSTAR (ED. BOOK)
LEPROUS - PITFALLS
MOB RULES - BEAST OVER EUROPE
FREEDOM CALL - M.E.T.A.L.
GAAHLS WYRD - GASTIR GHOSTS INVITED (ED. LDA)
NOVEMBERS DOOM - NEPHILIM GROVE
HEILUNG - FUTHA (ED. LDA)
THE 69 EYES - WEST END CD-DIGI + BLU-RAY
SUNN O))) - PYROCLASTS
DARKTHRONE - OLD STAR (ED. LDA SLIPCASE)
ENVIAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS
Todos os titulos que estão na Loud, estão disponiveis na Piranha
Abertos todos os dias, ininterruptamente das 11 às 21h
Domingos e Feriados das 15 às 19h

porém não se alongando em partes aborrecidas que simplesmente não servem para nada, esbanjando atitude e sentimento em detrimento de uma técnica mais apurada. «Demons In My Mind», o tema experimental e que mais se aproxima do psicadelismo de trabalhos anteriores, é logo abrandado por «Saturnales» e «Long Forgotten Song», cujo compasso progressivo segue em formato balada, confiando em melodias simples, profundamente tristes, mas não menos prazerosas. Afinal o fim era realmente o começo! Em *loop*, tipo pescadinha de rabo na boca... [7] C.N.

KNOCKED LOOSE

«A Different Shade Of Blue»
[Pure Noise]
Se calhar vives debaixo de uma rocha e ainda não estás familiarizado com os Knocked Loose? Será isso? Pois bem, a verdade é que, graças a apenas dois álbuns, um punhado de edições partilhadas e uns quantos EPs, já garantiram um lugar de destaque na hierarquia do hardcore moderno. Reza a lenda que os concertos da banda do Kentucky são uma verdadeira selvajaria e, ao ouvir este «A Different Shade Of Blue», não é muito difícil perceber porquê. A par de uns Code Orange ou Jesus Piece, o quarteto liderado por Bryan Garris brilha ao fazer hardcore metálico de qualidade, daquele capaz de romper ligamentos, arruinar joelhos e partir narizes num *mosh pit*. E sim, aparentemente não há aqui grandes segredos – à primeira audição, parece que o que fazem é apenas hardcore ignorante, sem merdas e apoiado nos *breakdowns* demolidores e musculados que se esperam. No entanto, à medida que as audições se vão sucedendo, sobressaem pequenos pormenores que não permitem descrevê-los apenas como "*mais uma banda boa para o* mosh". Seja o híbrido de death metal e post hardcore de «Forget Your Name» (que conta com o Keith Buckley dos Every Time I Die), os d-beats de «Denied By Faith» e a piscadela de olho aos Crowbar em «... And Still I Wonder South», o grupo afirma-se como uma proposta que, sem ser revolucionária, não se conforma a *clichés* – e com temas como «Mistakes Like Fractures» e «By The Grave» a brotar das colunas, não vai deixar ninguém indiferente. [8] J.M.R.

BLUT AUS NORD

«Hallucinogen»

[DEBEMUR MORTI]

Apesar da importância capital dos Blut Aus Nord na exploração dos limites do black metal – termo aplicado de forma "generalista", digamos – deste século, a sua discografia não é obviamente perfeita, e sempre teve altos e baixos, como é característico de um artista que não tem medo de se atirar de cabeça para territórios pouco explorados. Ainda assim, mesmo nos momentos menos inspirados de um catálogo já longo, o que sempre foi identificável foi uma noção de direcção, de propósito, e é precisamente essa a primeira grande desilusão de «Hallucinogen». Por mais voltas que lhe demos e mais audições dedicadas à espera do *click*, o que fica sempre é a sensação que este disco é um desligar de ambição, uma desistência na busca por profundidade. O líder Vindsval já afirmou que, com a existência do projecto Yerûšelem, as tendências mais industriais iriam ficar aí concentradas, ficando os Blut Aus Nord livres para explorações de outra índole. O que ele se esqueceu de avisar foi que a paixão e a criatividade também iriam, em grande parte, abandonar o edifício. Que resta muito pouco de black metal em «Hallucinogen» não é, por si só, um problema – já aconteceu noutros pontos do trajecto da banda –, o que estraga tudo é que estas ausências todas foram substituídas por uma espécie de psicadelismo e de "prog extremo", vá, sem qualquer centelha de inspiração. A voz é maioritariamente usada em coros distantes, o *tempo* do álbum mantém-se praticamente constante do princípio ao fim, e a verdade é que para além de vários *leads* de guitarra luminosos mas pouco memoráveis que vão sendo disparados, pouco é feito para evitar o aborrecimento induzido pelas características base do disco. É imaginar os Opeth fortemente sedados a tocarem *covers* dos Oranssi Pazuzu, mas sem qualquer do entusiasmo que eventualmente essa analogia possa evocar. O Vindsval já provou antes que consegue sacar coelhos mágicos da cartola quando se pensa que já não há saída, por isso não vamos fazer deste *faux pas* um drama para já, mas para a próxima, se for para fazer mais um destes, mais vale dedicar as energias para nos dar um disquinho a sério dos Yerûšelem. **[5]** J.C.S.

LIFE OF AGONY

«The Sound Of Scars»
[Napalm]
Tem sido muito bom testemunhar o reerguer dos Life Of Agony. Uma das bandas mais únicas dos anos 90, que conseguiu unir vários estilos num tipo de crossover só deles, com uma profundidade emocional invulgar e uma capacidade de escrever malhões que ficarão para sempre na memória de quem foi apanhado por eles na altura. Merecem, de facto, o sucesso e o crescimento de popularidade que este seu regresso está a granjear, até porque não está a ser obtido só a apontar para o «River Runs Red» e a dizer "olha que coisa gira que eu fiz" – continuam a trabalhar arduamente para isso. «A Place Where There's No More Pain» foi um regresso em grande estilo (depois de a primeira tentativa de regresso na década anterior, «Broken Valley», não ter corrido assim tão bem), e este «The Sound Of Scars» segue na mesma toada, com temas pesadões, orelhudos, *grooves* gigantes e uma confiança inabalável que há muito não se sentia nesta banda. A nova baterista Veronica Bellino adaptou-se com uma perfeição natural, e confere um dinamismo rítmico que arriscamos dizer que o próprio Sal Abruscato não teria sido capaz de proporcionar. Ela, em conjunção com o baixo pulsante do principal compositor, Alan Robert, são a base impenetrável que faz com que os riffs lancinantes e a explosividade da vocalista Mina Caputo – numa das melhores *performances* da sua carreira – brilhem tão intensamente. Muito se tem falado do facto de «The Sound Of Scars» ser uma continuação da história do «River Runs Red», e sim, esses três interlúdios narrativos («Then», «Now» e «When», que seguem a vida do personagem mostrada nos passados «Monday», «Thursday» e «Friday») são uma curiosidade interessante que os "veteranos" desse álbum vão apreciar, mas não é algo que tenha influência especial na qualidade global do álbum. Essa vai-se perceber é quando andarmos dias com os refrães de «Lay Down» ou «My Way Out» na cabeça, ou quando formos arrebatados com a sensibilidade surpreendente dos últimos temas, «Weight Of The World» e «I Surrender», apenas alguns dos muitos pontos altos oferecidos por um disco sólido, honesto e riquíssimo em todos os aspectos que interessam. [8.5] J.C.S.

MAMIFFER

«The Brilliant Tabernacle»
[SIGE]
Sempre houve uma sensação de (re)conforto na voz de Faith Colloccia, algo que esteve presente em tudo o que criou até agora. «The Brilliant Tabernacle», o disco mais recente dos Mamiffer, não é excepção, e é perfeitamente perceptivel que estamos perante um álbum extremamente emocional, com uma ligação implícita ao universo mais pessoal da artista. Não é novidade que se escreva sobre o que pensamos, sobre o que ocorre nas nossas vidas pessoais, sobre as várias desavenças … é, porém, dificil criar algo com essas características que seja ao mesmo tempo tão fácil de chegar ao "outro". É essa a beleza de «The Brilliant Tabernacle», assim como outros lançamentos deste alter-ego de Colloccia. A voz etérea, delicada, intensifica o instrumental que nos soa tanto alegre como melancólico, criando essa tal atmosfera emocional que não nos deixa ficar indiferentes: tanto o piano, como a flauta e os arranjos de cordas que vão surgindo criam esta sensação de montanha-russa imaterial que todos nós conhecemos tão bem. Os Mamiffer voltaram a

criar a banda sonora para boas e más alturas, uma autêntica flecha apontada ao peito. [7.5] M.L.

MÃO MORTA

«No Fim Era O Frio»
[Rastilho]
Novo trabalho dos Mão Morta, anunciado como "mais electrónico", ligado a um convite do Festival Guidance, em Guimarães. O anúncio poderá alarmar os indefectíveis, mas basta percorrer a discografia do grupo para perceber que estranho seria encontrar os bracarenses cristalizados e reduzidos a uma só fórmula. Súmula da mudança na continuidade será «Oxalá», com suas harmonias vocais, como no passado, em «1.º de Novembro», mas aqui suportadas por um discreto fluxo de electrónica. Adolfo surge mais narrador que cantor, sem pudor em «Minha Amada», mas tudo como já conhecido desde há muito. A novidade será a trama conceptual que entra pelos campos da ficção científica. A mensagem está lá, entre divagações, mas sempre actual, como noutros momentos. Os fãs dos sons extremos poderão queixar-se da falta de guitarras, mas até aí o grupo se aproxima de sons que hoje esgotam alguns festivais de nicho e satisfazem adeptos de sons mais pesados. Em «No Fim Era O Frio», temos, afinal, Mão Morta a ser… Mão Morta! [8.5] E.F.

MIKE PATTON AND JEAN-CLAUDE VANNIER

«Corpse Flower»
[Ipecac]
«Corpse Flower» é o resultado da colaboração entre Jean-Claude Vannier e Mike Patton, dois nomes que dificilmente se poderiam encontrar em polos mais opostos. É verdade que isso por si só é motivo de curiosidade incondicional, sensação aliás ampliada pelo percurso musical dos intervenientes, em particular pela interferência de uma certa inquietude, senão mesmo daquela irreverência mais malandra e brincalhona que caracteriza o universo musical de Patton, pelos territórios da música popular francesa ancorada em apontamentos orquestrais que Vannier tão bem soube compor para músicos como Serge Gainsbourg, Johnny Halliday ou Francoise Hardy ao longo dos anos 70. Mas acontece que por mais interesse que esse cruzamento possa despertar, importa reconhecer que estamos muito longe de uma súmula do trabalho de ambos. Patton parece asfixiado pela reverência sufocante ao formalismo de Vannier, sem nunca chegar a dar verdadeiramente o ar da sua graça, ao passo que o compositor francês raríssimas vezes dá ares de estar a compor com um intérprete como Patton em mente: ao final do dia é como se tudo isto fosse desaguar num cadáver esquisito suspenso num mar de possibilidades que nunca vão dar a lado nenhum. Mas não será isso belo? [6] J.R.

MIZMOR

«Cairn»
[Gilead Media]
«Cairn», o terceiro longa-duração de Mizmor, é, tal como os seus antecessores, um alegórico transformar de um aspecto privado da história de vida do seu criador, A.L.N.. Depois de incidir na perda de fé na existência de deus nos trabalhos anteriores, mergulha desta feita nas ideias exploradas por Albert Camus em «O Mito De Sísifo». Numa história em quatro actos, descreve o absurdo da existência («Desert Of Absurdity»), erige dois metafóricos moledros (português para *cairn*) enquanto monumentos às opções rejeitadas, respectivamente deus («Cairn To God») e o suicídio («Cairn To Suicide»), e reflecte sobre as escolhas feitas, sobre o aceitar do absurdo («The Narrowing Way»). Musicalmente, para além do habitual destaque à brilhante (e variada) prestação vocal, o instrumental adapta-se à temática, registando para tal um considerável aumento de elementos de doom e funeral doom, em particular da vertente calorosa e melódica praticada pelos Hell, banda com a qual colabora frequentemente. A provar que se trata de um caso em que a escrita se subordinou de sobremaneira à temática explorada, os laivos de black metal vêm ainda mais carregados do que o habitual de um lado grandioso, particularmente quando são usados para erguer os ditos moledros. É aí que jaz a beleza do álbum, na forma como consegue efectivamente contar a história a que se propõe, mesmo que para isso tenha de abdicar de um final conclusivo. É que a interiorização e celebração da rejeição de um caminho não chega para encher o vazio que motivou essa ilusão em primeiro lugar. [8] L.P.

THE NEPTUNE POWER FEDERATION

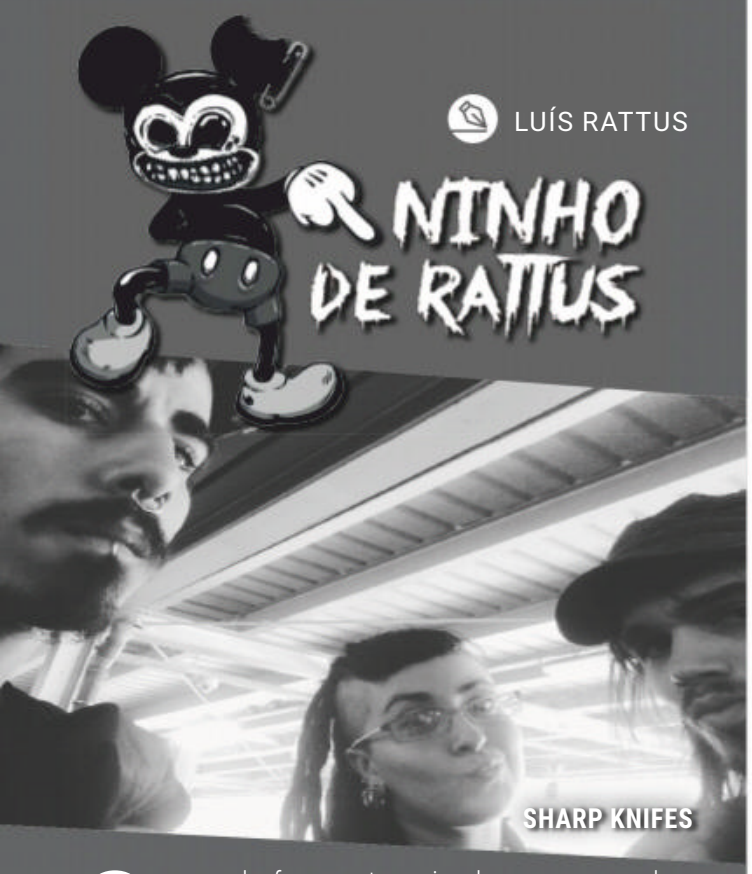
«Memoirs Of A Rat Queen»
[Cruz Del Sur]
Reza a lenda, ou melhor a biografia da banda, que a Imperial Priestess Screaming Loz Sutch, vocalista destes australianos, é um ser celestial vindo do espaço e que tem a faculdade de viajar no tempo, interagindo com a humanidade em momentos marcantes como a Revolução Francesa ou a Peste Negra. Este álbum serão as suas memórias e já agora, por curiosidade, pesquisem a imagem da senhora no vosso motor de busca favorito. Musicalmente, a banda deambula entre a insanidade de um The Crazy World Of Arthur Brown, a fineza dos Queen e a simplicidade de uns T-Rex. Resultado? Um hard rock psicadélico e alucinado que se torna viciante à medida que vamos ouvindo o álbum. E somos quase forçados a querer ouvir a restante discografia, pois este «Memoirs Of A Rat Queen» é já o quarto disco deste quinteto que conta com músicos com nomes tão interessantes como Inverted Crucifox, Search and DesTroy, Jaytanic Ritual e Mr. Styx. [7.5] C.G.

NIGHTFELL

«A Sanity Deranged»
[20 Buck Spin]
Os Nightfell estão, à semelhança da grande maioria dos projectos liderados por Todd Burdette, dos seminais Tragedy, votados a passar despercebidos além da minoria que segue atentamente o que o músico norte-americano vai fazendo. Nunca vão lançar *singles*, não vão gravar *clips* de vídeo e, no que muita gente poderá ver como suicídio comercial, provavelmente nunca vão ter uma loja *online* onde se possa comprar o pouco *merch* que vão fazendo. Felizmente, Burdette encontrou uma alma gémea no baterista Tim Call – dos The Howling Wind, que lançaram um dos melhores álbuns de black metal do ano que provavelmente ninguém vai ouvir, e de uma infinidade de outros projectos. Juntos, são os Nightfell, e «A Sanity Deranged» é o terceiro álbum que fazem. Seguindo a linha de «The Living Ever Mourn» e «Darkness Evermore», a dupla mantém a paixão pelos Bolt Thrower nos sítios certos (ouçam-se «(As Now) We Must Succumb» e «The Swallowing Of Flies»), fundindo de forma inteligente death e doom. Com apontamentos a roçar a frieza do black, estes seis temas são uma amálgama sinistra, obscura e demolidora. Resultado, em apenas 35 minutos, Burdette e Call destacam-se da competição com boa nota, sobretudo pela forma como emparelham riffs enormes com ambientes de cortar à faca. [8] J.M.R.

OPIUM LORD

«Vore»
[Sludgelord]
Temos falado aqui repetidamente da nova vaga de bandas que tem surgido ultimamente em terras de sua majestade e, este mês, chega-nos às mãos mais um nome de peso a juntar a uma lista em crescimento. Formados há sete anos, os Opium Lord são da terra do riff por excelência – Birmingham, a mesma cidade que deu à luz os Black Sabbath e os Godflesh – e, com as devidas distâncias, à semelhança dos seus predecessores, apostam na arte do peso lento e contundente, mas com a dose certa de melodias e ganchos para nos manterem atentos. Com o anterior «The Calendrical Cycle: Eye Of Earth», de 2015, o quarteto já tinha provado saber exactamente o que queria fazer e como fazê-lo, mas agora, com «Vore», eleva a fórmula mais um pouco em termos de dinamismo e intensidade. Quiçá inspirados pelo mau bocado que passaram a tentar libertar-se do vínculo que tinham com a Candlelight (estamos a imaginar que tenha sido algo semelhante ao que se passou com os "nossos" Corpus Christii), os seis músicos tornaram o seu doom injectado de sludge ainda



Com um desfasamento maior do que o esperado e programado, eis que está finalmente disponível o quinto número da fanzine **KAOS URBANO**. Editada pelo Fábio Couto, a publicação debruça-se sobre o movimento punk no seu lado mais contundente, contestatário, militante e incisivo. Nela podemos encontrar entrevistas a Dokuga, Roädscüm ou Systemik Viølence, assim como variados artigos e textos numa toada bem *old school*. A fanzine inclui a cassete compilação «KUPUNX III» com as bandas Albert Fish, Battlescars, Besta, Cruelist, Grito Final, Hellcharge, Local Trap, Lovdaxit, Manferior, Misantropia, Mufasa, Systemik Viølence, Revengeance, Roädscüm, Vai-Te Foder e Vürmo. *Up the punx*!

Depois do álbum de estreia «Pela Glória Das Ruas» (2016) e com o disco ao vivo «Live And Loud!» (2017) pelo meio, os **SINDICATO OI!** de São Paulo chegam ao seu novo trabalho, o mini-álbum «Batalha Constante». Novamente co-editado pela The Firm Records, Skin Collector, Spirit Of St George e Rotten Records, este novo CD oferece-nos seis temas inéditos, incluindo cinco originais e uma versão de «The Greatest Cockney Rip-Off» dos Cockney Rejects. As influências da banda continuam assentes no oi! britânico de grupos como Last Resort, Menace, Red Alert ou 4 Skins, no entanto a entrada de um segundo guitarrista deu um novo enfase à sonoridade do colectivo, destacando-se o trabalho de guitarras muito mais explorado e o próprio som da banda mais polido. Um grande passo em frente para os Sindicato Oi! que preparam neste momento o seu regresso à Europa para mais uma digressão.

Os lisboetas **SHARP KNIVES** surgiram como um furacão que assolou essa Europa fora com dezenas de concertos, levando consigo o EP «Proper Tea Is Theft». Cinco temas de folk punk editados numa versão *demo* CD-R em edição de autor de 100 cópias e em 250 cassetes lançadas pela Destroy It Yourself. Entre temas originais, *rip offs* de Blondie e uma desconstrução de uma malha de NoFX, esta pandilha nómada eleva o espírito libertário num folk anarquista que bem poderia ser o Peter Seeger a tocar com os Crass, numa *jam* com o Billy Bragg. Soa bem, não soa?

Editado pela Hellnation, «Apri Gli Occhi» é o segundo álbum dos italianos **TACITA**, que sucede a estreia «Oltre Il Muro Vol. 0». O LP, de doze temas, inclui um CD com o álbum e com bónus incluindo o *single* anterior e um tema inédito num total de quinze músicas. Cantado na língua nativa, o som destes romanos é uma muralha de riffs poderosos, com *singalongs* constantes a furarem o oi! agressivo. Com guitarras mais rockeiras, por vezes a abordar um *edge* mais metal, comum na nova vaga do oi! italiano, os Tacita não descuraram da produção onde conseguimos apurar o espaço de cada instrumento num bolo final brutalmente compacto.

mais cerebral e contundente. Explorando a fundo o potencial de uma formação com três guitarristas, atiram-se a sete temas de peso monolítico, apimentado por texturas que vão do noise ao hardcore, passando pelo post metal; que contrariam expectativas e rótulos estanques. Dominados por um ambiente sombrio e fantasmagórico, temas como «Lead Magnet» ou «Suture» desenvolvem-se em ritmo compassado, para depois explodirem na imensidão dos riffs e no estalo da bateria, sempre com uma força titânica, entre tons sinuosos e solos cristalinos. Destaque para a participação de Mike Scheidt, dos YOB, na colossal «Columbia», uma das peças mais fortes deste registo. [7] J.M.R.

PHARMAKON

«Devour»
[Sacred Bones]
Novo disco de Pharmakon, nova demonstração cabal de que no meio do noise já há algum tempo que a Margaret Chardiet joga num campeonato muito próprio, nova demonstração de uma singular capacidade para concretizar complexos ideais também através das mais abstractas sonoridades. A ideia por trás de «Devour» é a de auto-canibalização enquanto representação do lado auto-destrutivo da nossa natureza humana, tanto num nível individual como societal, e que surge numa primeira instância representada pelas sucessivas manipulações sonoras das mesmas fontes e pelo incessante mutar rítmico da primeira parte do álbum – «Homeostasis», «Spit It Out», e «Self-Regulating System» – cuja evolução reflecte precisamente o descontrolar de ciclos de causa e efeito nos tempos de correm, em que o que se equilibrou foi o ritmo de criação desses ciclos destructivos, ora internos (adição), ora externos (ganância e violência). É também o primeiro disco de Pharmakon a ter sido elaborado de forma a ligar as vertentes de palco e de estúdio do projecto, com cada lado do disco a ser pensado e gravado ao vivo como um todo. A intensa visceralidade a que associamos às *performances* do projecto aparece de forma mais evidente no segundo lado do álbum, um autêntico tormento de ansiedade e pânico em forma de som. «Devour» vem dedicado a todos aos que pereceram pelas próprias mãos, aos institucionalizados, aos encarcerados, aos que se viram ostracizados e isolados de uma sociedade que os mastigou e deitou fora. É dedicado aos devorados, e é uma declaração de que não há nada de errado com eles, que a sua condição não mais é do que uma consequência directa do mundo que os rodeia. Quem disse que não havia catarse para encontrar na mais desconcertante javardice? [9] L.P.

PHIL CAMPBELL

«Old Lions Still Roar»
[Nuclear Blast]
O nome dispensa apresentações. Com os seus filhos, The Bastard Sons, o galês gravou um excelente álbum que lhe permitiu voltar aos palcos. Neste «Old Lions Still Roar», o guitarrista rodeia-se de um conjunto de vocalistas do calibre de Alice Cooper, Rob Halford, Nick Oliveri, Danko Jones ou Ben Ward, e reforça-se com instrumentistas como Mick Mars, Joe Satriani ou Matt Sorum, além dos próprios filhos. Face a todas estas estrelas, o disco pede personalidade, com os timbres de cada vocalista a assumirem em demasia cada tema, já para não referir quando se apresentam completamente ao lado com em «Dead Roses», balada pop, ou «Tears From A Glass Eye». Sem personalidade, com a guitarra por vezes ofuscada pelo leque de músicos, o disco resulta mal, mais parecendo uma colectânea de temas escolhidos à pressa. Já para não referir que a estrela maior, presente ao longo de toda a escuta, já não está fisicamente por cá, para contribuir no disco. [5] E.F.

PROFANATICA

«Rotting incarnation Of god»
[Season Of Mist]
Dificilmente não teremos uma ideia do que esperar de uma banda como Profanatica, tendo em conta o padrão de toda a sua carreira. Riffs sujos, cheios de distorção com linhas de baixo a borbulhar por baixo, criando uma atmosfera tão maciça quanto estimulante. Por cima do hipnotizante instrumental, a voz de Paul Ledney irrompe impiedosamente, também ela com a liturgia do costume, e a perversão a infiltrar-se na já por si obscena música circundante. Com o surgir de algumas regravações de temas mais antigos, a sensação de saturação intensifica-se, acrescentando ainda a estranheza que algumas mudanças na composição proporcionam – aqui até se estranha mais do que se entranha, deixando-nos um pouco no impasse. É certo que a falta de inovação não é algo que esteja entre os maiores problemas dos Profanatica, antes pelo contrário – há bandas que sim, precisam e procuram reinventar-se a cada lançamento, mas nunca foi esse o caso destes nova-iorquinos. Porém, apesar do que já se esperava do trio, «Rotting Incarnation Of God» não deixa de soar um tanto ou quanto mais desinspirado que o seu antecessor. [6.5] M.L.

RAM

«The Throne Within»
[Metal Blade]
Os RAM surgiram em 1999 na época áurea do revivalismo do heavy metal mais tradicional. Apesar de nunca terem conseguido se impor-se definitivamente como baluarte do género, o grupo sueco não esmoreceu e parece finalmente ter encontrado o seu rumo, a avaliar pela regularidade de edições nos últimos anos. «The Throne Within» surge com nove malhas de heavy metal puro e duro onde «Blades Of Betrayal», «The Trap» ou «Spirit Reaper» surgem como a súmula do melhor que este quinteto produz. Com fortes influências instrumentais de uns Mercyful Fate e Judas Priest (e da NWOBHM em geral), os RAM teimam é em ter uma produção à anos 80 nos seus discos. O que, para os ouvidos de muitos das novas gerações, torna-se improdutivo. [7.5] C.G.

REFUSED

«War Music»
[Spinefarm]
Não, infelizmente a forma do punk que veio depois acabou por não ser como o «The Shape Of Punk To Come», mas convenhamos que contar verdadeiramente que isso iria acontecer teria sido um nadinha de optimismo a mais. O poder revolucionário desse álbum – que ainda hoje, 21 anos depois, mantem o mesmo impacto e a mesma relevância – é tal, que poucos sequer tentaram aproximar-se daquela mistura volátil, Refused incluídos. O problema de terem feito uma marca indelével dessa magnitude é que toda a sua carreira irá ser comparada com esse momento,

e provavelmente nunca irá ser uma comparação favorável. Mas se o rock chocho e estranhamente convencional do «Freedom» de regresso teria sido mediano independentemente do passado da banda, já este «War Music» merece que se olhe para ele com alguma imparcialidade. Não é perfeito, obviamente – aliás, o principal problema identifica-se logo nos primeiros segundos do tema de abertura, «REV001». Depois de um *sample*, o Dennis Lyxzén atira um daqueles gritos característicos, cuspindo as palavras "*revolution one!*" com a mesma paixão que um dia berrou "*can I scream?*", mas quando esperamos por aquela entrada instrumental logo de seguida que parta tudo… a coisa não parte. São uns quinze segundos a bater num riff bom, é certo, e o tema lá continua, saltitão, dinâmico, *catchy* até, mas sem a ferocidade que justifique as letras que continuam tão incendiárias como sempre – note-se o final do álbum, com a mordaz «Economy Of Death», onde a mensagem final que fica é uma sucinta "*you're so fucked*". Nesse aspecto, os Refused continuam tão importantes e tão em forma como sempre, mas quando se está a atirar à cara do ouvinte coisas como "*When there's blood on the streets somebody's getting paid / Somebody's getting paid when you're the slave*", é preciso um bocadinho extra de intensidade. Mesmo sem a electrónica a ajudar como tanto o fez no passado, «War Music» está ainda assim longe da complacência de «Freedom» e tem vários momentos desses, espalhados aqui e ali (a «Blood Red» e a «Turn The Cross» são particularmente incisivas), mas não o suficiente para o elevar à categoria de clássico. Esquecendo-nos disso, no entanto, o que resta é rico o suficiente para aguentar musicalmente e tornar-se num álbum muito bom ainda assim.«I Wanna Watch The World Burn» dá ares a uns imaginários Bad Religion suecos, e a cadência final de «The Infamous Left» e da já mencionada «Economy Of Death» dão um chuto valente no último sopro do disco. Pode não ser a forma que sonhámos para o punk, mas é a possível, e podia ser muito pior. [7.5] J.C.S.

SECT

«Blood Of The Beasts»

[Southern Lord]

Tens saudades dos Cursed? E, em particular, do Chris Colohan? O berrador canadiano está de volta com um novo disco dos SECT para te coçar essa comichão. E se, por um lado, é bom ouvir mais uma vez o seu registo acídico e perceber que continua em plena forma, por outro também é muito salutar constatar que se mantém pouco interessado em regurgitar as mesmas coisas que já fez no passado. Ao longo de «Blood Of The Beasts» há, obviamente, vários momentos que nos remetem de imediato para a sonoridade que popularizou os autores de «I», «II» e «III: Architects Of Troubled Sleep» – ouçam-se, a título de exemplo, a «Redundanct Gods», a «Broken & Untenable» ou a «Cirrhosis Of Youth» –, mas o grupo não se limita a isso. Ao terceiro disco, Colohan e o resto dos SECT – uma espécie de constelação do underground punk/hardcore, que conta com gente dos Earth Crisis, Catharsis e Racetraitor na formação – mantêm-se afastados da pegada mais roqueira que o vocalista instigou nos Burning Love e atiram-se a um disco muito dinâmico de fusão metal e hardcore. Sem *breakdowns*, mas com tom HM-2 na guitarra e riffs que não soariam deslocados no «Wolverine Blues» (no tema-título), o que temos aqui é um petardo de "brutidade". [8.5] J.M.R.

SINNER

«Santa Muerte»

[AFM]

Mat Sinner é um dos nomes mais respeitados do heavy metal germânico. Ainda há pouco tempo o vimos com o seu baixo no Vagos Metal Fest a tocar com os Primal Fear (onde está também Tom Naumann, o guitarrista dos Sinner) e o seu currículo é deveras invejável. Desde 1982 que os Sinner mantêm uma regularidade de edições de álbuns pouco comum (dezanove com este novo) e sempre com um nível acima da média. «Santa Muerte» não foge à regra, tendo como principal novidade a inclusão da emotiva vocalista italiana Giorgia Colleluori que divide o microfone com Mat, assumindo completamente as rédeas em «Shine On», «Lucky 13», «Misty Mountain» e na versão do clássico do blues «Death Letter». Nota ainda para a participação vocal de Ronnie Romero (Rainbow) em «Fiesta Y Copas» e Ricky Warwick (Thin Lizzy e The Almighty) em «What Went Wrong», enriquecendo um disco já por si com variadíssimos pontos de interesse. [8] C.G.

SUNN O)))

«Pyroclasts»

[Southern Lord]

Quando, durante as sessões de gravação do «Life Metal» no Electrical Audio, os Sunn O))), nas pessoas de Greg Anderson e Stephen O'Malley, se viram simultaneamente na companhia da Hildur Guðnadóttir, do Tim Midyett, e do T.O.S., realizaram e gravaram uma série de improvizações meditativas de drone tonal, todas de doze minutos, ora gravadas no início ou no fim de um dia de trabalho. Reconhecemos que a proposta subjacente a «Pyroclasts» não é a coisa mais ambiciosa ou entusiasmante do mundo. O resultado tem no entanto três qualidades assinaláveis. Em primeiro lugar, dá-nos mais 40 minutos na companhia daquele fenomenal som de guitarra que o Steve

LACUNA COIL

«Black Anima»

[CENTURY MEDIA]

Mais negro, mais pesado, mais incisivo, mais coeso. Estes quatro adjectivos constituem um bom princípio para percebermos aquilo que «Black Anima», o décimo longa-duração dos italianos Lacuna Coil, traz face a um mal amado e decepcionante «Delirium», editado em 2016. A americanização da banda de Milão, quer ao nível da sonoridade, quer no que diz respeito à direcção de carreira, já não é novidade para ninguém, contribuindo para a progressiva descaracterização da sua identidade e para demasiadas oscilações e incongruências na forma como se têm apresentado nos discos pós-«Karmacode». «Black Anima» dá continuidade a influências bem vincadas de nomes grandes como Korn ou Slipknot, aqui exponenciadas a um patamar de maior evidência no que diz respeito ao efeito dos mascarados do Iowa não só a nível sonoro, como a nível estético e conceptual, mas fá-lo de uma forma mais equilibrada e coesa, embora carregada de *clichés* mais ou menos evidentes. Andrea Ferro atenua as suas sobejamente conhecidas limitações a nível vocal refugiando-se cada vez mais num registo gutural que encontra o contraponto perfeito na enorme e reconhecida amplitude vocal de Cristina Scabbia, aqui a ganhar especial dimensão e impacto face ao teor mais pesado de composições como «Sword Of Anger» , «Under The Surface» ou «Apocalypse», esta última a ponte perfeita entre o passado e o presente da banda. Depois temos momentos a entrar em terrenos menos explorados, embora longe de serem originais, através de «Layers Of Time», um tema que transborda Gojira, ou na abordagem operática e requintada de «Veneficium», funcionando bem enquanto temas isolados, mas contribuindo para algum desequilíbrio global. Ainda assim, este poderá bem ser o trabalho com maior densidade de temas facilmente memoráveis desde «Karmacode», reforçando a posição referencial dos Lacuna Coil enquanto excelente aperitivo e cartão de visita para sonoridades mais negras para ouvidos menos calejados, o que, por si só, mas também pela longevidade da carreira, é digno de mérito. **[7.5]** R.A.

Albini já captara no álbum, ainda que num contexto mais minimal e de contornos menos apurados. Para além disso, e sem grande surpresa para ninguém tendo em conta o elenco de luxo que o gravou, a sua execução transpira mestria e domínio de processos e ferramentas. Sobretudo, e por interessante que seja observar a considerável variação de dia para dia, «Pyroclasts» cumpre na perfeição o seu papel adicional, reminiscente dos tempos dos Tribes Of Neurot, que é o de servir para enriquecer a experiência de audição do álbum que pretende acompanhar. Para além do efeito de foco inerente ao processo meditativo estar presente, funciona lindamente enquanto antecâmera sónica, cujo atravessamento enaltece as qualidades que não nos cansámos de mencionar quando encontrámos «Life Metal» pela primeira vez, e contribuir para uma obra-prima não é exactamente feito pequeno. [7.5] L.P.

THÖRNE

«Octagon»

[Edição de autor]

Verdadeiramente activo desde 2018, Thörne é um quarteto de Viana do Castelo, que tem mantido alguma actividade em palco. Treze meses após a sua data de formação, apresenta-se com um EP de sete temas, bastante interessante. Post hardcore é como se definem, algures aparece também o rótulo "blackened". Obviamente há referências, desde nomes maiores a menores, mas aqui sobressalta a variedade, seja na melodia da curta «Out Of Light And Silence», ou no salto seguinte, algures entre o math e o post core, de «Barca». Dois temas mais longos, contrastam com os restantes, revelando que o colectivo sabe explorar ambas as vertentes da composição, contribuindo para evitar a monotonia que muitos trabalhos de apresentação revelam. [7.5] E.F.

TOXIKULL

«Cursed And Punished»

[Metal On Metal]

Em dado momento vai-se olhar para trás e reparar que existiu por cá um conjunto de nomes apostados num movimento que envolveu uma mistura de thrash, speed e power thrash, com algumas referências à NWOBHM. Enquanto isso não é feito, pode-se sempre ir escutando edições como este segundo longa-duração do quarteto de Cascais. Com uma clara evolução desde o lançamento de «Black Sheep» em 2016, claramente beneficiando da produção de Miguel Tereso, o disco brilha particularmente no jogo de guitarras, particularmente em «Cursed And Punished» e «Rising Dust». Rápido e directo, porventura com temas demasiado curtos, muitas vezes beneficiando ainda do *intro* em *spoken word*, como «Sacred Whip», este disco sofre de ter pouca variação, excepção para «Killer Night» ou «Hellu-minate», com esta última a remeter para Mercyful Fate. Como um bom revival, nada há de novo, o que se pode revelar um caso de copo meio-cheio ou meio-vazio, conforme a opinião. [7.5] E.F.

VACIVUS

«Annihilism»

[Profound Lore]

O segundo longa-duração dos britânicos Vacivus é uma incursão caótica e devastadora pelas paisagens áridas do black/death, género que já lhes tinha servido de baptismo no anterior «Temple Of The Abyss», uma belíssima estreia que deu logo a entender o que poderíamos esperar do quinteto: uma abordagem sanguínea e visceral aos recantos mais negros da música extrema. «Annihilism» é um disco de uma banda com a lição bem estudada, com perfeita noção daquilo que quer fazer. E são realmente melhores quando fazem do formato canção uma oportunidade de estropiamento bastardo: não havendo aqui propriamente uma tonalidade de celebração épica, é difícil conter a proverbial gargalhada maléfica quando, de forma meio surpreendente, colocam os trunfos todos em cima da mesa, e fazem da segunda metade de um tema como «Terminus» um objecto de manifesta brutalidade estilística. «Annihilism» nem sempre se mantém nesse registo, mas é um valente segundo álbum marcado por uma hostilidade estonteante, cicatricial, incessante. [7.5] J.R.

TOOL

«Fear Inoculum»

[VOLCANO/RCA]

Opiniões formadas e extremadas, de obra-prima a soporífero autoindulgente, tudo e um par de botas já foi dito sobre «Fear Inoculum». Feito o veredicto de cada um, importa olhar para este disco e contextualizá-lo enquanto obra artística, sendo a primeira coisa a destacar a sua honestidade intelectual: os Tool fizeram o disco que queriam, quando queriam e da forma que queriam. Isto pode parecer um lugar-comum, ou até uma afirmação esvaziada de conteúdo porque não precisavam de um disco para viver, mas a verdade é que ninguém funciona dessa forma a este nível. Em termos musicais não se pode dizer que hajam grandes novidades, pois há uma familiaridade com cada elemento, e mesmo em abordagem não existe uma ruptura, mas sim uma descoberta de novos espaços sonoros e, através deles, emotivos. Ao estenderem latitudes estéticas, encontram dinâmicas que cativam e seduzem, com um virtuosismo que deslumbra e nos convida a entrar na nave e a seguir nessa viagem que, parecendo demasiado ambiciosa por vezes, de rumo enevoado e até tempestuoso, a bom porto ascende. Não devendo «Fear Inoculum» ser experienciado parcialmente, mas foco de atenção integral e indivisa, revela-se extremamente compensatório e, por esse motivo, destacar «Pneuma», «7empest» ou aquele final de «Invincible» seria escusado (mas aqui fica o sublinhado). É uma obra superlativa, que não restem dúvidas sobre isso, e levará não tantos anos a ser compreendida quantos os levados na sua criação, mas precisará do seu tempo. **[9]** R.S.A.

WORKSHED

«Workshed»

[Rise Above]

O peso distribui-se por duas almas, e a música é feita de coração. Adam Lehan e Mark Wharton, duas lendas do doom metal, que renascem das cinzas após um hiato de largos anos. Workshed é a estreia e produto de ex-membros que contribuíram com o seu cunho instrumental para os "ou me amas ou me odeias" Cathedral. A assinatura é do ex-*frontman* dessa mesma banda, Lee Dorrian (Napalm Death/Cathedral/With The Dead), com a sua editora Rise Above, e a produção é apropriadamente crua. Tudo certo. E tudo a postos, para a chegada despretensiosa de um projecto que desde 2014 se tem vindo a formar, culminando numa bojarda de nove temas remetidos para o sludge, punk, death'n'roll com sugestões de doom, não fosse esta a casa "Partida". Não sendo supremo, criativamente original, ou demasiado complexo, é soberbamente conciso e reflecte na totalidade a cumplicidade entre os dois músicos. «The Windowpanes At The Lexington», «On Sticks Of Wood», «This City Has Fallen» dão o mote à javardice total e aplicam uma chapada de mão virada ao decoro de outros temas mais *doomy* e introspectivos. Letras catárticas de desespero, ansiedade, depressão – batalhas pessoais travadas por Lehan – são vocalizadas de forma irritada, profunda, no entanto decifrável, complementando um ataque implacável de estruturas simples de quebrar o pescoço, sem puxar riffs massivos. Enquanto a bateria hardcore de ritmo acelerado a tempos, e esmagadoramente bombeada a esteróides noutros, dominada por Wharton, oscila em exuberância. Para os que gostam de um café da manhã negro, com cheirinho a "napalm"... [7] C.N.

Tesourinho PERTINENTE

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES STEBBA ÓSK

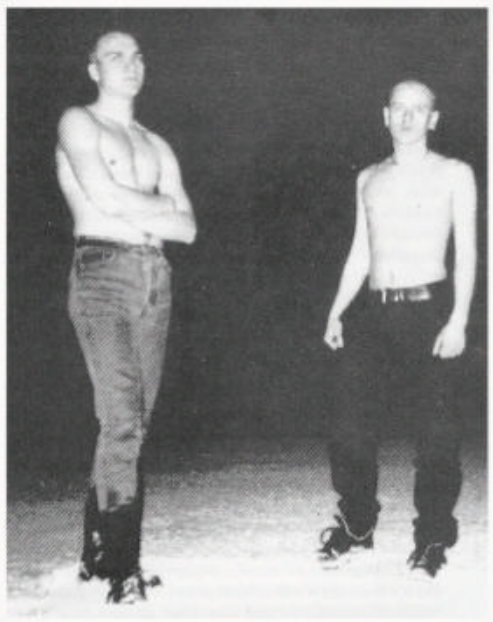
ILDJARN

«Strength And Anger»

[NORSE LEAGUE PRODUCTIONS, 1996]

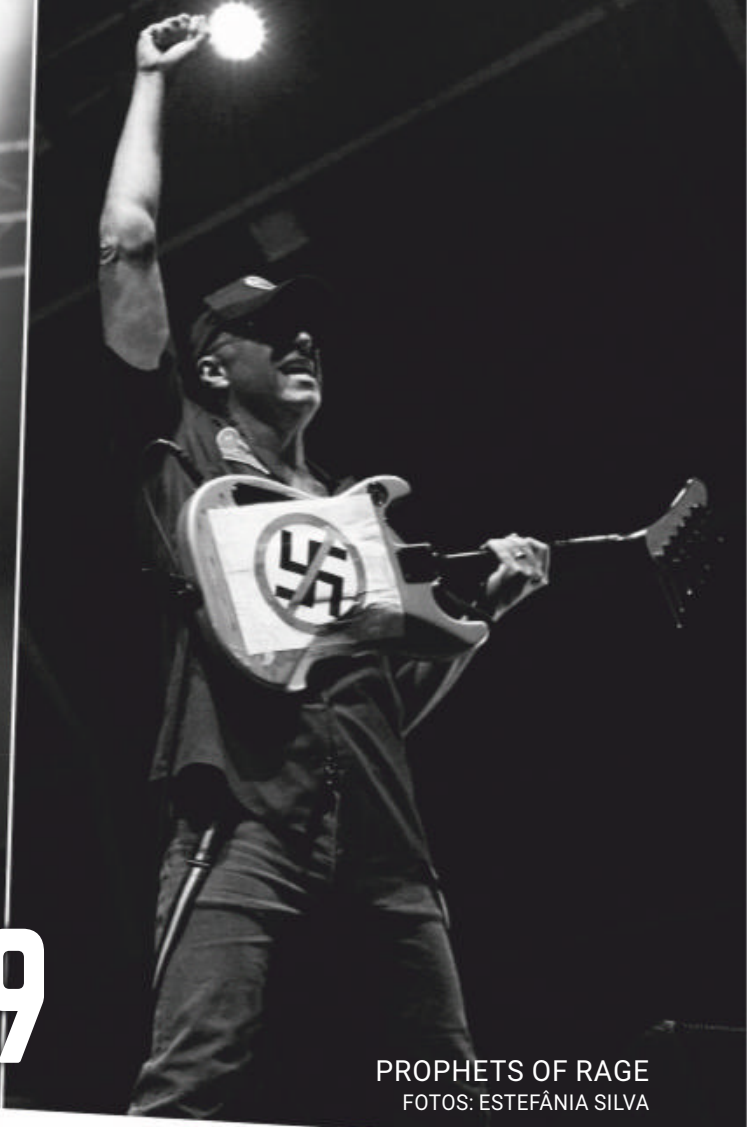
Diz-se que o termo "lo-fi" foi cunhado por volta de 1986 para descrever música gravada com valores abaixo da qualidade permitida pela tecnologia contemporânea. Antes do advento tecnológico, que permitiu a qualquer pessoa gravar maquetas com a qualidade de álbuns num quarto, esta era a única opção para bandas principiantes, com recursos limitados – quantos de nós não ouviram várias histórias de músicos que usaram o que estava ao seu alcance, por muito rudimentar que fosse, para se expressarem? Com a passagem dos anos, a estética ganhou seguidores e agora há por aí muito boa gente a produzir conteúdo *lo-fi*, apesar de, provavelmente, ter acesso a equipamento de alta qualidade. Daí que, no século XXI, o termo seja usado, sobretudo, para descrever métodos de gravação e produção frequentemente usados nos meandros do black metal. Nos últimos anos, esta versão crua do estilo estabeleceu-se e Portugal, por uma vez, tem-se afirmado como um dos países mais férteis no que à produção deste tipo de coisa diz respeito, com projectos como Black Cilice, Mons Veneris, Vetala ou Voëmmr, entre outros, a darem cartas a nível internacional – e a esgotarem edições enquanto o diabo esfrega um olho. Hoje, o *lo-fi* representa, além de qualquer outra coisa, uma forma de distanciamento do que é a música convencional.

Ora bem, será justo dizer que este movimento jamais teria ganho forma sem a existência dessa misteriosa entidade designada Ildjarn, que – no período compreendido entre 1995 e 1996 – gravou três álbuns (e uma série de maquetas) que se transformaram em pilares para o surgimento da tendência *raw* que dá que falar nos dias que correm. Talvez por isso, Vidar Våer, o estratega por trás disto tudo é, a par do Varg "Let's Find Out" Vikernes, visto como um dos personagens mais divisórios do underground norueguês dos anos 90. Antes de lançar-se a solo, o músico de Telemark tocou baixo com o Ihsahn e o Samoth nos Thou Shalt Suffer e, segundo reza a lenda, até fez algumas aparições ao vivo com os Emperor. Não deixa de ser curioso que, sozinho, tenha embarcado num percurso totalmente oposto ao dos seus ex-companheiros; enquanto a música criada pela dupla se foi tornando cada vez mais intrincada e sinfónica, o multi-instrumentista fez o oposto, e mergulhou a fundo numa sonoridade tão primitiva e despida de floreados quanto se possa imaginar.



Aclamado como visionário por uma minoria e, simultaneamente, ridicularizado como um trambolho sem talento aparente, além de ter estado no lugar certo à hora certa, o bom do Vidar acabou mesmo por criar alguma da música mais antagónica e visceral saída de uma cena que, para todos os efeitos, se estava a tornar mais comercial. Aqui não há nada de convencional, muito menos de comercial. Foi neste «Strength And Anger», que sucedeu à estreia homónima no ano anterior, que o músico atingiu o equilíbrio possível entre uma abordagem minimal e repetitiva, quase hipnótica, ao black/punk (patente nos primeiros quinze temas, todos chamados «Strength And Anger») e o proto-dungeon synth (nas duas partes de «Hate Meditation») que acabaria por dominar grande parte do seu *output* após o lançamento de «Forest Poetry», editado também em 1996. Com um som geral tão hostil como inacessível, o resultado é bem duro, cru, cansativo e feio. Pois é, não há, de facto, nada bonito aqui, mas... convenhamos, o que é barulho sem sentido para uns, pode ser o pináculo do black metal para outros e, feitas as contas, a beleza está e sempre esteve nos olhos de quem a vê.

THERAPY?



PROPHETS OF RAGE
FOTOS: ESTEFÂNIA SILVA

EDP VILAR DE MOUROS 2019

19.08.22-24 – Vilar de Mouros

É uma história longa, com algumas interrupções pelo caminho, mas que, felizmente, cinco décadas depois, parece estar num dos seus períodos mais risonhos. Falamos como é óbvio do já lendário festival que se realiza em Vilar de Mouros, pequena freguesia do concelho de Caminha, e que desde o seu último ano de inactividade, 2015, se tem vindo a solidificar e a melhorar a cada edição ininterrupta. Essa tendência prosseguiu este ano, e num cartaz fortíssimo a todos os níveis uma quantidade verdadeiramente invulgar de bandas míticas reunidas ao longo dos três dias, numa variedade de estilos notável , foram os "*semi-legendary*" **The Wedding Present**, conforme apresentados pelo seu líder de sempre, o vocalista/guitarrista David Gedge, quem primeiro entusiasmou através de rendições perfeitas de muitos dos seus clássicos. Rock moroso, inteligente, com um cariz peculiarmente emocional, que apesar de pouco atreito a grandes palcos, resultou na perfeição no Palco MEO, que mesmo sendo mais pequeno que o principal continua a ser intimidante pela dimensão. Foi a **Anna Calvi** que abriu então o Palco EDP, e soube "enchê-lo" perfeitamente com a vitalidade do seu rock abrasivo, que deve muito da sua forma a uma senhora chamada PJ Harvey, nitidamente a maior inspiração da britânica. Por esta altura sentia-se que era preciso um chuto valente para dar o *boost* definitivo a este arranque do festival, e felizmente que os **Therapy?** lá estiveram para o proporcionar. Sem artifícios, sem merdas, o trio da Irlanda do Norte arrancou com um tema do seu último álbum, «Wreck It Like Beckett», e daí até final, que se deu com mais um tema de «Cleave», o novo hino que é «Success? Success Is Survival» (provando mais uma vez toda a sua relevância actual, apesar do sucesso comercial planetário dos 90s já ter passado há muito), atingiram picos de intensidade que não estão ao alcance de muitas bandas. O *groove* imparável de «Teethgrinder», a arrepiante *cover* de «Diane» dos Hüsker Dü ou a imortal «Nowhere» foram talvez os pontos mais altos de um *set* sem mácula. Ficámos chateados por os Killing Joke terem cancelado a sua actuação meses antes desta edição? Sim. Mas se foi preciso isso para termos tido os Therapy? a este nível, então estamos em paz. Só uma grande banda conseguiria seguir um concertaço destes, e felizmente os **Manic Street Preachers** são uma dessas. E se «Motorcycle Emptiness», «The Everlasting» ou «Everything Must Go» tiveram a recepção entusiasta que se esperava, foi com uma surpreendente e energética versão da «Sweet Child O' Mine» de vocês-sabem-quem, interpretada de uma forma que talvez os próprios já nem consigam hoje em dia, que o ponto de rebuçado foi atingido, tanto o da banda como o do público. A fechar o primeiro dia, os **The Cult**, presença habitual nos palcos nacionais, que percorreram o *setlist* esperado, terminando com «She Sells Sanctuary», «Wild Flower» e «Love Removal Machine», como não poderia deixar de ser. Malhões sem idade, tocados por uma banda que já faz isto de olhos fechados, mas na qual já se nota, infelizmente, o peso da idade – a intensidade já vista noutros tempos esteve ausente, e foi mesmo a força dos temas que carregou a actuação dos britânicos a bom porto.

NITZER EBB

O segundo dia registou a maior enchente da história do festival, fruto do recinto melhorado e ampliado deste ano, claro, mas também dos pesos pesados que chamaram a multidão compacta que se acotovelava em qualquer sítio onde se estivesse – os **The Sisters Of Mercy** e os **The Offspring** movimentam massas, e foi bom ver a forma excitada como festivaleiros de todas as idades (literalmente, dos oito aos 80) responderam presentes. Foi, aliás, melhor ver isso do que os concertos propriamente ditos das duas bandas. Os lendários "góticos" britânicos deram mais uma prova de que não são, de todo, banda de palco, com um Andrew Eldritch totalmente "ao lado" vocalmente a assassinar a maior parte dos clássicos, enquanto que os músicos que o acompanham actualmente só pareceram melhores por comparação. Se não soubéssemos já por visitas anteriores o desastre que os Sisters costumam ser, teria sido a decepção do fim de semana. Os The Offspring não foram tão catastróficos, mas desiludiram principalmente pela artificialidade da sua prestação. O Dexter e o Noodles podem achar que têm muita piada, mas aquela tentativa de diálogo humorístico entre temas é ridícula, especialmente quando parecem mais entusiasmados com isso do que propriamente em imprimir a energia que as canções requerem. Amostras do que esta banda já foi, apareceram es-

sencialmente nos temas pré-"fase parva" (ie, o rock incendiário que praticavam antes do «Americana»), como «All I Want», «Bad Habit» ou «Come Out And Play» – o resto, incluindo a *cover* meio insultuosa de «Whole Lotta Rosie», foi mediano *at best*. Felizmente, tudo o que tínhamos vivido antes dos *headliners* de massas neste segundo dia fez a deslocação valer a pena, e de que maneira. O Palco MEO, que assumiu contornos de "palco gótico" nesta 6.ª feira de muito calor, presentou-nos com dois grupos veteranos, os **Clan Of Xymox** e os **The House Of Love**, que sem serem nomes universais, percorreram *setlists* recheados dos seus melhores momentos («A Day» ou «Back Door» no caso dos primeiros, ou a infecciosa «Shine On» no caso dos segundos) e proporcionaram concertos excelentes aos presentes. Já o Palco EDP, abriu com os **Nitzer Ebb**, nome pioneiro do EBM, e que arrasaram de forma surpreendente os muitos que seguiam a sua actuação – batidas fortíssimas e pungentes, atitude de nervo e garra, com Douglas McCarthy e Vaughan "Bom" Harris totalmente *on fire*, deixaram água na boca para a sua próxima visita a Portugal, que será já em Dezembro. Também os **Skunk Anansie** mostraram que são bem mais do que aquele *hit* dos 90s, e com a Skin numa forma vocal estrondosa, interagiram com o público como ninguém e souberam converter todos, fãs ou não, com uma actuação electrizante.

O último dia do EDP Vilar de Mouros 2019 foi o menos LOUD!ável, no geral, mas ainda assim revestido de vários motivos de interesse. No palco "secundário" destacaram-se pela positiva os **Jarojupe**, vizinhos vindos de Viana do Castelo, e a mais antiga banda de rock do Minho (mais de 30 anos de carreira!), por não perderem o seu foco num meio que não é de todo o deles, e pela negativa aquilo que passa hoje em dia por **Gang Of Four**, ou seja, um carrancudo e mal-disposto Andy Gill e três tipos à volta dele a tentarem não estragar muito temas que precisavam nitidamente de outra mentalidade para se aproximarem dos originais que tão importantes foram. Não, no terceiro dia o encanto esteve todo no Palco EDP, que viu os **Linda Martini** afirmarem-se mais uma vez como banda grande, a nada dever a muitos nomes de outras paragens que nos visitam todos os anos, e os **Gogol Bordello** a fecharem o festival com a festança rija e o deboche descontrolado que já se lhes conhece. Pelo meio, os **Prophets Of Rage**, que somando todos os seus membros, se encontram ali na confluência de uma série de coisas que dizem muito a praticamente todo o público do festival – sejam os Rage Against The Machine, os Public Enemy, os Cypress Hill ou os Audioslave (em homenagem ao Chris Cornell), todos tiveram direito a temas no alinhamento (e ainda uma *cover* da «Jump Around» dos House Of Pain), e todos levaram a multidão ao delírio. Que os temas originais dos Prophets Of Rage não estejam propriamente à altura do resto nem interessa muito. Interessou sim a mordaz mensagem social passada, a variedade, a muita dança, os *moshpits* selvagens, o *stagediving*... houve disso tudo com fartura, sempre sob a sábia batuta do mago da guitarra, Tom Morello, que continua a ser uma figura ímpar, toque ele o que tocar e com quem tocar. O tipo de génio que já esperamos ver em Vilar de Mouros todos os anos – que em 2020 venham mais destes, é o que se deseja. **[J.C.S.]**

PROPHETS OF RAGE

OUTEIRO METAL FEST

19.09.13/14 – Outeiro, Chaves

Segunda edição para um festival em terras de Trás-os-Montes, muito perto da fronteira com a Galiza. A primeira noite, que infelizmente não nos foi possível acompanhar, contou com actuações dos **Verbian**, **Pneura**, **Wrath Sins** e **Ruína**. Ao segundo dia, o arranque deu-se com os locais **Niil**, que optam por substituir vozes por saxofone, ganhando alguma originalidade. Da Covilhã, "*terra de montanhas e queijo*", vieram os **Divine Ruin**, numa actuação curiosa, mas pouco mais que isso. Os **Fere** estão a gravar o sucessor de «Montedor», e por isso deram a escutar novos temas como «Ossos» ou «Reflexo», a par de outro que pareceu ser o mais marcante, «Flor De Lótus». Ao vivo continuam a confirmar o seu potencial. Menos interessantes, com o pior som da noite e prolongando-se demasiado, os **Perpetual** foram um nome claramente a mais. Ainda com pouco público presente, os **Redemptus** subiram ao palco, recém-chegados de uma digressão pela Rússia. Sete temas, num alinhamento diferente daquele que há meses mostravam e que soube bem escutar. Os **Gaerea** estão em ascensão e cada vez mais mostram ser um caso à parte no panorama nacional. Menos um ou dois temas e tudo teria sido perfeito. Claramente era por eles que o público ansiava e conseguiram justificar isso. O vocalista assume hoje uma postura ainda mais teatral que no passado, que resulta muito bem. Finalmente, os **Systemik Viølence** trouxeram a anarquia, num *set* curto, com o seu momento alto na trilogia «Pussy Metal», «Crapitalismo» e «Dead Cop». Encerraram assim em grande um festival que conseguiu um lote interessante de nomes, ao qual falta agora maior reconhecimento do público. **[E.F.]**

GAEREA
FOTOS: EMANUEL FERREIRA

REDEMPTUS

SYSTEMIK VIØLENCE

INNER BLAST
FOTOS: TATIANA MAGALHÃES

GWYDION

RHAPSODY
OF FIRE

MILAGRE METALEIRO 2019

19.08.23/24 – Pindelo dos Milagres, São Pedro do Sul

Na sua 12.ª edição o Milagre Metaleiro assumiu-se como um dos mais interessantes festivais do Verão nacional. O facto de ser de entrada livre e a forma hospitaleira como os visitantes são recebidos tornam este evento num caso à parte na cena. No primeiro dia, depois do aquecimento com o grupo de baile **GPS**, que culminou a sua actuação com o «Alma Mater» dos Moonspell, entraram em palco os espanhóis **Last Days Of Eden**. Praticantes de um metal sinfónico na linha de uns Nightwish, fica a nota para a simpática vocalista Lady Ani e para a prestação da violinista Sara Ember. Os suecos **Dynazty** deram o melhor concerto da noite e um dos melhores do festival. Hard rock melódico com muita energia, com os momentos mais fortes a surgirem nos temas do último «Firesign». Muito se esperava dos **Ostrogoth**, mas o que tivemos foi uma actuação morna dos belgas. O facto de estarem a tocar com um guitarrista convidado pode ter contribuído para alguma insegurança em palco. Já passava das três da manhã quando entraram em palco os **Incursed**, liderados pelo incansável Jonkol. O pagan folk metal destes espanhóis conseguiu pôr os resistentes a mexer até terminarem com uma versão de «Take On Me» dos A-ha. O segundo dia iniciou-se com um sol abrasador e com o thrash metal dos luxemburgueses **Lost In Pain** a aquecer ainda mais o ambiente, com natural destaque para a *performance* do português Hugo Centeno. Nos **Inner Blast** pontificou a presença da vocalista Liliana, muito activa e dominante em cima do palco. Registo para o novo tema em português «Veneno», bem diferente do habitual. O death metal melódico dos **Perpetual Night** conquistou alguns fãs para esta banda espanhola enquanto os nacionais **Gwydion** deram a festa do costume. Muita boa disposição, lutas de escudos no público e obviamente o folk metal a servir de banda-sonora. Na mesma linha musical surgiriam os espanhóis **Lèpoka**, com hábitos de frades cervejeiros e com um palco onde se destacavam dois frades gigantes insufláveis. Herdeiros musicais de uns Mago de Oz, tendo até interpretado a «Vodka'n'Roll» dessa banda, conseguiram fazer com que quase todo o público ignorasse o clássico de futebol que se jogava naquele momento. Os **Midnight Priest** sentem-se cada vez mais confortáveis em cima do palco, com Lex Thunder a mostrar-se tão à vontade com os temas do último álbum como com os clássicos «Rainha da Magia Negra» ou «O Conde». Já os **Cloven Hoof** foram a grande surpresa da noite. Liderados pelo único membro original, o baixista Lee Payne, este nome clássico da NWOBHM deu um concerto cheio de vigor, com o norte-americano (nascido no Panamá) George Call a mostrar os seus invejáveis dotes vocais e o seu talento enquanto comunicador. Nos **Frozen Crown** todos os olhos estiveram virados para a guitarrista Talia Bellazecca, um verdadeiro e surpreendente talento, mais ainda se considerarmos os seus apenas dezanove anos. De resto tivemos uma interessante demonstração de power metal por parte destes italianos. Alguns problemas técnicos atrasaram o início da banda pela qual as mais de 4.000 almas presentes esperavam. Embora tenham no carrancudo Alex Staropoli o único membro original, estes **Rhapsody Of Fire** não deixaram os fãs insatisfeitos. Giacomo Voli possui, para além de uma simpatia que contrasta com a do seu teclista, uma voz capaz de ombrear com Fabio Lione em potência e emotividade. Na primeira metade do concerto pontificaram temas dos dois álbuns mais recentes mas depois foi a apoteose entre o público quando se escutou «Dawn Of Victory», «Holy Thunderforce» ou «Emerald Sword». Os **Attick Demons** tinham regressado dias antes do Sabaton Open Air na Suécia e deram em Pindelo dos Milagres mais uma das suas demonstrações de qualidade, destacando-se os temas «Ghost» e a participação de Liliana (Inner Blast) em «Dark Angel». Infelizmente este seria o último concerto do fundador e guitarrista Luís Figueira. Finalmente, os internacionais **Sojourner**, com membros de países como Nova Zelândia, Reino Unido, Espanha e Itália. Com uma iluminação minimalista, o grupo arrastou a audiência para uma nova dimensão com o seu black metal épico e atmosférico. Entretanto, antes dos Rhapsody Of Fire, já tinham sido anunciadas algumas das bandas da próxima edição do festival com os Rage a serem os mais aclamados. **[C.G.]**

OVERKILL + DESTRUCTION + FLOTSAM & JETSAM + REZET

19.09.12 – Hard Club, Porto

Foi um choque de titãs, aquele que se jogou na sala 1 do Hard Club: os nova-iorquinos Overkill face aos teutónicos Destruction. Antes, os germânicos Rezet chegavam com um thrash forte, onde a voz de Ricky Wagner lembrava a de Dave Mustaine. No balanço final, correu bem. Menos interessantes, culpa do alinhamento, Flotsam & Jetsam. Deixando alguns clássicos de fora e apostando em temas menores como «Recover» ou numa escusada versão de «Iron Maiden», o grupo não convenceu. Schmier e os seus Destruction estão para o thrash germânico como os Panzerkampfwagen VI Tiger para o antigo exército alemão. Máquina poderosa e imponente, bastou-lhes entregar os primeiros acordes de «Nailed To The Cross» para voarem corpos. «Mad Butcher», «Thrash Till Death» ou «Bestial Invasion» foram outras munições certeiras que provocaram impacto forte entre os presentes. A tudo isto, o reforço de Randy Black na bateria ainda agravou mais os danos. Pena a duração, ou se calhar foi a exacta, evitando o recurso a temas menores, que não beneficiariam o resultado final. Mas os Overkill revelaram a mesma agilidade de um M4 Sherman, em campo de combate. O jogo de cintura de Bobby Blitz e D.D. Verni largou um conjunto de malhas orelhudas como «Hello From the Gutter», «Elimination», «Bastard Nation» e a clássica «Fuck You», esta já em *encore*. Aqui e ali, o "*grandpa*" Bobby Blitz ia inserindo apontamentos sarcásticos, tudo culminando numa excelente actuação do grupo. **[E.F.]**

OVERKILL
FOTO: EMANUEL FERREIRA

THERIOMORPHIC
FOTOS: MARTA LOURO

CHAOSPHERE FEST

19.09.07 – RCA Club, Lisboa

Vinte anos passaram desde o início da Chaosphere Recordings que, em parceria com a Notredame Productions, organizou mais uma edição do Chaosphere que contou com bandas "da casa". Calhou aos **Scum Liquor** abrirem a noite, num RCA que foi enchendo devagar, devagarinho até ao ponto de ser impossível respirar com o calor quase sufocante da sala lisboeta. Pondo a descarga de hostilidade e escárnio da banda de parte, sendo que é algo já certo em cada concerto e que não se põe sequer em questão, foi o som da sala que acabou por cortar um pouco a pujança aos lisboetas – ouvíamos os odiosos temas que por ali foram debitando, mas sem a pancada necessária para o *real deal*. Apesar de tudo deu para ter uma pequena amostra do recém-lançado «Midnight Pleasures». Seguiram-se os **Theriomorphic**, um nome que dispensa também apresentações, mas que contou com um *line-up* completamente renovado. Com sangue novo a correr-lhes nas veias, fizeram jus ao legado da banda, com Jó a comandar as hostes como sempre. A tocha ficou bem entregue aos novos membros e os Theriomorphic parecem agora rejuvenescidos e decididamente mais libertos em palco. Já repetidos de edições anteriores do Chaosphere Fest, e com álbum novo debaixo do braço, foi a vez dos **Decayed** subirem ao palco. Mesmo com João Monteiro (Ironsword) a fazer as vezes de GR na bateria, mostraram-se prontos para apresentar «The Oath Of Heathen Blood». Seguros de si mesmos, fiéis às suas origens, elevaram um pouco a fasquia à noite se, claro, esquecermos as sucessivas pausas e dedicatórias (incluindo a Assunção Cristas) de temas a quase meio público. Como já é usual, os **Filii Nigrantium Infernalium** (eles que também dispensam apresentações) roubaram quase todas as atenções – do início ao fim é impossível aborrecermo-nos perante Belathauzer e companhia. Claramente a banda com mais agradecimentos e mais ligações à Chaosphere, o destaque natural foi para «Pornokrates: Deo Gratias», que serviu também para benzer a escolha pecaminosa de *strobes* para iluminar o palco e, claro, também para «A Era Do Abutre», reeditada em 2015 pela mesma editora. Assim sendo, manteve-se uma liturgia celebrativa que contou com temas cuidadosamente escolhidos, dignos dos vinte anos da Chaosphere, com o momento em que os Filii subiram ao palco a emergir inevitavelmente como o grande destaque da noite. [M.L.]

FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM

DECAYED

SCUM LIQUOR

MGŁA + MARTWA AURA + ABOVE AURORA

19.09.11 – Hard Club, Porto

Após uma estreia em palcos portugueses, em 2016, como suporte aos compatriotas Behemoth que pecou por fugaz, os polacos Mgła voltaram finalmente ao nosso país, e em dose dupla. Os ecos da noite anterior, em Lisboa, já se haviam feito sentir ao darem conta de uma casa cheia e de uma triunfante celebração, não sendo por isso de estranhar que a sala 2 do Hard Club registasse igual lotação esgotada para receber os autores do sublime «Exercises In Futility», disco sobre o qual incidiu a actuação da banda liderada por Maciej Kowalski, interpretando cinco dos seis temas que o compõem. No entanto, na bagagem já traziam «Age Of Excuse», álbum com o qual o público ainda não estava familiarizado, mas do qual foram interpretados dois temas de rajada – «Age Of Excuse II» e «Age Of Excuse III» – que encaixaram naturalmente numa *setlist* que ainda revisitou «Mdłości II» e «With Hearts Toward None VII» com uma mestria ao alcance de poucos. Durante exactamente uma hora, os Mgła afirmaram-se pela atitude discreta, embora antagonicamente impactante, de uma presença circunscrita a vestes negras, identidades apagadas e palavras limitadas apenas às que fazem parte das letras de cada canção. O poderio e clareza sonora, que só oscilou aos primeiros minutos de concerto, músicos exímios – a prestação do baterista Darkside não é deste mundo! – e, sobretudo, a negra envolvência, fizeram aquela hora passar a voar e em crescendo, culminando numa desconcertante «Exercises In Futility V», o pináculo desta viagem desafiante. Anteriormente, tinha cabido aos Above Aurora a abertura das hostilidades através de uma abordagem sonora com vários pontos de contacto com os *headliners*, num formato trio que teve no niilismo da sua prestação o poder de nos cativar. Já os Martwa Aura entraram pelo lado mais contemplativo e místico do black metal, oscilando entre o primitivo e o dramático, chegando a roçar o doom metal mais funéreo. A estratégia resultou, e terão sido muitos os presentes que foram conhecer mais sobre estas bandas e que as passaram a incluir no seu radar. [R.A.]

MGŁA
FOTO: EMANUEL FERREIRA

AGENDA

POWERED BY WONDERWORKER
DENIM LABORATORY
– RESEARCH & DEVELOPMENT –

10.10 - VOLBEAT

OUTUBRO

03-05 – **Bizarra Locomotiva** / **Process Of Guilt** / **Gaerea** / **Acromaníacos** / **Serrabulho** / **Steal Your Crown** / **Redemptus** / **Cranky Geeks** / **Bad!** / **Inhuman** / **Patrulha Do Purgatório** / **Galvana** – ARCM, Faro ***Faro Alternativo 9***
03-05 – **dälek** [E.U.A.] / **Deaf Kids** [Bra] / **Candura** / (…) – Barreiro ***OUT.FEST***
04 – **Ramp** – Side B Rocks, Alenquer
05 – **Visions Of Disfigurement** [Ing] / **Brutal Sphincter** [Bel] / **Bleeding Display** / **Vizir** / **Verme** / **Annihilation** / **Congruity** / **Grindead** / **Queers Of Rock And Roll** – Associação Recreativa Boa Esperança, Castelo Branco ***Sublime Torture Fest XII***
05 – **Wayne Hussey** [Ing] – RCA Club, Lisboa
06 – **Wayne Hussey** [Ing] – Hard Club, Porto
06 – **Reality Slap** / **Last Hope** / **Fonte** / **Stand In Front** – Popular Alvalade, Lisboa ***Believe Hardcore Fest***
06 – **Deaf Kids** [Bra] / **Toothless Cage** – Texas Bar, Leiria
10 – **Ramp** – Side B Rocks, Alenquer
11 – **Mão Morta** – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
11 – **Tó Pica** / **Pântano** / **R.A.I.V.A.** – RCA Club, Lisboa
11 – **Toxikull** / **Jarda** – Metalpoint, Porto
11/12 – **Phantom Vision** / **Corpus Christii** / **Avulsed** [Esp] / **Serrabulho** / **Estado De Sítio** / **Motim** / **Secret Chord** / **Booby Trap** / **Biolence** / **Equaleft** – Club de Ancas, Anadia ***SublimeVilla Bairrada MetalFest***
12 – **Sacred Sin** / **Destroyers Of All** / **Zurrapa** / **Toxikull** / **Injector** / **Vikingore** – Poli-desportivo de Sebadelhe ***Sebadelhe Metal Fest***
12 – **Attick Demons** / **Gwydion** / **Stonerust** / **Dallian** – RCA Club, Lisboa ***Back To Skull 2019***
12 – **Volbeat** [Din] / **Baroness** [E.U.A.] / **Danko Jones** [Can] – Coliseu dos Recreios, Lisboa
12 – **Vai-te Foder** / **Diabolical Mental State** / **Konad** / **Borf** / **Atomkrig** / **Not Enough** / **Carne Pa Canhão** / **Afta** – Silos Contentor Criativo/Box Edifício Ceres, Caldas da Rainha ***Pé de Ladrão Fest 2019***
12/13 – **Amenra** [Bel] / **Author & Punisher** [E.U.A.] / **Birds In Row** [Fra] / **Bliss Signal** [Irl] / **Candura** / **Daughters** [E.U.A.] / **Deafheaven** [E.U.A.] / **Emma Ruth Rundle** [E.U.A.] / **Gaerea** / **Ingrina** [Fra] / **Inter Arma** [E.U.A.] / **JK Flesh** [Ing] / **Nadja** [Can] / **Pelican** [E.U.A.] / **Portrayal Of Guilt** [E.U.A.] / **Some Became Hollow Tubes** [Can] / **Touché Amoré** [E.U.A.] – Hard Club, Porto ***Amplifest 2019***
15 – **The Flaming Sideburns** [Fin] – Sabotage Club, Lisboa
18 – **Ecstatic Vision** [E.U.A.] / **Astrodome** – Centro Cultural do Cartaxo, Cartaxo ***Cartaxo Sessions***
18 – **Hexis** [Din] / **Teethgrinder** [Hol] – Associação Gasoline, Barreiro
18 – **Solar Corona** / **The Quartet Of Woah!** – Bang Venue, Torres Vedras
19 – **Toxikull** / **Diabolical Mental State** / **Reverent Tales** – RCA Club, Lisboa
19 – **Booby Trap** / **Grimlet** / **Zurrapa** / **Waterland** – Rua do Calvário, Águeda ***1.º Calvário Rock Fest***
25 – **Hecate Enthroned** [Ing] / **Dantalian** [Col] / **Invoke** – RCA Club, Lisboa
25 – **Pixies** [E.U.A.] – Campo Pequeno, Lisboa
26 – **Grievance** / **Humanart** / **Dallian** / **My Enchantment** – Centro Cultural do Cartaxo, Cartaxo ***CTX Metal Fest IV***
26 – **Dollar Llama** / **All Against** / **Revenge Of The Fallen** – Side B Rocks, Alenquer ***Soul Rising Fest II - Stay Brutal***
26 – **Lyfordeath** – Roque Bar, Lordelo, Paredes
26 – **Patrulha do Purgatório** / **Grito!** / **Gary Yamamoto E Saci Pererê** / **Queers Of Rock And Roll** / **Taberna** / **INИO中IVH!** [Esp] / **Mata-Ratos** – Pavilhão do Anjo da Guarda, Fatela, Fundão ***Fatela Sónica***
30 – **Mark Lanegan Band** [E.U.A.] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
31 – **Mark Lanegan Band** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
31 – **Affäire** / **The Bateleurs** / **DJ Carlos Freitas** – Side B Rocks, Alenquer
31 – **Apotheus** / **Moonshade** – Canecas Bar, Paços de Ferreira
31 – **Horns** / **Theriomorphic** / **Enblood** – Cine Incrível, Almada
31-02 – **Rostorchester** [Suí] / **Wacht** [Suí] / **Kringa** [Aut] / **Alruna** [Aut] / **Hagzissa** [Aut] / **Hail Conjurer** [Fin] / **Void Prayer** [Bos] / **Sulphuric Night** [Bos] / **Sanguine Relic** [E.U.A.] / **Mons Veneris** / **Voëmmr** / **Degredo** / **Tormentü** / **Occelensbrigg** / **Irae** / **Balmog** [Esp] – Metalpoint, Porto ***Invicta Requiem Mass V***

NOVEMBRO

01 – **My Enchantment** / **Strikeback** / **Legacy Of Cynthia** / **Swim To Drown** – CAE Portalegre – Quinta das Beatas, Portalegre ***VI Portalegre Core Fest***
02 – **Corpus Christii** / **Valafar** [Ing] / **Biolence** / **Dharma** / **Wicked** / **Phreneticis** / **Basalto** / **Skinning** / **Destroyers Of All** / **Congruity** / **Basement Torture Killings** – Pavilhão Multiusos, Malveira ***Oeste Underground Fest IV***
04 – **Moonspell** / **Rotting Christ** [Gre] – Hard Club, Porto
05 – **Moonspell** / **Rotting Christ** [Gre] – Capitólio, Lisboa
09 – **Aborted** [Bel] / **Entombed A.D.** [Sué] / **Baest** [Din] – LAV – Lisboa ao Vivo, Lisboa
09 – **Necrowretch** [Fra] / **Skelethal** [Fra] / Vectis / Nihility – Metalpoint, Porto
09 – **Blame Zeus** / **Sugiru** / **Secret Chord** – Hard Club, Porto
09 – **Godspeed You! Black Emperor** [E.U.A.] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
09 – **Ramp** / **Simbiose** / **Diabolical Mental State** / **Medo** / **Shivers** / **Mercic** / **Suspeitos do Costume** / **ThrashWall** – Mimosa, Alvalade, Santiago do Cacém ***Alvalade Arise 2019***
10 – **Godspeed You! Black Emperor** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
15 – **CineMuerte** – Cine Incrível, Almada
15 – **Juseph** / **Ulfberth** – Ferro Bar, Porto
16 – **Blame Zeus** / **The Fuzz Dogs** / **CineMuerte** – RCA Club, Lisboa
20 – **Brainstorm** [Ale] / **Sinheresy** [Ita] – RCA Club, Lisboa
21 – **Agnostic Front** [E.U.A.] – RCA Club, Lisboa
22 – **Inner Blast** / **Hourswill** / **Revenge Of The Fallen** – RCA Club, Lisboa
23 – **Alcoholocaust** / **Midnight Priest** / **Ravensire** / **Toxik Attack** – RCA Club, Lisboa
23 – **Thörne** / **Oak** / **Ulfberth** – Texas Bar, Leiria
27 – **Crystal Viper** [Pol] / **Kilmara** [Esp] / **Speedemon** – RCA Club, Lisboa

10.12/13 - AMPLIFEST

11.04/05 - MOONSPELL / ROTTING CHRIST

29-01/12 – **Madball** [E.U.A.] / **Carnivore A.D.** [E.U.A.] / (…) – Sala Tejo, Lisboa ***Lisbon Tattoo Rock Fest***
30 – **Poets Of The Fall** [Fin] / (…) – RCA Club, Lisboa
30 – **Agathocles** [Bel] / **R.D.B.** / **Devileech** / **Undersave** / **Systemik Viølence** / **Acromaníacos** – Motoclube do Oriente (Tribo Motard), São João da Talha ***Hammer Smashed Fest***
30 – **D-A-D** [Din] – Capitólio, Lisboa
30 – **Blame Zeus** – ARCM, Faro

DEZEMBRO

01 – **Max & Igor Cavalera** [Bra] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa ***Return Beneath Arise***
01 – **My Enchantment** – Theatro Club, Cacém
05 – **Vulcano** (Bra) / **Alcoholocaust** – Metalpoint, Porto
06 – **Alter Bridge** [E.U.A.] / **Shinedown** [E.U.A.] / **The Raven Age** [Ing] – Altice Arena – Sala Tejo, Lisboa
06-08 – **Paradise Lost** [Ing] / **Alcest** [Fra] / **Solstice** [Ing] / **Disillusion** [Ale] / **Daylight Dies** [E.U.A.] / **Heavenwood** / **Outshine** [Sué] / **Total Death** [Ecu] / **Consecration** [Ing] / **Darkher** [Ing] / **Petrichor** / **Ardours** / **Pântano** / **Wells Valley** / **Dogma** / **Nighttime Birds** – RCA Club / Lisboa Ao Vivo, Lisboa – ***Under The Doom Festival***
07 – **Prayers Of Sanity** / **Vortex Core** / **Hourswill** / **Speedemon** / **Beyond Carnage** / **Dogma** / **RataXXX** – Sede UDCA, À-dos-Loucos, Vila Franca de Xira
08 – **Bruce Dickinson** [Ing] – Aula Magna, Lisboa ***One-Man Speaking Show***
08 – **In Obscurity Revealed** [Mex] / (…) – Metalpoint, Porto
10 – **Ghost** [Sue] / **All Them Witches** [E.U.A.] / **Tribulation** [Sue] – Altice Arena – Sala Tejo, Lisboa
11 – **Nitzer Ebb** [Ing] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
12 – **Nitzer Ebb** [Ing] – Hard Club, Porto
15 – **Atilla** [E.U.A.] / **Veil Of Maya** [E.U.A.] / **Sylar** [E.U.A.] / **Ho Chi Minh** – Hard Club, Porto
16 – **Atilla** [E.U.A.] / **Veil Of Maya** [E.U.A.] / **Sylar** [E.U.A.] / **Ho Chi Minh** – RCA Club, Lisboa
28 – **Filii Nigrantium Infernalium** / **Atlas Pain** [Ita] / **Cavemaster** / **Dawn Of Ruin** / **EnChanTya** / **Nematomorphos** / **Synlakross** [Esp] – Milagre Metaleiro – Associação Cultural, Pindelo dos Milagres, São Pedro do Sul ***Assembleia do Metal***

JANEIRO

11 – **Praying Mantis** [Ing] / **Ancient** [Nor] / **Xentrix** [Ing] / **Blitzkrieg** [Ing] / **Blood** [Ale] / **Sacred Sin** / **Iron Void** [Ing] / **Dark Embrace** [Esp] / **Infraktor** / **Karbonsoul** / **Godark** – Associação Cultural de Santo André, Mangualde ***Mangualde HardMetalFest***
11 – **R.A.I.V.A.** / **Hourswill** / **Uivo Bastardo** / (…) – RCA Club, Lisboa ***Seventeen – aniversário Ethereal Sound Works***
17 – **Malevolent Creation** [E.U.A.] / **Spasm** [R.Che] / **Unfathomable Ruination** [Ing] / **Holocausto Canibal** / **Cytotoxin** [Ale] / **Rectal Smegma** [Hol] / **Nashgul** [Esp] / **Serrabulho** / **Acranius** [Ale] / **Analepsy** / **R.D.B.** / **Kadaverficker** [Ale] / **Twitch Of The Dead Nerve** [Ing] / **Party Cannon** [Ing] / **Bleeding Display** / **MDMA** [Esp] / **ByoNoiseGenerator** [Rus] / **Disturbance Project** [Esp] / **Diaroe** [Ale] / **Cronaxia** – RCA Club, Lisboa ***XXXapada na Tromba Festival 2020***

PRÓXIMA LOUD! **#224**

MAYHEM BLIND GUARDIAN
AGNOSTIC FRONT NILE
CATTLE DECAPITATION ANGEL WITCH

AMAZING events APRESENTA

TOXIKULL

CONCERTOS DE APRESENTAÇÃO
CURSED AND PUNISHED

PORTO
11 OUTUBRO
METALPOINT

LISBOA
19 OUTUBRO
RCA CLUB

THE FLAMING SIDEBURNS

2019

15 OUTUBRO
SABOTAGE CLUB
(LISBOA)

HELL OVER EUROPE III

Cancerbero
Asphyx
Bolt Thrower

RCA CLUB | 8 NOVEMBRO

AGNOSTIC FRONT

THE GODFATHERS OF HARDCORE

CELEBRATING 35 YEARS OF
VICTIM IN PAIN

21 DE NOVEMBRO | RCA CLUB

BEING AS AN OCEAN

CONVIDADOS
NOVELISTS
DREAM STATE

30.11.19
ESTÚDIO TIME OUT

VAGOS METAL FEST

30 31 JULHO 01 AGOSTO 2020 QUINTA DO EGA VAGOS PORTUGAL

TESTAMENT
+ HARAKIRI + FOR THE SKY
Asphyx
Trollfest

BILHETES EM BOL.PT E PONTOS DE VENDA HABITUAIS
SEGUE-NOS NO FACEBOOK E INSTAGRAM @AMAZINGEVENTS.PT